

Tânia Fedotovas Lopes

Ouro Preto: o drama social do direito ao patrimônio

**Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de Antropologia Social do Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade
Estadual de Campinas sob orientação do
Profº Drº José Luiz dos Santos**

Este exemplar corresponde à
redação final da dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em
31/03/2004

Banca

Profº Dr. José Luiz dos Santos (orientador)



Profª Drª Rita de Cássia Lahoz Morelli



Profª Drª Silvia Hunold Lara



Março/2004



UNIDADE PC
Nº CHAMADA UNICAMP
L8810
V _____ EX _____
TOMBO BCI 57963
PROC 16-117-04
C _____ D x
PREÇO 11,00
DATA 26/05/04
Nº CPD _____

CN00197682-4

BIB ID 316340

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

L8810 **Lopes, Tânia Fedotovas**
Ouro Preto : o drama social do direito ao patrimônio / Tânia Fedotovas Lopes - Campinas, SP : [s.n.], 2004.

Orientador: José Luiz dos Santos.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Patrimônio cultural - Proteção. 2. Ritual. 3. Turismo.
4. Cidades históricas. 5. Festas populares. 6. Semana Santa.
7. Antropologia social. 8. Ouro Preto (MG) – Carnaval. I. Santos, José Luiz. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

20040756

A dona Aleks e ao seu Manuel, pelo amor, apoio e carinho de anos e anos e tantos

mais,

Sem vocês eu não teria conseguido.

Valeu a força e o amor!

Agradecimentos

Agradeço a todos os que me informaram e me receberam carinhosamente em suas casas, respondendo perguntas sobre suas práticas e histórias de suas vidas e de Ouro Preto.

Agradeço o apoio financeiro da FAPESP que me concedeu uma bolsa durante dois anos para a realização dessa pesquisa de mestrado.

Aos meus amigos e amigas de lá que me hospedaram e pularam vários carnavais e alguns me acompanharam nas procissões da Semana Santa.

Aos meus amigos de cá que me aturaram e outros que perdi. Destes a ausência mais presente foi sem dúvida de Alberto Vasquez, um amigo que sempre agüentou as minhas doses de mau humor até o dia que exagerei na cobrança e talvez você saiba do que estou falando. Quem sabe um dia você me perdoe.

Aos amigos de graduação e hospedagem Vítor, Douglas, Gabriela, Tatiana.

As minhas duas cúmplices e almas gêmeas: Silvana Oriente e Kátia Mika Nishimura. Anos de amizade, desabafo, risos, sorvetes, carinho, pronto-socorro e força.

Ao socorro prestado por Lea Rodrigues e Alicia em um momento vital para o prosseguimento de meu mestrado, sem a vossa interferência não sei o que teria acontecido.

Em especial as professoras Suely Kofes e Clementina Pereira Cunha por terem me ajudado nessa incrível arena quando, às vezes, os bastidores da vida se revelam.

Agradeço a leitura da primeira versão desse texto realizada por Joana Fernandes Silva, porque em meio às festas de fim de ano você arranjou um tempinho.

As professoras Rita Lahoz Morelli e Silvia Lara por terem aceitado participarem da banca com suas leituras criteriosas e perguntas, sugestões e prazos de leitura. Muito obrigada.

Não posso esquecer duas amigas que me ajudaram nestes tempos difíceis e dolorosos: Regina Stela M. Passos e Denise Roa.

Finalmente ao meu orientador José Luiz dos Santos que teve toda a paciência de esperar os textos, mudança de prazos e por ter aceitado essa tarefa no caos em que se deu e também por aceitar a orientação e pela força.

Abstract

This research has as empiric local the city of Ouro Preto. My question (is): to research the social life by two rituals – Carnival and “Semana Santa¹”. My goal is to understand the relation between national and world heritage and tourism. To do this I’m using the Victor Turner’s concept of social drama. At the end I verify a tension in Ouro Preto: to reside in a symbolic nucleus and at the same time living the social life in a common city.

Resumo

Esta pesquisa tem como local empírico a cidade de Ouro Preto. A questão: investigo a vida social a partir de dois rituais, carnaval e Semana Santa, com o objetivo de compreender a relação entre patrimônio e turismo. Utilizo o conceito de drama social de Victor Turner. Concluo a tensão existente em Ouro Preto: viver em um núcleo simbólico e a vida social em uma cidade comum.

¹ Semana Santa is the Easter Tide, composed by the days before the Easter Sunday.

Índice

Introdução	p. 1
1. Vozes do tombamento	p. 21
Instituto Histórico de Ouro Preto	p. 35
2. O drama social da Semana Santa: tradição e turismo	p. 57
Apresentando a festa	p. 59
O drama social da reza	p. 61
Fragmentando os rituais	p. 65
Procissão do encontro	p. 67
Outros atos da Semana Santa turística	p. 74
Lava - pés	p. 75
Descendimento da cruz e procissão do enterro	p. 80
Procissão da Ressurreição	p. 89
3. O Carnaval em Ouro Preto	p. 101
Sobre os blocos	p. 108
Sobre Escolas de Samba	p. 115
Lá vem o velho tradicional Zé Pereira	p. 121
4. Turismo e Patrimônio em Ouro Preto	p. 129
Museu Escola: aprender e apreender o patrimônio de Ouro Preto	p. 129
Turismo, patrimônio e vida social em Ouro Preto	p. 134
Interpretando os roteiros turísticos sobre Ouro Preto	p. 139
Considerações finais	p. 163
Fontes e Arquivos Pesquisados	p. 169
Bibliografia	p. 171
Anexo 1	p. 174

Introdução

Este trabalho constitui a dissertação de mestrado cujo local da pesquisa empírica é a cidade de Ouro Preto localizada na região centro-sul de Minas Gerais e que, na sua porção tombada, é um pólo de atração turística, classificada como uma das cidades históricas mineiras, do mesmo modo que o são: Mariana, Congonhas do Campo, São João Del Rei, Tiradentes, Diamantina, Serro. As propagandas turísticas¹, parte do agenciamento usufruído pelos moradores da história institucionalizada através dos diversos roteiros sobre Ouro Preto, destacam-na como a que possui o maior acervo tombado² e o maior número de edificações preservadas. No entanto, não considero essa apresentação turística de modo unívoco e acrítico por quem dela recorre, mas sim como uma informação elucidativa sobre os caminhos que vão sendo construídos sobre a nação brasileira através do turismo.

O município, com área de 1274 Km², é constituído por 11 distritos³ e a sede Ouro Preto à qual estarei me referindo neste estudo, especialmente ao seu centro histórico. No caso de considerar-se o município como um todo isso será devidamente explicitado.

¹ Estou considerando as propagandas de sites da internet: homepages específicas sobre Ouro Preto: os museus da cidade, a Universidade Federal de Ouro Preto. Homepages da UNESCO, IPHAN e Minas Gerais possuem links que fornecem informações sobre a cidade. Considero também os folders da prefeitura de Ouro Preto, vários tipos de guias e mapas vendidos nos locais turísticos da cidade. Esses locais serão relatados mais a frente.

² Tombado são os bens imóveis e móveis inscritos no livro do tomo instituído pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

³ Os distritos são: Amarantina, Antônio Pereira, Cachoeira do Campo, Engenheiro Correia, Glaura, Miguel Burnier, Rodrigo Silva, Santa Rita de Ouro Preto, Santo Antônio do Leite, Santo Antônio do Salto, São Bartolomeu.

Ouro Preto é classificada como patrimônio histórico e artístico nacional e da humanidade⁴, classificação esta que abrange o centro histórico, e, tanto os moradores locais quanto as propagandas turísticas, enfatizam e constroem como sendo a identidade do município. Devido à sua condição de patrimônio, a cidade, mais exatamente o seu centro histórico, é um dos marcos históricos da nação Brasil.

Do ponto de vista dos moradores, o seu dia a dia na cidade é dividido com os turistas e há lugares e eventos que são utilizados de modos distintos por esses atores revelando as disputas em torno dessa designação de cidade patrimônio nacional e da humanidade. Essa classificação e as propagandas turísticas são incorporadas pelos diferentes atores aqui presentes, a fim de se identificarem e negociarem seus interesses e reivindicações.

Com o objetivo de compreender o imbricamento entre patrimônio e turismo, essa dissertação de mestrado investigará a vida social a partir de dois rituais: Carnaval e Semana Santa.

Para isso pretendo apresentar como se deu o processo de construção desse marco simbólico - o tombamento - e a tensão gerada a partir deste mesmo processo, ou seja aquela de viver em um núcleo simbólico institucionalizado local onde ocorre a vida social dessa cidade. O material aqui analisado é fruto de uma investigação iniciada em 1996 com o intuito de ser uma pesquisa exploratória que viesse a constituir-se em uma

⁴ Em 1933, Ouro Preto, foi elevada a monumento nacional pela ação oficial de Getúlio Vargas. Em 1937 a cidade foi colocada sob a guarda do recém instalado SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [atual IPHAN - Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional]. Em 1980, Ouro Preto, tornou-se pela ação da UNESCO patrimônio da humanidade. No decorrer do texto utilizo as abreviaturas SPHAN e IPHAN. Utilizarei no capítulo 1o termo SPHAN como era designado naquele período pois inicialmente o serviço de salvaguarda do patrimônio nacional chamava-se SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, posteriormente foi transformado em Instituto - IPHAN e é este termo que eu utilizarei nos demais capítulos.

iniciação científica⁵. Nesta pesquisa⁶ o objetivo era identificar quais os diferentes significados que os organizadores de escolas de samba e de blocos carnavalescos e os foliões atribuem ao Carnaval e de que modo se organizam e participam dessa manifestação. Além disso, determinei como marco temporal o período que vai da época do tombamento (1930), até os dias atuais. Assim procedendo, consegui cruzar dois símbolos de identidade nacional: o patrimônio e o Carnaval.

A princípio, pensei em entrevistar os sujeitos de Ouro Preto que participaram e interpretaram o tombamento e, para isso, privilegiei como fonte para o material de pesquisa os debates travados pela imprensa escrita local. Todavia, esse material se perdeu, restando somente alguns fragmentos de exemplares esporádicos e poucos boletins do Instituto Histórico de Ouro Preto. Assim, recorri a informações em outros trabalhos, mas essas fontes secundárias também foram escassas. As informações que coletei foram em grande parte das representações dos moradores, pois, a pesquisa também contemplava o momento atual.

Não foi possível encontrar fontes primárias como a imprensa escrita que permitissem captar como se deram os debates no calor da hora do tombamento. O que obtive foram alguns recortes do acervo do IPHAN que me possibilitaram cobrir os anos entre o tombamento e o período de declaração da cidade como Monumento da Humanidade. Já a década de 1990 possui vasto material da imprensa escrita. Desta forma, o trabalho contemplou os marcos significativos apontados pelas fontes e representações dos atores de Ouro Preto.

⁵ A pesquisa foi financiada pela FAPESP, na área de História, com o título: A festa, a cidade e os espíritos - o Carnaval em Ouro Preto - folias entre 1930 e 1997", o qual foi orientado pela Prof^a Dout^a Maria Clementina Pereira Cunha.

⁶ Os primeiros entrevistados foram os organizadores de blocos e escolas de samba os quais, por sua vez, me indicaram outras pessoas para serem entrevistadas o que ampliou o meu leque de conhecimentos e contatos. Neste trabalho utilizo nomes fictícios para os entrevistados.

Em relação ao Carnaval selecionei os diretores, presidentes e carnavalescos das escolas de samba e dos blocos através dos quais outros atores, não necessariamente vinculados com a organização dessas manifestações, foliões ou não, foram também entrevistados. Neste leque que se ampliava inseri os artistas plásticos, que recriam a imagem de Ouro Preto e têm suas atividades diretamente relacionadas com o objetivo turístico.

Na pesquisa do mestrado inseri outra festa tão significativa para a população quanto o carnaval: a Semana Santa. Para obter os dados incorporei aqueles que eu já havia coletado na pesquisa anterior e acrescentei entrevistas com os organizadores e participantes das Irmandades e alguns padres locais. Mas como a vida em sociedades não se constitui apenas de festas, entrevistei líderes de associação de bairro e até sindicatos e alguns guias turísticos.

Em relação às escolas de samba, aumentei o número das pessoas entrevistadas que participaram da fundação das mesmas, os que fazem parte da diretoria ou os seus carnavalescos; para os blocos, foram entrevistados os seus fundadores. No total, foram 37 entrevistas gravadas⁷, sete entrevistas e conversas informais com moradores e estudantes que foram apenas anotadas⁸.

As entrevistas tiveram como núcleo comum as questões: Qual a relação social estabelecida entre a comunidade e o IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Qual a representação de sujeitos que experimentam de diferentes maneiras viver no Patrimônio e compartilhar das tradições carnavalescas; O que significa

⁷ Deste total apenas duas foram coletivas. Ambas foram com pessoas de escola de samba, mesmo assim procurei direcionar para a experiência individual dos integrantes.

⁸ Os estudantes não foram considerados na análise, pois constituem outras redes de relações que não estão privilegiadas nessa pesquisa. A incorporação desses atores representaria um desvio dos objetivos propostos neste trabalho.

uma escola de samba em Ouro Preto? Algo deslocado, uma espécie de importação do Rio de Janeiro ou uma manifestação principalmente difundida pela mídia, tornando-se assim modelo e referência simbólica do nacional, na maneira de se brincar o carnaval; O que significa para o folião a manifestação que ele organiza; Qual a importância que o carnaval assume em uma cidade histórica; Quem organiza a Semana Santa; Qual o local ocupado por cada Irmandade durante a procissão; O que significa, para os fiéis, participar das procissões da Semana Santa; Qual a relação entre Carnaval e turismo; Qual a relação entre Semana Santa e turismo?

No decorrer, e mesmo durante a pesquisa, as entrevistas adquiriram um caráter de roteiro aberto não se atendo somente às questões pré-estabelecidas. Outros caminhos a serem investigados surgiram e aspectos não contemplados previamente impuseram-se, como, por exemplo, a forma através da qual os moradores e turistas são diferenciados em categorias: nativos, forasteiros, turistas, estudantes⁹.

Os sentidos e os significados que os diferentes sujeitos atribuem às suas práticas estão presentes nas suas falas, e também nas suas ações diárias, seus relacionamentos e inserção nas redes sociais que estabelecem. A análise considera as entrevistas em suas particularidades e integradas como um todo, o conjunto de que fazem parte. Informantes travam diálogos e estabelecem relações como vizinhos da mesma cidade e como organizadores da folia do carnaval e da Semana Santa. Não apenas os diálogos e conversações são considerados, mas também os seus atos e performances. De suas representações busco retirar indicações de que suas práticas culturais inscrevem significados e sentidos como sujeitos em Ouro Preto. A análise dos discursos e de suas

⁹ Esclareço que esses termos são utilizados pelos próprios moradores da cidade e não apenas pelos entrevistados.

ações possibilita entender a lógica das estruturas de significados que estão sendo compartilhados e elaborados em público. O carnaval e a Semana Santa tornam-se, assim, documentos de atuação que permitem a leitura das inscrições destes sujeitos tanto nestas festas quanto no cotidiano de patrimônio. As relações de sentido que estão sendo travadas e negociadas são estabelecidas também através da observação participante.

No decorrer deste trabalho de mestrado, submeti a presente monografia a Gabriela, carnavalesca entrevistada que apontou os aspectos positivos por mim enfatizados sobre o Carnaval e sobre a questão dos moradores se representarem como anfitriões e zeladores desse acervo nacional. Assinalou que eu tinha amenizado o ônus que é morar em uma cidade patrimônio e não enfatizava as reivindicações dos moradores quanto aos seus direitos culturais, tendo em vista o discurso oficial do IPHAN ao considerar a salvaguarda da memória como uma garantia de acesso à cidadania.¹⁰

A crítica de Gabriela recaiu também sobre a questão das controvérsias em torno do significado da participação cultural, da cidadania, da história e da identidade, questões estas todas presentes nas entrevistas, mas que, no momento da iniciação científica, não podiam ser tratadas, exigindo um prazo maior e uma investigação mais detalhada.

Em um primeiro momento da pesquisa de mestrado julguei ser mais relevante pormenorizar as categorias que se confrontavam em Ouro Preto que foram citadas anteriormente. As entrevistas foram feitas em momentos distintos da pesquisa. Procurei ir preenchendo as lacunas que surgiam em minhas perguntas, ampliando as entrevistas abertas originais que haviam seguido um roteiro prévio.

¹⁰ Esses aspectos são salientados pelo discurso oficial do IPHAN - Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e também da UNESCO.

Contudo prosseguindo nas investigações, verifiquei que o importante era analisar os conflitos e disputas articulados por esses diferentes atores significando daí categorias contrastantes por eles utilizadas.

Convém fazer algumas explicitações. Entendo a vida social como um processo no qual os vários atores estão em constantes disputas e alianças de significados atuando e travando jogos de poder no palco que é a sua cidade. Entre os grupos estão os hoteleiros e donos de pousadas, padres, artesãos, comerciantes, artistas plásticos, associações de bairro, Irmandades, associados de clubes de futebol, estudantes, moradores, vereadores, visitantes, entre outros. Esses diferentes grupos não apresentam uma homogeneidade interna, há divergências e debates entre eles. No entanto, quando se apresentam em público referem-se ao seu grupo, e apresentam as opiniões pessoais e suas devidas posturas referindo-se ao conjunto do qual fazem parte. Deste modo as várias disputas acabam configurando a sede Ouro Preto em um leque de significados que articulam uma tensão que tem por pólos: um marco privilegiado sobre a construção simbólica institucionalizada da nação e o fato de ser uma cidade comum.

O termo *cidade comum* assume o sentido de que, embora Ouro Preto, sob a ótica das publicações oficiais e das propagandas turísticas seja apresentada como portadora de uma boa qualidade de vida para seus cidadãos, a cidade vive às voltas com os problemas que atingem todas as outras: saneamento básico, educação, moradia, violência, assistência médica pública.

O título que lhe alça a patrimônio de uma nação e da humanidade permite que a cidade seja classificada e aproveitada como cidade turística. O turismo tem destaque como atividade privilegiada tanto para tirar proveito econômico quanto na construção

simbólica da cidade. As propagandas turísticas apresentam Ouro Preto como um pólo cultural, a cidade sedia a Universidade Federal de Ouro Preto¹¹ e a Escola Técnica Federal de Ouro Preto¹².

Porém a cidade comum enfrenta problemas que não passam nem perto das propagandas turísticas oficiais. Nessa cidade desfilam sujeitos para quem os vários adjetivos atribuídos a Ouro Preto não significam absolutamente nada positivo mas são corpos estranhos às vidas da população. Para esses sujeitos, o investimento em infra estrutura voltada para o turismo e as verbas para a restauração dos imóveis, ainda que precárias, são os elementos responsáveis pela falta de investimentos públicos em necessidades básicas tais como: alimentação, emprego e moradia. Chega a tornar-se um paradoxo: essa cidade repleta de hotéis e pousadas é a mesma que coloca seus moradores nos morros, em condições precárias de habitação. A população, de um modo geral, afirma que é mais interessante para o poder público investir na restauração dos bens imóveis tombados, que são pontos turísticos, do que em saneamento básico, entendendo que este tipo de política prioriza o turista em detrimento do cidadão local. O patrimônio chama muito mais a atenção, projeta os que dele cuidam, enquanto que o investimento em saneamento acaba sendo uma obra soterrada que não irá gerar lucros políticos. Em relação a questão ambiental, as matas e cachoeiras são enaltecidas para os turistas como belas, resplandescentes e puras, são a coroa que cabe à jóia que Ouro Preto representa. As bicas que alimentam os chafarizes em profusão, as minas d'água abundantes em Ouro Preto aparecem também como límpidas e cristalinas, porém várias delas estão impróprias para consumo, necessitando de tratamento.

¹¹ Os cursos oferecidos pela UFOP são: Engenharia Civil, Metalúrgica, Geológica, de Minas, Gerencial e Econômica, Farmácia e Nutrição, Letras, História e Direito.

¹² Os cursos oferecidos são: Mineração, Metalurgia, Edificações, Computação e Desportos.

A classificação patrimônio para uns é entendida como um adjetivo enaltecendor à sua cidade, mas exatamente o que enaltece também é o que impede mudanças no seu cotidiano, desde as construções e até nas próprias manifestações culturais, como o Carnaval e a Semana Santa. Esses são os dois rituais privilegiados nessa discussão para a vida social. Eles são significativos tanto para a população quanto para os turistas. Essas festas encerram múltiplos significados para aqueles que as organizam, as festejam, brincam, reverenciam ou vendem, já que são duas festas incluídas no calendário turístico e as que mais lotam a cidade.

Decorrem daí as questões secundárias, mas importantes por revelarem a inter-relação anteriormente apontada: Qual o impacto que o turismo exerce sobre a vida social de Ouro Preto? Em que medida a atividade turística afeta a organização que os moradores fazem das manifestações aqui privilegiadas, o Carnaval e a Semana Santa? Qual a construção das propagandas turísticas sobre Ouro Preto? De que forma a condição de patrimônio da cidade acaba por assumir a forma de um cenário que configura a pertinência de certas manifestações da população? Como a população se relaciona com a fiscalização e atuação do IPHAN em Ouro Preto?

Uma das matrizes teóricas aqui utilizadas para a análise dos dados empíricos é aquela de Victor Turner. Este autor considera que é durante o ritual que os valores da ordem social do grupo emergem e nele são expressos de forma pública, convencional e obrigatória¹³.

¹³ Turner retira essa definição do trabalho de Monica Wilson, nas palavras dessa autora: "Os rituais revelam os valores no seu nível mais profundo... os homens expressam no ritual aquilo que os toca mais intensamente e, sendo a forma de expressão convencional e obrigatória, os valores do grupo é que são revelados. Vejo no estudo dos ritos a chave para compreender-se a constituição essencial das sociedades humanas" citado em V. Turner, (1974). O trabalho citado de Wilson, M. "Nyakyusa ritual and symbolism". American Anthropologist, vol. N °56, n ° 2, 1954.(p.241).

O seu trabalho embasa-se nos ritos de passagem de Van Gennep (1978). Este destacou que os aspectos sagrado e profano não são intrínsecos ao ritual; este pode ser estendido à vida social de uma maneira geral ou apenas à questão religiosa. Em seu trabalho Van Gennep, faz a analogia a uma casa para pensar a sociedade; deste modo, cada cômodo representa uma fase da vida social e a passagem de um cômodo para outro corresponde ao rito social de passagem de um status social a outro revelando, assim, a dinâmica social.

A influência de Van Gennep na obra de Turner, é perceptível na sua preocupação com a pragmática do ritual, seus ritos de passagem esboçam o caráter processual.

A sua unidade de descrição e análise, drama social, revela as relações travadas entre os diversos atores, ressalta os meandros das redes de significados e o modo pelo qual se dá a sua estrutura. Segundo Turner, em O Processo Ritual, a estrutura contempla as combinações de relações que governam e as que são travadas entre pessoas e os cargos que estas ocupam. Esta noção também contempla os conflitos decorrentes dos diferentes interesses dessas pessoas. Segundo esse autor a estrutura possui um caráter cognitivo e os conflitos são as bases que os atores utilizam para se referenciar nas suas experiências sociais. Essa dimensão permite que eu associe ao sentido de estrutura utilizado no conceito de cultura de Geertz segundo o qual esta mesma cultura: *“denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam estruturas e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida”* (1989, p.103) Saliento que não desconsidero as diferenças das matrizes teóricas entre esses autores nos trabalhos citados, mas ressalto que, no prosseguimento da

obra de Turner este irá se referir a Geertz em The Anthropology of Performance e em From Ritual to Theater especialmente ao pensar a questão da experiência social e a performance dos indivíduos.

Turner desenvolve o conceito de drama social inicialmente em seu trabalho Schism and Continuity in an African Society. O drama social enfatiza e traz ao primeiro plano, já que é uma unidade de análise em plena situação de conflito, as disputas da estrutura social que emergem e aparecem à tona pois, segundo ele, os conflitos se encontram camuflados na opacidade do cotidiano imerso em contradições. Desta forma, o drama social é uma unidade analítica que fornece pistas valiosas para desvendar a característica do sistema social, resalta os meandros das redes de significados e o modo pela qual se dá a sua estrutura e hierarquia.

Segundo Victor Turner, em O Processo Ritual a estrutura combina as relações que governam e as que são travadas entre pessoas e os cargos que estas ocupam. Esta noção também contempla os conflitos inerentes e decorrentes dos diferentes interesses dessas pessoas. Segundo esse autor a estrutura possui um caráter cognitivo, que é a base que os atores utilizam para se referenciar nas suas experiências sociais. Os dramas sociais são divididos em três fases : ruptura, liminaridade e reagregação ou extensão do conflito. A margem é um momento ritual que tende a negar a estrutura social embora esteja contida nela. É um momento da mudança do antigo status para um novo que ainda não foi efetivamente obtido. A liminaridade, por sua vez, suspende a estrutura social ritualmente, mas os indivíduos retornam a essa mesma só que em outro estado, com outro status. Juntamente à liminaridade está a *communitas*. Estes são momentos sociais quando as pessoas se sentem parte de uma sociedade fraterna, igualitária, porém seu caráter é

efêmero e acaba recaindo na estrutura reforçando-a. Para esse autor, a dinâmica social sempre tende a estrutura social re-significando-a.

Ao estudar a sociedade ndembu Turner encontrou a contradição estrutural: virilocalidade e matrilinearidade. As disputas são decorrentes do fato de que a matrilinearidade significa que a linhagem descende da família materna enquanto virilocalidade diz respeito ao local de moradia do novo casal e conseqüentes filhos nas terras do marido. Ora, sendo o casal de locais diferentes os conflitos giram em torno do fato de que os pais querem reter os seus filhos em caso de divórcio do casal. Estas querelas formam-se em torno de direitos de residência, sucessão a chefia e herança de propriedade de armas. Essas mesmas três fases são utilizadas em sua análise em O Processo Ritual, para verificar como, através dos rituais ndembu, os conflitos entre os antagonistas, até mesmo casos de esterilidade, são resolvidos. Porém em Dramas, Fields and Metaphors – symbolic action in human society, Turner irá estender seu conceito de drama social, metáforas rituais, multivocalidade, processo social, entre outros para pensar a ação simbólica humana, ressaltando que esse conceito pode ser aplicado de maneira ampla, da família ao Estado.

A experiência é compartilhada e comunicada, há troca de mensagens e símbolos culturais.

Acompanhando esses autores entendo que é no ritual que se tem a dramatização dos significados culturais e sua comunicação, aparecendo aí a metáfora do teatro. É também o estágio em que acontecem as disputas e conflitos dos diferentes significados que são expressos publicamente. Assim, o ritual dramatiza as representações culturais e o

drama social permite ressaltar certos aspectos teatrais e estéticos nessa análise da cidade patrimônio.

Retomo Geertz. Mesmo utilizando seu conceito de cultura entendo que sua análise, embora apresente as redes de significados com a sua polissemia, não as esmiúça nem tampouco apresenta os conflitos inerentes dessa mesma disputa por diferentes significados. O que o autor mostra são as suas análises sobre a hierarquia dos significados culturais e não os atores e seus conflitos na disputa sobre a disposição dos significados nessa hierarquia. E é aí que penso que Turner o complementa.

A Semana Santa é abordada como ato do drama social, é peça sobre a qual são atribuídos uma série de significados oficiais: da Secretaria de Turismo, da Igreja, da Nação. É com esses significados que procuro dialogar e mostrar a polissemia que tal festa revela através dos atores que dela participam.

Para se pensar a teatralização no presente estudo podemos lançar mão de outro grande auxílio, o trabalho de Geertz intitulado Negara onde o autor enfatiza o aspecto estético do poder sem contudo desconsiderar a sua mecânica. Em suas palavras “*o real é tão imaginado como o imaginário*”. (1991, p.170).

Reitero que, ao assinalar o aspecto estético do poder, não descarto a sua mecânica mas com isso enfatizo o aspecto político de construções simbólicas sobre o nacional com as práticas pedagógicas e disciplinares, sobretudo na época da instalação do IPHAN.

Teve influência decisiva na forma sob a qual o processo de tombamento se deu, a implementação do SPHAN, durante o Governo Vargas, quando foi institucional e oficialmente afirmado o esforço de preservar uma memória nacional. Esse governo se incumbiu de resgatar e cancelar o passado nacional oficialmente como política federal.

Desde o seu início o SPHAN foi dirigido por Rodrigo Melo Franco de Andrade¹⁴ membro ativo do grupo de modernistas mineiros.

A idéia de Mário de Andrade e dos ilustrados¹⁵ é que pela cultura se daria a razão. O seu grupo ilustre tinha em mente restaurar a força política de São Paulo a nível federal, através de um corpo de funcionários especializados, técnicos e administradores, qualificados para exercer as funções públicas. Com esse propósito criaram a Escola Livre de Sociologia e Política em 1933 e a Universidade de São Paulo em 1934.

Não se pode deixar de mencionar além da atuação político-pedagógica de Mário de Andrade, a sua fervorosa militância em abraçar os brasileiros através de sua produção intelectual. Livros, artigos sobre música, folclore, danças compõem um arsenal de um dos mais importantes teóricos modernistas sobre o que pretendia enquadrar como caráter nacional. Nessa sua busca pela singularidade do país explicam-se as suas viagens etnográficas pelo Norte e Nordeste¹⁶, além das viagens a Ouro Preto durante a Semana Santa. Dessa cidade, retirou a sólida impressão de ter redescoberto o Brasil. Esteve acompanhado por Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, Nonê (filho de Oswald), Blaise Cendrars (poeta modernista francês), Olivia Guedes Penteadó, Gofredo da Silva Teles e Carolina Penteadó, os quais ficaram conhecidos como a caravana paulista¹⁷.

A busca da brasilidade, da autenticidade da nação, desenvolveu-se no interior de uma produção intelectual que, desde fins do séc. XIX, se perguntava incessantemente, e até mesmo desesperadamente, se o país possuía condições de ter um futuro que o levaria

¹⁴ Rodrigo era formado em Direito e participava do grupo dos modernistas mineiros. Sua inserção nas artes se deu apenas uma única vez, quando escreveu seu único livro de contos, muito elogiado, Velórios. Sua carreira consistiu na direção do SPHAN.

¹⁵ Ressalto que Armando Salles de Oliveira era oposição a Getúlio Vargas.

¹⁶ Essas viagens foram relatadas de forma literária em O Turista Aprendiz.

¹⁷ A respeito dessa viagem e influência do poeta francês nos modernistas ver Amaral, Aracy A. Blaise: 1970.

à modernidade. Entre os empecilhos encontrados, deparavam-se os intelectuais com as teorias raciais da época e as mazelas tropicais do país.

Nesse contexto, Gustavo Capanema pediu a Mário de Andrade que, com sua experiência simbolicamente bandeirante e vindo de uma gestão no Departamento de Cultura, fizesse um texto com característica de anteprojeto sobre o que seria patrimônio nacional. Apesar de pouco ter sido aproveitado deste texto original Mário ainda permanece nas memórias da Instituição como um dos seus mentores.

A análise empreendida por Silvana Rubino¹⁸ apresenta a implementação do SPHAN¹⁹ - Serviço do Patrimônio histórico e Artístico Nacional - como resultante de negociações entre vários grupos que entabularam entre si discussões sobre sentidos divergentes. Seu trabalho é uma análise do SPHAN no período que foi dirigido por Rodrigo Melo Franco de Andrade, entre 1937 a 1968. Neste trabalho esmiuçou o discurso da Instituição no qual, ao referir-se a si própria, considera esses anos como o seu "*período heróico*". Foram os anos de implementação de um serviço que tinha por finalidade construir e preservar um patrimônio, algo inédito no país, daí os intelectuais e demais funcionários desse Instituto perpetuarem essa memória oficial sobre o período inicial como sendo empreendedor e ousado.

Não se trata de buscar continuidades lineares em dois momentos, o tombamento na cidade nem o momento atual, trata-se de interpretar como esses aspectos foram re-significados no decorrer do período do processo do tombamento.

Geertz aponta para a necessidade do contexto. Nesse ponto entendo que há uma concordância com os trabalhos de Turner. Este permite esmiuçar os atores e os conflitos

¹⁸ Rubino, Silvana 1994.

¹⁹ Conforme apresentado anteriormente essa instituição passou por diversas mudanças, mantenho a sigla usada pelo autor que estou analisando. Quando são as minhas observações utilizo a sigla IPHAN.

que eles travaram para esse processo recuperando sua historicidade. Geertz entende que o ritual une “*o mundo vivido e o mundo imaginado*” (1989; p.129) promovendo a consciência das diferentes representações simbólicas para os sujeitos. Afirma que a experiência está mediada por símbolos e é por meio deles que os indivíduos e grupos de indivíduos “*percebem, sentem, raciocinam, julgam e agem*” (1989; p. 272).

Mas não só os dramas permitem pensar sobre a fragmentação e alcançar uma maior visibilidade da construção das redes de significados armadas em torno desse processo de se viver em uma cidade patrimônio, vista nas festas da Semana Santa e do Carnaval, como também propiciam uma interligação de minha abordagem teórica entre o ritual e o teatro, pois se complementam afinal. Analiso a Semana Santa como um drama social, o que permite me deter sobre esse evento situando os atores, ações e conflitos que emergem.

No caso de Ouro Preto, os sujeitos disputam os significados que estão sendo vinculados em primeiro plano com a sua classificação de patrimônio e cidade turística, que são os sentidos oficiais. Neste caso, penso no agenciamento das propagandas turísticas realizado pelos atores em Ouro Preto sobre os discursos oficiais e a re-significação por parte desses que lá vivem, trabalham e reivindicam seus direitos, os quais se reportam aos símbolos oficiais mas de modos distintos de sua apresentação oficial.

A dramatização simbólica é aquela que assume o caráter ritual de performatizar os símbolos em gestos, metáforas, referências. São atuações sobre o que se pensa, são representações, contudo não são mentiras ou falsidades. Aliando ao teatro, o ritual possibilita a comunicação, pois, evidencia os sentidos e o contexto de sua atuação. Onde

são reveladas as re-significações das fases do drama social aqui analisado. Assim é que, na disposição do espaço destinado a cada evento, pode-se perceber qual o destaque dado e a quem. Quem fica com o primeiro plano do que está sendo retratado?

As representações da cultura são o contexto onde os atores interagem. Geertz ressalta que esses sentidos são públicos e que as representações dos atores são interpretadas não apenas a partir da inscrição dos discursos, mas também das ações destes. O rito inscreve a sociedade no indivíduo. Todos os autores citados compartilham da idéia que os rituais promovem transformações e exprimem a mudança. Há a interpretação dos significados da cultura onde os atores estão inseridos e assim cada qual confere um sentido às suas práticas, pensamentos e sentimentos.

Acompanhando esses autores entendo que é no ritual que se tem a dramatização dos significados culturais e a sua comunicação, aparecendo aí a metáfora do teatro. Assim, o ritual dramatiza os significados culturais e o drama social e permite ressaltar certos aspectos teatrais e estéticos nessa análise da cidade patrimônio.

No entanto tenho que ressaltar que Geertz critica a analogia do teatro, em suas palavras: *“Essa facilidade em abrir suas portas para abrigar qualquer tipo de caso é um dos pontos fortes da versão de analogia dramática proposta pela teoria ritual; é, também, sua maior fragilidade. Capaz de expor alguns dos elementos mais profundos do processo social, ela o faz tornando insipidamente homogêneos assuntos obviamente diferentes”* (Geertz, 1997, p.46). Seu alvo principal são os dramas sociais de Turner destacando o seu trabalho Dramas Fields and Metaphors, no qual ele aplica a análise dos rituais de passagem tribais para as sagas islandesas, insurreições mexicanas,

peregrinações, símbolos religiosos de *communitas*, para citar alguns dos casos analisados por Turner.

Contudo não concordo com essa crítica feita por Geertz. Mesmo que o conceito de análise possua tamanha amplitude de alcance analítico sobre a diversidade, não significa que seja proporcionalmente inverso ao alcance de densidade de cada caso estudado pois a sua divisão em fases esmiúça cada evento nas suas particularidades e especificidades, contextualiza os diferentes atores envolvidos, permitindo estabelecer conexões em diferentes níveis e esferas onde o drama social se situa e se relaciona. É o contexto de atuação ressaltado por Turner em From Ritual to Theater. É uma unidade analítica que permite ir do indivíduo ao Estado, abraça uma gama de esferas sociais com suas interdependências e relações de poder decorrentes dos conflitos bem como os significados envolvidos. Já Geertz, apesar de sua densidade de trabalho de campo e de enfatizar as redes de significados com a sua polissemia não as esmiúça nem tampouco apresenta os conflitos inerentes dessa mesma disputa por diferentes significados. O que o autor mostra na sua briga de galos balinesa é uma análise dos conflitos, mas de tal forma que os conflitos acabam por assumir um sentido unívoco. Ao contrário de Turner, que especifica as disputas e encerra os atores nas devidas posições da estrutura de poder. Mas considero que eles se aproximam na questão do contexto. Nesse ponto entendo que há uma concordância entre Geertz e Turner, o que permite esmiuçar os atores e os conflitos que eles travaram em caráter processual recuperando assim sua historicidade.

O que os rituais do carnaval e da Semana Santa revelam? Quais os vários quadros que eles revelam? Para responder essas questões e aquelas anteriormente formuladas estruturo do seguinte modo essa dissertação:

No Capítulo 1 – **Vozes do Tombamento** - discuto o processo de tombamento de Ouro Preto como patrimônio nacional e as vozes perdidas que fizeram parte nesse ato. Apresento como se deu a construção de Ouro Preto como cidade turística e o investimento local para que a cidade recuperasse um novo status. Também apresento como se iniciou a construção de cidade histórica ou cidade com vocação turística.

No Capítulo 2 – **O drama social da Semana Santa: tradição e turismo** - apresento a festa da Semana Santa e a análise sob a ótica do drama social, onde esmiúço algumas questões sobre as manifestações e seus estilos mais condizentes ao turismo ao mesmo tempo em que certas mudanças acabaram por repercutir em um conflito com a população local quase interferindo no próprio turismo da cidade. Neste ponto são levantados os diferentes sentidos que o termo tradição assume em relação a própria cidade e em relação aos que fazem a festa religiosa e a sua relevância significativa.

No Capítulo 3 – **O Carnaval em Ouro Preto** - apresento outra festa tipicamente turística e de forte participação da população. Esta festa é estratégica para a discussão de outros significados do termo tradição que se quer impor a uma cidade patrimônio e sua relação com o que é condizente ou não ao turismo. Essa festa revela mais explicitamente o imbricamento com o turismo.

No Capítulo 4 – **Turismo** - Inicio este capítulo com a experiência dos moradores de Ouro Preto em relação as suas atividades voltadas ao turismo e ao viver na cidade patrimônio a partir do projeto Museu Escola. A seguir articulo a variável turismo com a questão do patrimônio e a vida social. Analiso as propagandas turísticas, ou seja, a forma pela qual Ouro Preto é construída como cidade histórica. E apresento alguns estilos de artesanato que influenciam a constituição de um termo autêntico para os souvenirs.

Considerações finais – aponto pistas que me levam a uma conclusão exploratória, onde as várias tradições se misturam e apontam em direção ao emaranhado entre turismo e patrimônio lido através do drama social.

Capítulo 1. VOZES DO TOMBAMENTO

Neste capítulo apresento como se deu o processo de construção da idéia de Ouro Preto como cidade patrimônio e os atores locais que estiveram envolvidos em sua elevação. Com isso, apostaram em uma vocação turística para a cidade como um novo rumo econômico para explorá-la.

Acostumada até então com sua rotina arrastada e pacata de velha cidade, Ouro Preto foi erigida em monumento nacional em 1933, através de decreto assinado por Getúlio Vargas; já o SPHAN-Serviço de Patrimônio Histórico Artístico Nacional principal responsável por todas as decisões sobre o tombamento só foi criado, pelo decreto n° 25, em 1937.

Voltando aos anos de elaboração, instalação e práticas iniciais do SPHAN em Ouro Preto, a análise das crônicas e artigos veiculados na imprensa local e nacional permite uma idéia dos debates em torno desse Serviço e como a comunidade local reagiu ao fato da cidade ser elevada a monumento nacional.

Elevada a essa nova condição Ouro Preto se tornou ponto turístico, aumentando o número de seus visitantes, intensificando-se as reportagens sobre os vários atrativos propiciados ao se visitar a cidade. As crônicas que circularam na imprensa, em âmbito nacional, construíram a idéia de uma cidade com as características de cenário e palco dos grandes acontecimentos brasileiros. As lendas sobre o passado povoavam a cidade mais do que a sua própria população. A cidade que *não mudou* manteve-se preservada em

constante luta contra a ameaça do tempo. Estampava-se aí a eternidade versus o progresso.

Apesar da falta de infra-estrutura, hospedagem e dificuldade de acesso à cidade, valia a pena visitá-la. As reportagens compunham um quadro em que a cidade era representada como cenário dos passos dos heróis. Tiradentes e os mártires da Inconfidência Mineira, Aleijadinho, Mestre Atayde, e Marília de Dirceu pareciam vagar por suas ruas de leito irregular.

“(...) Visitar Ouro Preto é sentir de perto um pouco de heroísmo, e do senso artístico e religiosos dos brasileiros que ali viveram no séc. XVIII. Quando olhamos para a Casa dos Inconfidentes, perto da estação da Estrada de Ferro, ao sopé de uma montanha, parece que a nossa mente faz um esforço enorme para recordar, imaginariamente, o que ali se passou. No caminho tortuoso que vem do Morro do Gambá, parece que ainda vemos as pegadas de Tiradentes e seus companheiros que ali iam ter para concertar planos para libertar o país do jugo português.(...)”

A cidade é constantemente visitada por numerosos turistas, apesar da estafante viagem e dos hotéis que não confortáveis, que vão contemplar de perto as incomparáveis obras de escultura executadas em pedra-sabão de autoria do gênio do Aleijadinho. (...) Além das obras de escultura há quadros a óleo belíssimos como os do mestre Atayde que desafiam confronto”²⁰.

Não apenas ecoavam vozes e passos de personagens do passado como a própria vida cotidiana teria mantido as características de outrora. Sentindo-se guiado pelos inconfidentes (protetores de Ouro Preto), outro jornalista em visita a cidade estende ao cotidiano dos seus moradores a continuidade de hábitos do tempo passado e dos acontecimentos que ali ocorreram. Para ele:

“a própria gente ouro-pretana não conseguiu libertar-se dessa carga do passado. São muito semelhantes aos daquele tempo os costumes de hoje. Por isso mesmo, é quase impossível ao visitante da primeira vez não ausentar-se do presente e reconstituir, mais ou menos com fidelidade, tantas cenas admiráveis de que a vetusta cidade foi teatro”²¹.

²⁰ “Ouro Preto a cidade que não mudou” Carioca, 22 de maio de 1943 por Álvaro Prado. (pp. 4-5) Rio de Janeiro.

²¹ “Os inconfidentes nos guiam através de Ouro Preto”. O Diário, 30 de abril de 1943. Belo Horizonte.

Tais fantasias de continuidade apoiaram-se em uma aparência reforçada pela integridade arquitetônica de Ouro Preto, pouco mudada do ponto de vista da sua constituição física. Entre as razões que mantiveram Ouro Preto preservada merece destaque a transferência da capital mineira para Belo Horizonte. Mudança que foi objeto de protesto por parte dos moradores. Em 1890 quando ainda se negociava a transferência, um periódico local, comentava a possibilidade de que isso fosse obra de “*insensata propaganda*” contra “*uma das mais antigas e importantes cidades deste vasto estado de Minas*”. Ironizando os motivos alegados para a mudança e as razões dos adversários que determinaram finalmente a transferência:

“1° - *Porque a cidade de Ouro Preto não reúne as condições higiênicas necessárias a uma capital;*

2° - *Porque é péssima a sua posição topográfica.*

3° - *Porque a situação geográfica dificulta a ação governamental e os interesses, quer públicos, quer particulares.*

4° - *Porque não tem vida própria, nem área suficiente para, ampliando-se, tornar-se uma grande capital, digna do Estado e aprazível aos olhos dos estrangeiros”.* (Barbosa, Lauro Sérgio Versiani e Dornellas, Humberto. 1993; p.17)

A mudança ocorre em 1897 e Ouro Preto perde subitamente a sua importância política e econômica. As famílias mais abastadas transferem-se para a nova capital, os comerciantes, os funcionários públicos ligados à administração vão todos embora. As casas são fechadas, abandonadas. Assim, a própria decadência político-econômica da cidade a preservou.²² Estagnada economicamente, não se tornou um atrativo para o aumento da população; sem chances de crescimento, virou uma *cidade fantasma*, habitada pelos que não possuíam perspectivas de trabalho nem tinham meios para deixá-la para mudarem-se para a nova capital ou para outra cidade.

²² O fator isolamento e estagnação econômica também é apontado como razões que conservaram Parati um estudo focalizando sobretudo as festas das irmandades religiosas. Ver Souza, Marina de Mello e, (1994)

Barbosa, Lauro Sérgio Versiani e Dornellas, Humberto em seu trabalho Memórias de Ouro Preto²³, entendem que as impressões que a mudança da capital deixou para os moradores “retrataram a redefinição imposta à cidade pela perda de “status” de capital. O êxodo de antigos moradores e instituições para Belo Horizonte, confere à cidade um aspecto de súbito abandono que a envolve com aura legendária de cidade fantasma”. [citam os depoimentos] (Barbosa, Lauro Sérgio Versiani e Dornellas, Humberto. 1993. pp. 11-12)

“Em todo tempo consumido com a mudança da Capital, de agosto a dezembro (1897), ouvia-se em Ouro Preto, durante todo o dia o constante martelar com o encaixotamento de móveis dos funcionários públicos e das repartições públicas”

Mesmo assim, a *cidade fantasma* ainda contou com a permanência de 50 % da população total - e não participaram do censo os vultos do passado sempre presentes nas histórias de Ouro Preto²⁴. Sem modernidade, a cidade não se descaracterizou, não foram feitas novas reformas, novas casas, a malha urbana não se expandiu, ficando praticamente concentrada em torno de seu centro histórico. É interessante um artigo que expressa essa idéia:

*“O fenômeno de Ouro Preto é um dos mais curiosos que se pode imaginar – uma cidade que se salvou graças a sua decadência. Se ainda hoje fosse a capital de Minas seria uma cidade vulgar com alguns monumentos históricos dignos de ver-se. (...) Debatida a idéia, com grande resistência dos moradores, que alegavam o prestígio tradicional na antiga Vila Rica, o governo mineiro deixou finalmente Ouro Preto (...). com a retirada do governo e sem aparelho burocrático, Ouro Preto sofre um golpe mortal; toda sua vida econômica se paralisa – a cidade entra numa fase de profunda decadência (...) Ouro Preto ficou intacta e nessas condições pode conservar, quase milagrosamente, num conjunto homogêneo (...)”*²⁵

²³ (Barbosa, Lauro Sérgio Versiani e Dornellas, Humberto. 1993; p. 11) Neste trabalho de história oral, os autores procuram informações da vida da cidade entre os anos de 1897 a 1950, são as impressões dos moradores “de forma despreziosa e afetiva”. (p. 11)

²⁴ Segundo estimativa contidas em Ouro Preto – diagnóstico municipal. Sistema de Informações Mercadológicas Municipais. Belo Horizonte: SEBRAE/MG; 1996.

²⁵ O Dia, 30 de junho de 1940, Curitiba “Literatura de Ouro Preto – em torno da antiga Vila Rica” por Brito Broca.

Recorro ao livro de Nelson de Senna O Bi-centenário de Ouro Preto pois é uma fonte secundária reveladora de que a cidade não ficou totalmente deserta e seus habitantes eram ativos construtores de sua nova identidade. Em 1911 foi comemorado o seu bicentenário. A organização das festas foi articulada entre os moradores da cidade e aos amigos de Ouro Preto residentes em Belo Horizonte, além de celebrar a data natalícia visaram também *“a educação cívica do povo, e sobretudo da mocidade avivando as glórias da pátria”* (Nelson de Senna;1911; p. 316).

A ornamentação da cidade foi direcionada para sintetizar a sua história, além de prestar homenagens aos literatos e poetas da casa. Casas particulares, Praças, Câmara Municipal, Teatro, Ruas, Museus, Igrejas, janelas, sacadas, postes, todos foram adornados com bandeirolas e flâmulas coloridas. As autoridades federais foram recebidas por alas de moças e meninas que desfolhavam seus ramalhetes jogando as pétalas pelo chão. Os ilustres convidados²⁶ foram hospedados no Paço Municipal em dormitórios que *“foram caprichosamente ornados e servidos de mobiliário antigo, camas, cadeiras e mesas do século XVIII, estilo Luís XV, sendo algumas peças de raro valor artístico”*²⁷

A praça Tiradentes foi o grande palco dessa festa que visava recriar o status de Ouro Preto, conforme as palavras do narrador dessa efeméride que era *“antes de tudo uma homenagem ao passado”* (Nelson de Senna;1911; p.335). Pelas ruas e praças foram espalhados escudos *“de diversas cores com frisos e letras de ouro”* (Nelson de Senna;1911; p.318) e neles se liam homenagens ao poder público, saudações a municipalidade e aos nomes dos personagens da história de Ouro Preto, antiga Vila Rica.

²⁶ Mereceram destaque: Artur Bernardes, Antonio Vieira Christo, Pedro Carlos. Foram hospedados no palacete vizinho os deputados, senadores e desembargadores integrantes da comitiva presidencial.

²⁷ A essa festa participaram os padres de Ouro Preto e Mariana, arcebispos e o orador oficial foi o Conde Affonso Celso (Nelson de Senna, 1911; p. 323)

Os escudos com seus nomes foram colocados conforme o seu local de atuação. Assim figuraram os nomes de Felipe dos Santos, Pascoal da Silva, Frei Vicente Botelho [personagens da revolta de 1720], Tiradentes e demais Inconfidentes de 1789, governadores do estado, Bernardo de Vasconcellos, Visconde de Ouro Preto, Bernardo Guimarães.

Os dias de festas²⁸ contaram com desfiles de bandas de música, badaladas dos sinos das igrejas, missas solenes, discursos e jantares, tudo em homenagem à cidade. Procurou-se recuperar o prestígio da cidade dos bandeirantes que outrora fora o centro das decisões políticas do estado. Essas comemorações representaram uma volta ao passado e uma esperança que essa festa tornasse possível a continuidade de uma identidade. A volta ao passado era uma homenagem aos que permaneceram; os que foram para a nova capital deveriam reconhecer os louros que cabiam a Ouro Preto, a tentativa de seus moradores reconstruírem um novo sentido para a cidade depois da mudança da capital. A pompa da recepção aos convidados, o luxo e exagero das alegorias eram a demonstração que a cidade mantinha a sua importância e poder simbolicamente.

“No teatro mesmo dos acontecimentos é que se podem reconstituir as cenas de outrora, evocar as grandes sombras do passado e avaliar a sua verdadeira estatura.(...) Espalhava-se e exagerava-se a decadência da cidade; falava-se no desaparecimento da ex-capital; tudo aqui eram ruínas e abandono. E, entretanto, logo que se falou na sua festa, o entusiasmo foi geral. De toda a parte recebeu ela adesões, saudações, demonstrações de carinho de toda a sorte; TODOS prestaram concurso à sua festa, fazendo com que esta saísse digna das tradições da cidade e do amor do povo.”
(Nelson de Senna, 1911; p. 336; destaque meu)

As festas do bicentenário permitiram a homenagem ao passado de Ouro Preto, a sua glória de antiga Vila Rica. A comemoração reforçou e construiu o sentido de orgulho ouro-pretano de ter sido um dos primeiros municípios do país. O *TODOS* que

²⁸ As festas foram realizadas nos dias 7 a 9 de julho de 1911. O prefeito era João Velloso.

participaram e renderam homenagens engloba os moradores, autoridades locais, municipais, federais, eclesiásticas, mesmo que apenas um representante tenha vindo, nesse sentido: as partes compõem o todo para o discurso laudatório. O próprio livro²⁹ que registra essa festa é parte da divulgação da idéia de que não apenas os *heróis* destacaram Ouro Preto, mas esta se tornara tão importante quanto seus heróis, afinal foi o grande palco dos acontecimentos um teatro com o cenário montado, já que muitas casas e prédios públicos tiveram suas paredes pintadas para tornar mais resplandecente esta espécie de palco cívico. A história representava, para eles, os fatos que ocorreram em um passado comum a todos, como se todos os personagens narrados fossem seus velhos conhecidos ou até mesmo parentes de seus atuais vizinhos.

Os organizadores da festa do bi-centenário procuravam construir uma nova identidade para a cidade. Assim, encadearam o seu início como fruto do descobrimento do bandeirante Antônio Dias de Oliveira, e da presença de ações desbravadoras e audazes, conquistas e lutas fazem parte dos discursos sobre essa identidade de Ouro Preto em busca de suas identificação. As dificuldades econômicas que os contemporâneos enfrentaram conferem o sentido de bandeirante, uma espécie de vocação que faz parte de sua tradição. O discurso em torno dessa festa é ilustrativo:

“Quando se olha a natureza em torno: quando se consideram a aspereza das serras, a profundidade das brenhas, a escuridão dos matos, o mistério dos sertões, o perigo dos rios caudalosos, o terror dos animais ferozes e das populações selvagens; quando se pensa na dificuldade das comunicações, na falta de recursos, nos obstáculos de toda sorte; então, é que se reconhece a grandeza do passado; então é que se sente o vigor indomável dos nossos pais, descobrindo, povoando e civilizando a nossa terra. E assim, na contemplação do presente, de em volta comemoração na evocação do passado, o homem sente-se consolado e engrandecido, animado e fortalecido, disposto às lutas do futuro” (Nelson de Senna, 1911; p. 335).

²⁹ O livro contém a história de Ouro Preto, as descrições da festa, as transcrições dos discursos e relação dos telegramas e cartas trocadas que envolveram essa celebração.

A cidade é lembrada não somente como ex-capital mas também como patrimônio de arte e cultura. Da mesma forma, o encantado narrador extrapola o valor do patrimônio configurando a cidade como a pioneira no desenvolvimento da industrialização brasileira. Ouro Preto vai sendo apresentada durante os anos que se seguem sob a égide de pioneirismo do ideal emancipatório dos inconfidentes, berço da genuína arte barroca nacional e exemplar único do talento do maior artista barroco brasileiro: Aleijadinho.

Mas como foi esse processo de moldagem e confecção dessa Ouro Preto adjetivada? Aí vale a pena debruçar-se sobre o significado da mudança da capital para os moradores e como seu status foi sendo aos poucos transformado de ex-capital para a de patrimônio da nacionalidade.

A construção de um ideário segundo o qual Ouro Preto parou no tempo e assim conservou grande parte do seus imóveis do período colonial é compartilhada por grande parte dos entrevistados e dos periódicos analisados.

Uma medida que também ajudou a preservação da cidade foi a determinação em 1932, do então prefeito João Veloso, proibindo a descaracterização das fachadas na área urbana, pouco antes da cidade ser eleita monumento nacional.

O redescobrimento de Ouro Preto pelos modernistas paulistas, já citado anteriormente, permitiu criar ou reforçar uma identidade para a cidade que transitou em sentido duplo: para a nação e para o local. Esse jogo de identidades foi apropriado de diferentes modos por vários sujeitos que dialogavam no período, os moradores, os modernistas³⁰, técnicos do SPHAN³¹, Getúlio Vargas, e outros travando alterações em torno de quem detinha maior legitimidade para deliberar sobre que obras e monumentos

³⁰ Sobre os modernistas e o redescobrimento de Ouro Preto principalmente para Mário de Andrade e o nacionalismo ver Abdanur, E. Franca, 1992.

³¹ Ver Rubino, Silvana, 1994.

possuíam e revelavam as características de arte, memória, história. A contenda tinha, de um lado, a afirmação do sentido patriótico que direcionava a construção da nação e interessava ao país como um todo; por outro, a sua elevação a monumento nacional permitia sedimentar uma nova identidade para a cidade substituindo a de antiga capital mineira.

A análise de alguns periódicos locais configura um quadro sobre a recepção e as impressões sobre o significado do patrimônio entre os moradores. Um cronista de Ouro Preto entende que a população estava sob a influência de um pessimismo que, de certa forma, impediria o crescimento da cidade já que a notícia do tombamento foi acompanhada com uma *“indiferença contemporânea do povo”*. A esperança para eles era que o tombamento despertasse o desejo da cidade ser visitada, além do orgulho dos moradores por sua cidade e das chances de utilização de um potencial turístico.

Também havia a descrença que a decisão federal pudesse modificar algo na cidade, em termos de perspectiva econômica. A idéia corrente era que o tombamento acabasse virando letra morta. A descrença caía sobre a figura de Gustavo Capanema, segundo um cronista sugeria aos seus leitores: *“Não sabemos se somos olhados com bons olhos pelo Sr. ministro da educação, pois, constou certa vez que S. Excia. dissera ao Sr. presidente da República que “Ouro Preto já se achava reduzida em um montão de ruínas”*.

Restava a proteção e restauração dessas tão caras *ruínas*, daí a necessidade que a ordem de César, (ou seja, o decreto assinado por Getúlio Vargas) fosse aplicado sem demora e sem medidas de economia, segundo o diagnóstico do cronista:

“Que se ataquem as obras de conservação, e mesmo de melhoramento urgentes de que necessita “a cidade monumento”, mas que não façam apenas remendos

indecentes a título de “rigorosa economia”. É necessário outrossim que a ordem de César não seja cumprida tão somente na sala de visitas e nos quartos mais próximos, isto é, no perímetro urbano, apenas, porém leve seus benefícios nos bairros onde temos verdadeiras relíquias quase que em puro desabandono”.

As obras deveriam ser estendidas não apenas aos bens e monumentos mas também o entorno devia ser preservado e restaurado, caminhos, muros, ladeiras, todos deveriam estar de acordo com os monumentos: que adiantava preservarem-se as edificações se não pudessem ser visitadas? A sua lógica de morador se expressava mais claramente no final da crônica:

“Ora, conservado-se o que é de arte, tornando bonito o que já está feio e deformado é claro se conserve o resto, porque senão caímos em uma triste desarmonia artística! Passando um polimento no que nos legou a Arte antiga não podemos deixar cheio de poeira e de moscas o vasto salão que ostenta o sacro santo e inatingível legado!”³²

Palco de tantos acontecimentos históricos, a cidade podia enfim reconquistar o esplendor dos feitos de seus personagens. Para outro cronista, as inúmeras possibilidades que se abriam para a cidade figuravam com uma *“intensidade construtora e reformadora”*, era o momento em que deveriam ser empregadas verbas e apoio técnico para reformas urgentes onde se destacavam:

“o caso das obras da igreja de S. Francisco que pede uma atenção especial, pois, como vem sendo resolvido é que não está certo. Há ainda a defender com urgência a estabilidade do forro da matriz do Pilar, obra de arte notável sob qualquer aspecto, e que é no momento bastante precária, necessitando uma assistência não demorada”³³

Ouro Preto, declamada, recitada, narrada com seus personagens principais, os Inconfidentes, destacou-se também para o Governo de Vargas. A Inconfidência Mineira é tomada como um dos germes dos movimentos históricos dos quais seu governo é o ponto

³² Ouro Preto, 6 de outubro de 1935, “A ordem de César”.

³³ Ouro Preto, 6 de outubro de 1935, “Por Ouro Preto”, por S. W. de Lacerda.

de chegada com a instalação de um novo regime que, enfim, poderia concretizar antigos ideais inscritos e legitimados pelo passado. Assim, toda uma encenação teatral é mobilizada para o traslado das cinzas dos inconfidentes para o berço da República, a sua terra natal.

Dos personagens contemporâneos, destaca-se o escritor Augusto de Lima Jr. com seu livro O amor infeliz de Marília de Dirceu, versão romanceada da biografia de Maria Joaquina³⁴ cujo enredo mostra o que teria representado para Marília o exílio de Dirceu. A importância da obra para esta pesquisa está no prefácio, onde o autor roga e explica o sentido do livro, dirigindo-se a Getúlio Vargas:

*“(...) evocando do longínquo passado os amores de Dirceu e Marília, cujas cinzas ainda estão apartadas em Vila Rica e Moçambique. Entre essas almas, formadas de delicadeza e civismo, está a vossa e para ela, ofereço esse livro, é que viemos apelar no sentido de colocar sob vosso alto patrocínio o pedido que fazemos em nome de todos os brasileiros dignos de uma reparação histórica aos mártires de 1789. (...) Muitos desses heróis morreram no exílio (...) e o repatriamento de seus despojos é ato de justiça que constituirá uma lição de alto valor cívico para muitos desta geração, que se vão esquecendo de nossas glórias passadas(...)”*³⁵

Por força da obra de Lima Jr. ou não, o fato é que as cinzas são trasladadas e o próprio Getúlio Vargas discursa em Ouro Preto em honra aos *heróis* de Vila Rica, perdoados e redimidos, cujos restos mortais voltam do exílio. A entrega das cinzas reverteu em louros para seu Governo já que estreitou simbolicamente os elos entre o passado e o presente para reafirmar suas idéias centradas em um conceito de nação e tradição. Exemplificação muito clara da política de Vargas pode ser vista no trecho abaixo, retirado de seu discurso “Perante as Cinzas dos Inconfidentes” proferido em 15

³⁴ Fato curioso que ao referirem-se à noiva de Cláudio Manoel da Costa, Maria Joaquina Dorotéia de Seixas, sempre a tratam por Marília de Dirceu ou apenas Marília. Ao contrário dele, que tem seu nome registrado como sujeito histórico, a musa ficou eternamente musa, personagem das páginas da História.

³⁵ O “seu” pedido ou sugestão foi atendido pelo Decreto n.º 756-A do Ministério da Educação.

de julho de 1938 em Ouro Preto, quando das solenidades das exéquias dos inconfidentes que hoje estão depositadas no Museu da Inconfidência.

“Senhores: as Minas Gerais, tão fiel às suas tradições, à sua veneranda Capital histórica, à antiga Vila-Rica de Albuquerque, hoje, Ouro Preto e cidade-monumento, entrego as cinzas dos Inconfidentes, trazidas do exílio para repousarem definitivamente na gleba em que eles sentiram palpitar os corações generosos pelo ideal de nossa Independência.

Podemos olhar com desvanecido orgulho o longo tempo transcorrido. A tentativa utópica era, em verdade, uma antecipação criadora e realizou-se plenamente.

O Brasil livre e forte recolhe os despojos dos seus mártires, oferece-lhes abrigo condigno e paga uma dívida de gratidão, dando ao sonho dos precursores sacrificados a realidade das nossas conquistas atuais e a promessa de mais belos e gloriosos dias.”³⁶

Os belos e gloriosos dias fazem parte do período do seu governo, no qual ele é o dirigente que transformou em realidade o que era utopia para os *mártires*. Neste momento, a redenção obtida pelos mártires alcançando o posto de heróis eleva o próprio Vargas a construtor da Nação e herdeiro dos ideais atribuídos aos inconfidentes. O palco, que tantas vezes Ouro Preto já sediou, assistiu, mais uma vez, através da solenidade da entrega das cinzas, o desempenho de um dos atores principais na construção do sentido de nação, patrimônio, história.

Vargas não foi o único. Muitos requisitaram para si a paternidade da iniciativa do tombamento da cidade, isto é, a idéia de que Ouro Preto se destacasse simbolicamente como parte da nação, deslocada de sua historicidade e alocada em sincronia em uma narrativa histórica teleológica de um Brasil coeso, homogêneo³⁷. No entanto, o projeto político da nação tinha Ouro Preto por tablado. Mas a cidade também possuía seus próprios personagens, construindo a sua versão.

³⁶ Vargas, Getúlio *A Nova Política do Brasil* vol. V Rio de Janeiro: José Olímpio. (p. 261)

³⁷ Ver Rubino, Silvana, 1994.

Nesse sentido, é interessante a discussão entre dois personagens em torno de quem teria sugerido a Vargas a possibilidade e conveniência do tombamento de Ouro Preto. Disputavam a paternidade da idéia, o Presidente do Instituto Histórico de Ouro Preto, Vicente de Andrade Racioppi, e o historiador e escritor Augusto de Lima Júnior membro do mesmo Instituto Histórico, aqui já citado.

Os dois atores travaram uma polêmica pública, com troca de insultos e difamações, em forma de cartas-abertas à população de Ouro Preto. Infelizmente, desta correspondência só restaram as falas de Racioppi. Ou, pelo menos, não consegui localizar todas as cartas de seu opositor, para além de uma breve referência. Em maio de 1938, Racioppi enviou uma carta a Lima Júnior, comunicando o seu desligamento do quadro de sócios do Instituto explicando os motivos:

“(...) Nunca contribuiu V. Excia com um vintém sequer para me auxiliar na obra patriótica de conservar a Casa de Gonzaga, próprio federal e de manter com decência o Instituto Histórico de Ouro Preto, o que tenho feito com os maiores sacrifícios, sem subvenções, à minha custa fundando e sustentando um museu de Arte e de História, que tem merecido os maiores elogios dos competentes(...) Preciso ao meu lado de colaboradores que me amparem e ajudem na obra cultural sempre mal compreendida no interior brasileiro; e não de detratores, apedrejadores e invejosos que não podem ver camisa lavada no corpo alheio. Por isso, excluí-o do número de sócios, levando a essa exclusão ao conhecimento do benemérito Presidente de Honra do Instituto Histórico de Ouro Preto, o meu eminente amigo Dr. GV, sempre atento aos altos interesses de Ouro Preto.”

O afastamento de Lima Jr. aparece como consequência direta do boletim que este veiculou em Ouro Preto. Acusava Racioppi de estar atribuindo apenas a si mesmo e à sua iniciativa única, todo mérito por ter sido a cidade declarada monumento nacional, tendo ele obtido *pessoalmente* de Vargas, (o amigo Getúlio) o decreto que declarava essa condição. Extraído do boletim, o trecho seguinte é bem elucidativo:

“(...)É mentira. O Presidente GV assinou esse decreto, a pedido exclusivo do Almirante Protogenes Guimarães, que, portador desse ato, quis traduzir nele, uma homenagem da Marinha de Guerra do Brasil a esta gloriosa cidade. O almirante Protogenes faleceu, mas deixou amigos que zelam por sua memória. Ouro Preto, 19 de abril de 1938 – Augusto de Lima Júnior, Procurador Marítimo.”

A resposta de Racioppi, também na forma de carta aberta, “Ao povo de Ouro Preto” acusa Augusto de Lima Jr. de o estar caluniando com as “suas quatro mentiras”.

As acusações resvalaram para o terreno das ofensas pessoais, por ambas as partes.

Racioppi foi chamado de mentiroso e retrucou que não iria revidar a altura dado que:

“não devo acompanhá-lo por três motivos: pelo respeito que devo ao generoso povo de Ouro Preto, em cujo seio veio cooperando na sua grandeza; pelo respeito que devo a mim mesmo e, principalmente, porque o meu gratuito detrator vem manifestando, infelizmente, sintomas de alienação mental, de que é o primeiro indício o romance, injusto, mesquinho e intrigante A cidade antiga, no qual, procurou ridicularizar pessoas e famílias de alta respeitabilidade e prestígio social, em Ouro Preto”.

Racioppi denomina o boletim de “arrogante e pernóstico”, esclarecendo as quatro mentiras a que se referia. Apesar de longo, vale a pena a transcrição do documento:

“Primeira mentira: não afirmei “ter obtido” o decreto. Ouviram o meu discurso, (...) contei o que já publiquei muitas vezes sobre a audiência que o Dr. Getúlio Vargas me concedeu a 9 de março de 1933, em Petrópolis, quando pedi a elevação a Monumento Nacional de Ouro Preto que desapareceria em 50 anos se continuasse vitimado pelo vandalismo destruidor. Ele declarou-me que a situação financeira impedia essa providencia. Ponderei-lhe: “V. Excia. Poderia baixar o decreto sem ônus para a Nação. Contentamo-nos com a honraria. O resto virá com o tempo”. O chefe da Nação sorriu, dizendo que realmente era uma solução. E assim fez, com o decreto n.º 22928, de 12 de julho de 1933.

Na audiência ainda me afirmou que queria oficializar o Instituto Histórico de Ouro Preto, pedindo-me um memorial que no dia seguinte lhe mandei. O Dr. Getúlio Vargas, a 9 de março de 1936, agradeceu o artigo em que, no ESTADO DE MINAS descrevi essa conferencia e as suas palavras: “conte comigo: enquanto eu for governo, esteja tranqüilo. Se surgir algum obstáculo, não me escreva, tome o trem e me procure no Rio.” Ninguém assistiu a essa conferencia. Só o Dr. Getúlio Vargas tem autoridade para me desmentir. Entretanto, a carta sua confirma o que escrevi.

Segunda mentira: não foi assinado o decreto a pedido EXCLUSIVO do Almirante Protogenes Guimarães. Antes, eu já pedira o decreto na audiência de 9 de

março de 1933. Antes, (...) fiz pela imprensa larga, contínua atuação jornalística a respeito, apesar de muitos entenderem, então, que essa propaganda era improficua e contraproducente porque o Sr. Getúlio Vargas não gostava de Ouro Preto, o que s. Excia tem desmentido com fatos positivos.(...)

Terceira mentira: o Almirante Protogenes Guimarães chegando em Ouro Preto no dia 11, não podia ser portador de um decreto só assinado no dia 12 e a ele notificado no dia 13 de julho(...)

Quarta mentira: Ninguém tratou de não zelar a memória do ex ministro da Marinha (...) O egrégio Almirante serio o primeiro, se vivo, a protestar contra a eliminação de nomes de muitos colaboradores no trabalho pela elevação de Ouro Preto a monumento nacional.

Queiram ou não queiram os zoilos, despeitados, insolentes e impostores, ninguém pode impedir que eu tenha sido propagador da idèia e propulsor do movimento em prol de Ouro Preto. Fui UM dos que obtiveram o decreto n º22928. Claro, claríssimo que não fui o ÚNICO. O maior de todos os beneméritos, porém foi o próprio Dr. Getúlio Vargas, a quem, mais uma vez rendo de público a homenagem de minha profunda admiração e do meu inabalável reconhecimento, pois foi o único homem de governo que me deu atenção e que prestigiou o Instituto Histórico de Ouro Preto, na hora incerta.

Devolvo, pois, intato, o título de mentiroso ao Dr. Augusto de Lima Jr, procurador marítimo, que o merece, com todas as honras do estilo.(...)"

Infelizmente, não consegui mais informações sobre a continuidade dessa alteração. No entanto, este é um exemplo claro do nível e alcance dos debates entre pessoas e grupos da própria cidade, que reclamavam para si o papel de agentes da história e do destino de Ouro Preto, articulando-se e disputando a nova identidade atribuída à cidade. A tônica da discussão envolveu questões de iniciativa, autoria e autoridade em relação ao recém instalado SPHAN.

Instituto Histórico de Ouro Preto

“Quem não amar o passado não entre”. Sob o signo da preservação, funcionava o Instituto na atual Casa de Gonzaga, onde hoje funciona a Secretaria de Turismo e Cultura e Comércio. Placa identificativa não há. A que se encontra na sua fachada

exterior informa que esta foi a casa de Tomás Antônio Gonzaga. Sabe-se que a edificação foi cedida por Getúlio Vargas a Vicente Racioppi para que ali morasse e instalasse um museu e a sede do, assim denominado, Instituto Histórico de Ouro Preto. No passado, a construção abrigara a Delegacia Fiscal e Chefatura de Polícia, além de ter sido residência de Augusto de Lima, Carlos Ottoni e até convento de frades franciscanos³⁸. O Instituto foi fundado por Racioppi, Paulo José Pires Brando e Gastão Penalva, codinome artístico literário do oficial da Marinha Sebastião de Souza. Sobre a fundação relata seu presidente, Vicente Racioppi:

“Fundado em comemoração do bicentenário de Antônio Francisco Lisboa, o genial “Aleijadinho”, que enriqueceu as igrejas mineiras com maravilhosas esculturas de pedra-sabão, o Instituto Histórico de Ouro Preto guarda reliquias de vivo sabor colonial”³⁹.

Contudo, não deixa de ser curioso que o Instituto, fundado em homenagem a Aleijadinho ostente, na entrada, uma placa em pedra sabão, inaugurada pelo Ministro da Marinha, Protogenes Guimarães, com a seguinte inscrição: *“Aqui viveu Tomás Antônio Gonzaga 1784-1788”*. O artista ouro-pretano, se não ficou na fachada, resultou em patrono espiritual, e em sua homenagem eram feitos e vendidos utensílios em pedra sabão com pinturas de Ruth Racioppi, filha do diretor.

Os personagens são invocados como mola mestra para enaltecer o presente via passado, continuamente resgatados de modo diverso e desconexo uns em relação aos outros na mesma comemoração o que, aliás, mantém-se nos dias atuais.

Vicente Racioppi sempre se apresentou com a missão de salvaguarda de Ouro Preto, o protetor dos valores incalculáveis da grande terra mineira, do monumento

³⁸ “Primeiro Centenário do Visconde de Ouro Preto (1836-1936)” Homenagem do Instituto Histórico de Ouro Preto por Vicente Racioppi.

³⁹ Racioppi, Vicente em entrevista ao *Diário do Norte*, 10 de agosto de 1940. Belo Horizonte.

nacional. A sua empreitada exigia que arcasse com custos de seu próprio bolso. Não recebia subvenção nem mesmo de seu grande e inestimável amigo, Getúlio Vargas, cujas palavras não cansava de citar incessantemente, nos boletins e entrevistas: *“Se tiver dificuldades em Ouro Preto, não me escreva; tome o trem e me procure. O Instituto é serviço de patriotismo não só a Ouro Preto mas ao Brasil”*⁴⁰. Esse apoio, se não lhe rendeu frutos financeiros, certamente lhe deu prestígio e poder nos conflitos públicos que travou com outros atores em Ouro Preto, destacando-se aí a questão de legitimidade frente ao recém instalado SPHAN na pessoa de Rodrigo Melo Franco de Andrade, o que será visto adiante.

Racioppi afirma que a proibição da mudança das fachadas, sabidamente decretada pelo prefeito João Velloso, foi iniciativa do Instituto. Assim, foi deixando registrado no tempo o sentido que esse Instituto assumiria: preservacionista, guardião-mor do inestimável valor artístico de Ouro Preto. De maneira enfática e exasperada lançava aos quatro cantos, como um arauto apocalíptico, seus brados denunciando o destino e tratamento a que Ouro Preto estava submetido:

*“Atentados existem, entretanto, impunes: artícidio - ouropretocídio – tradícidio. Artícidias, ouro-pretocidas, tradícidias são todos quantos deturpam, mutilam e destróem o patrimônio de arte, de história e de tradições de nossa terra: os que inventam e negam, muitos por inópia de conhecimentos ou de boa fé, fatos e tradições. São tradícidias os que procuram negar obras de Aleijadinho, inventar túnel de comunicação entre a Casa dos Contos e a Escola de Minas e empobrecer por qualquer forma as nossas riquezas artísticas e históricas”*⁴¹.

Por ocasião do encerramento do 3 ° Congresso Brasileiro de Farmácia, sediado em Ouro Preto, Vicente Racioppi, em nome do Instituto Histórico, mandou fazer uma placa

⁴⁰ “Diário da Noite”, 10 de agosto de 1940; “O cimento é uma injúria a pedra sabão do Aleijadinho em Ouro Preto”

⁴¹ Boletim do Instituto Histórico de Ouro Preto “1 ° Centenário da Escola de Farmácia e 3 ° Congresso brasileiro de Farmácia”; abril de 1939.

de bronze comemorativa do Centenário da Escola de Farmácia. Discursando na cerimônia, elogiou a atuação do diretor, Prof. Alberto Coelho de Magalhães Gomes, digno de aplauso por parte do Instituto por ter relacionado uma casa aos personagens da Inconfidência Mineira, mais exatamente a Casa dos Inconfidentes, inicialmente chamada de Chácara dos Inconfidentes⁴². O gesto lhe rendeu ser alçado, no referido discurso, ao posto de defensor do passado.

Vicente Racioppi é um dos grandes contadores de histórias lineares, um grande artifice temporal da tradição e aquele que a desrespeitasse deveria, em sua opinião, ser considerado criminoso. O rigor aplicado a quem ousasse atentar contra a arquitetura e os bens artísticos equivaleria àquele com que era tratado o autor de um atentado moral. Por este crime imperdoável restaria para os culpados, a força?

Trecho de seu discurso, no qual refere-se à Chácara dos Inconfidentes:

“Há no Morro do Cruzeiro uma casa que a tradição consagrou com o nome de CHÁCARA DOS INCONFIDENTES, por ter sido escolhida para reuniões secretas dos Inconfidentes de 1789. Acredita-se que ali o Cônego LUIZ VIEIRA DA SILVA, o padre mais notável da Conjuração Mineira, leu a tradução da Constituição Republicana Norte-Americana. Esse prédio achava-se em ruínas e foi Alberto Magalhães quem do Rio me trouxe procuração dos Drs. Paulo de Frontin e José Valentim Dunham para doar gratuitamente a reliquia à municipalidade de Ouro Preto, a 27.6.1930.

Nesta casa, 102 anos depois, a 15 de junho 1891(sic), foi lida, aprovada e jurada a primeira Constituição Republicana Mineira, “padrão de fraternidade mineira”. O art. 13 das disp. Transitórias dessa Constituição decretou a mudança da Capital para um local que se prestasse à construção de uma grande cidade.

Na casa de Gonzaga, sede do Instituto Histórico de Ouro Preto por generosidade do Dr. Getúlio Vargas, o poeta inconfidente Tomás Antônio Gonzaga bordou o vestido de sua eleita Marília e andou a fabricar leis da República.

Ali, na Casa dos Inconfidentes, um sacerdote de rara ilustração leu o projeto de uma Constituição Republicana para o Brasil; aqui, um século depois, é promulgada a Constituição Republicana do Estado de Minas Gerais, em nome de Deus Todo Poderoso.

Na casa de Gonzaga a lei republicana esteve em elaboração.

⁴² A Casa dos Inconfidentes é propriedade oficial, aberta a visitação pública. A algumas pessoas é permitida a hospedagem, desde que tenha autorização oficial. Segundo informações coletadas no campo, muitos escritores espíritas utilizam a casa como ambiente para a inspiração para a psicografia de romances com os personagens da Inconfidência Mineira.

*As três casas históricas completam-se num só florão de beleza e de fé republicana. (...)*⁴³.

Este é um exemplar do modo pelo qual um ator importante de seu tempo, Vicente Racioppi, foi unindo seus interlocutores numa trama bem tecida. Amor ao passado e à tradição, entendidos como história passada, em seus sentidos de transmissão e ocorrência. Nessa tarefa, Vicente Racioppi se representou, transfigurado no Instituto Histórico de Ouro Preto, como o chefe de tão propalada missão. Não é a toa que a referência contínua a Getúlio Vargas se faz presente em seus textos e discursos. Nele, amigo do chefe da nação, foi depositada toda a confiança de Getúlio Vargas para o cumprimento de tão patriótico dever, o de salvar e preservar Ouro Preto. A obrigação à frente do Instituto era-lhe continuamente cobrada. Servo humilde, dizia-se ele, já que o seu museu

*“herdou a pobreza dos franciscanos. Não recebe auxílios pecuniários governamentais de qualquer espécie. Vive da dedicação do seu Diretor e de sua família que fazem até o serviço de criadagem no prédio, que zelam à sua custa, pertencente à União e denominado Casa de Gonzaga (...). Um distinto visitante denominou-o INSTITUTO DA BOA VONTADE. Realmente de boa vontade é que é riquíssimo”*⁴⁴.

Apesar de proferido em homenagem ao Visconde de Ouro Preto, Dr. Afonso Celso de Assis Figueiredo, o discurso mantém a tônica de seus outros boletins: o desabafo, o elogio e o seu caráter devocional como se sua vida tivesse uma causa: Ouro Preto. Por trás das máscaras de elogio à devoção encerra-se uma briga feroz com seus pares que reivindicavam o mesmo sentido de guardiões da cidade monumento, destacadamente o SPHAN, que possuía respaldo federal, com verbas e funcionários, ao

⁴³ Boletim do Instituto Histórico de Ouro Preto “1 ° Centenário da Escola de Farmácia e 3 ° Congresso brasileiro de Farmácia”; abril de 1939. [destaque e aspas do original]

⁴⁴ Boletim do Instituto Histórico de Ouro Preto “Primeiro Centenário do Visconde de Ouro Preto” 21 de fevereiro de 1936, Vicente Racioppi [destaque do original]

passo que o Instituto Histórico de Ouro Preto nem sequer continuou existindo. Hoje, não há menção a ele e os poucos boletins aos quais me foi dado acesso para essa pesquisa, estão dispersos e mal conservados.

Logo depois de instalado o SPHAN, Lima Jr. e Racioppi entraram em disputa com seu diretor Rodrigo Melo Franco de Andrade. As pendengas giraram em torno de qual ator social possuía maior legitimidade para atuar em nome da preservação de Ouro Preto e uma questão, em específico, assumiu ares mais acirrados: quais bens imóveis e móveis comporiam o chamado patrimônio nacional.

Racioppi, frente ao poder institucional de Rodrigo Melo Franco de Andrade, remeteu-se, constantemente, em artigos de jornais nacionais ou boletins do Instituto Histórico de Ouro Preto, ao apoio pessoal de Getúlio Vargas⁴⁵. Nesse caso, também, apresentava-se como o ator social que sugeriu ao presidente ajuda legal para a preservação da cidade. Em carta aberta aos moradores afirmou:

“Contei o que já publiquei muitas vezes sobre a audiência que o Dr. Getúlio Vargas me concedeu a 9 de março de 1933, em Petrópolis, quando pedi a elevação a Monumento Nacional de Ouro Preto que desapareceria em 50 anos se continuasse vitimado pelo vandalismo destruidor. Ele declarou-me “que a situação financeira impedia essa providência. Ponderei-lhe: “V. Excia. poderia baixar o decreto sem ônus para a Nação. Contentamo-nos com a honraria. O resto virá com o tempo”. O Chefe da Nação sorriu, dizendo que realmente era uma solução. E assim fez, com o decreto n.º 22928, de 12 de julho de 1933.

Na audiência ainda me afirmou que queria oficializar o Instituto Histórico de Ouro Preto, pedindo-me um memorial que no dia seguinte lhe mandei”⁴⁶.

Essa resposta, também era dirigida ao seu mais fervoroso oponente em Ouro Preto, Augusto de Lima Jr. que se lhe opunha através de artigos na imprensa, acusando-o de ilegitimidade quanto à autoria da iniciativa de elevação da cidade a Monumento

⁴⁵ Também citado por Vicente Racioppi em entrevista ao Diário do Norte, 10 de agosto de 1940. Belo Horizonte.

⁴⁶ Racioppi, Vicente, "Ao Povo de Ouro Preto" carta-aberta Ouro Preto, 21 de abril de 1938.

Nacional. O que fica patente com essa narrativa é a construção da legitimidade de Racioppi frente aos seus conterrâneos na elevação da cidade e ainda o prestígio de contar com apoio tão seleta, o do chefe da Nação.

Os artigos mencionados também apontam para novas pistas sobre as iniciativas de elevação dessa cidade não terem partido do SPHAN. Destaca-se aí a própria produção do SPHAN que, segundo Silvana Rubino, foi um ótimo inventor de tradições, chegando a criar a sua própria através de suas publicações e da seleção do material a ser publicado⁴⁷.

Apesar de caracterizada como cidade-fantasma, nesse período Ouro Preto abrigava as escolas de Engenharia de Minas e de Farmácia da UFOP, criadas no II Império, e o 10º Batalhão de Caçadores, uma companhia da cavalaria que ali funcionou até 1949 quando então foi transferida para Goiás. Estes eram os maiores geradores de empregos locais, além do comércio⁴⁸.

É curioso que a preservação do passado, tema central para o tombamento de Ouro Preto, fosse o principal motivo para a mudança da capital. As ruas tortas, o casario colonial, o traçado imperfeito e tortuoso desagradavam aos modernistas mineiros, partidários da mudança da capital para Belo Horizonte. Após a mudança da capital, o traçado tortuoso não mais era um incômodo. As críticas deram lugar a um resgate da simbologia dos mesmos. Desta forma Ouro Preto pôde ser re-significada e sua relação tempo-espço revista. Não dizia mais respeito ao hoje, mas fora colocada como ícone e símbolo do então governo Vargas.

Não deixa de ser irônico que esse mesmo palco, que não se prestava à modernidade nem aos ideais republicanos, veio a ser alvo consagrado das disputas

⁴⁷ Ver Rubino, Silvana. 1994

⁴⁸ Ver Barbosa, Lauro Sérgio Versiani e Dornellas, Humberto. 1993.(p.37)

políticas e construções simbólicas do germe da República. Não foi à toa o grande teatro das cinzas de Getúlio Vargas recuperando os atores da Inconfidência Mineira e os transformando simbolicamente em mártires que mereciam uma visita, quase uma peregrinação, a heróis recentes.

Em um boletim lançado pelo Instituto Histórico de Ouro Preto lançado a 8 de julho de 1940, Racioppi se afirma como guardião da memória e zelador de Ouro Preto; novamente presta homenagem a Getúlio Vargas e ao mesmo tempo reafirma a legitimidade ao seu papel de fundador e mantenedor do Museu. Recorrendo mais uma vez às palavras do Presidente - "*Se tiver dificuldades em Ouro Preto...*" - Racioppi buscava credenciar-se como interlocutor privilegiado no diálogo complexo entre as instâncias: local e nacional, Ouro Preto e a Nação, o passado e o presente, os inconfidentes e o Estado Novo.

Com o salvo conduto de ninguém mais do que o próprio Vargas, podia executar a tarefa que manteve *às próprias custas*, dela se incumbindo com afínco e ardor, enfrentando os inimigos que não hesitariam em *queimá-lo vivo* caso aceitasse qualquer auxílio financeiro do Governo Federal. As inimizades brotavam como fruto de sua árdua tarefa de zelar pelo patrimônio ouro-pretano, denunciando as barbaridades e profanações às obras de arte e religiosas. Os seus protestos dirigem-se

"Contra os atentados à arte às capelas do Carmo, Padre Faria e S. Francisco de Assis, nos chafarizes de pedra, na Casa dos Contos (cujos espelhos de fechaduras admiráveis foram criminosamente arrancados e sumiram-se); depois que protestei contra a mutilação do mais impressionante prédio do Brasil, (...) a ex-penitenciária; depois dos meus protestos contra a profanação da cova de Marília, a saída de Ouro Preto do crucifixo de marfim da capela de S. João e do quadro feito de tábuas pintadas no teto da capela mor de S. José (...)".

Depois de todas essas denúncias, seria natural que quisessem *queimá-lo vivo* dado que o rigor e o controle com que exercia seu poder feria várias susceptibilidades. É provável que a primeira consequência do tombamento se fizesse sentir no crescimento e valorização do comércio de antiguidades – que aparece como uma espécie de *profanação* de um território sagrado da Nação. Mas mais que isso, abria um campo de contendas que oscilavam entre o técnico e o ideológico sobre como e o que preservar. Se o patrimônio histórico ainda estava a salvo, devia-o ao reconhecimento de Vargas que era o “*sincero, grande e generoso amigo de Ouro Preto. Benfeitor, protetor, e defensor. Admirador das tradições, da história e das glórias da cidade*”. Então, nada mais justo do que conferir “*o título de cidadão ouro-pretano ao Chefe da Nação*” como um sacerdote-mor no altar da pátria em que cidade recém-tombada se transformara.

Essas denúncias foram remetidas a Rodrigo e também ao Diário de Minas, onde Racioppi acusava os membros dos próprios poderes federais pelos atentados sofridos pelas obras de arte pertencentes à Nação. A resposta do Diretor do SPHAN, também pela imprensa, retrucava que não se tratava de “*atentados*” e sim obras de “*conservação*” e “*restauro*” das características originais desses bens, ressaltando que as obras só eram realizadas após:

“Estudos cuidadosos e a respectiva execução orientada com o maior empenho de alcançar-se o objetivo de preservação que se tenha em vista. Quanto ao crucifixo de marfim da capela de S. João, o responsável pela sua saída de Ouro Preto é o ilustre senhor arcebispo de Mariana, a cuja arquidiocese pertence a referida capela e que julgou prudente colocá-lo sob a sua guarda direta, para que não ficasse exposto a ser subtraído do local ermo em que se encontrava. O mesmo eminente prelado foi quem autorizou a exumação dos despojos de Marília, quando o governo federal tomou a iniciativa de trasladar para Ouro Preto os restos dos Inconfidentes e o próprio Sr. presidente da República dirigiu aquela cidade, afim de render homenagem aos precursores da independência nacional”⁴⁹

⁴⁹ Correio da Manhã, 12 de outubro de 1940, por Rodrigo M. F. de Andrade.

Racioppi, representando o *seu* Instituto continua a polêmica publicando no Diário de Notícias, do Rio de Janeiro, em 12 de outubro de 1940, uma proposta, para que fosse formada uma comissão de peritos que pudesse “*proceder a exame nos edifícios que ele considera prejudicados pela restauração oficial*”. A iniciativa fez com que Rodrigo o nomeasse “*inimigo gratuito*” do SPHAN, imputando às suas propostas características de má-fé:

“a prova cabal desse intuito malévolo é o fato do mesmo atribuir à responsabilidade deste Serviço trabalhos que ele, melhor que ninguém, sabe terem sido de iniciativa da extinta Inspetoria de Monumento Nacional, sob a direção do Dr. Gustavo Barroso, a um tempo em que esta repartição ainda não tinha encetado as suas atividades em Ouro Preto. Os supostos prejuízos teriam sido causados aos monumentos há cerca de quatro anos atrás.(...)”

Os debates evidenciam as querelas e disputas entre grupos que procuravam afirmar tanto as suas propostas quanto a sua identidade como sujeitos que também construíram esse patrimônio. Eles permitem entrever não apenas a proposta pedagógica da História (na qual Ouro Preto era representante privilegiada dessa narrativa), mas também que os seus moradores não eram alvos passivos; eles incorporaram outros significados e projetaram seus sentidos próprios a essa identidade de patrimônio nacional.

Nesse contexto, os critérios de avaliação da pertinência de novas edificações em uma cidade patrimônio também estavam em construção, como se pode verificar pelas batalhas travadas em torno do Grande Hotel de Ouro Preto, projeto de Oscar Niemeyer.

A cidade, transformada em berço sacro, possibilitava a utilização de um potencial turístico pelas características barrocas das edificações e o interesse despertado por matérias veiculadas na imprensa de todo o país. A ausência de instalações que recebessem os turistas e as polêmicas que giraram em torno de qual seria o melhor modo

para que se acomodasse esse provável e desejado potencial turístico será tratada mais adiante.

Mas, se a mudança da capital faz parte do repertório das explicações para a preservação de Ouro Preto, devo considerar que também os modernistas estão presentes entre os atores que atuaram sobre o destino da cidade. A valorização da cidade é melhor compreendida quando examina-se os debates da época a respeito do que Ouro Preto representava para a nação e os significados a ela atribuídos pelos modernistas. Porém, reitero que, não considero os modernistas como os atores principais para o tombamento da cidade. Excluindo-se as pressões políticas que eram comuns a todos os atores dos debates, esse grupo comungava, sobretudo, o ideal estético da arquitetura.

O período no qual Rodrigo Melo Franco de Andrade foi o diretor do SPHAN ficou conhecido como a "*sacralização da pedra e cal*"⁵⁰. A denominação deriva do fato de, durante este período, terem ocorrido o maior número de tombamentos, dentre os bens do acervo, de monumentos arquitetônicos. Maria Cecília L. Fonseca também utiliza o termo tempo da pedra e cal para nomear o período de fundação do SPHAN.

Deparamo-nos com duas justificativas para a escolha dos monumentos arquitetônicos a serem preservados. Rubino considera que Lúcio Costa⁵¹ foi profundamente influenciado pela explicação sociológica culturalista de Gilberto Freyre, tanto que acabou por alinhá-la às características de sua arquitetura funcional. Também considera que o par Costa/Freyre criou um elo entre o moderno e o tradicional. O passado é ligado ao presente via interpretação da realidade brasileira através das relações sociais travadas na casa brasileira. A obra de Freyre "Casa grande & Senzala", não foi a que

⁵⁰ Ver Nogueira, Antônio Gilberto Ramos. 1995.

⁵¹ Ele era a principal autoridade técnica da Divisão de estudos e Tombamentos entre os anos de 1932 e 1972. Ver Fonseca, Maria Cecília Londres. 1997; p.105

influenciou Lúcio Costa ao vincular história social à arquitetura. A que realmente causou impacto nas decisões de Costa foi Mundo Novo nos Trópicos, no qual o autor tece considerações sobre o caráter brasileiro encontrado na arquitetura moderna carioca, onde tinham destaque justamente Lúcio Costa e outro arquiteto de seu grupo, Henrique Mindlin.

Para Fonseca, a identificação de Capanema com os ideais modernistas era traduzida de forma a levar o país à modernidade via proposta racional da arquitetura modernista do grupo de Lúcio Costa⁵² onde estavam presentes a idéia de civilização e modernidade. Desta forma, o acervo construía um verdadeiro conhecimento sobre o Brasil, era memória e a civilização material⁵³, como se fosse um "*retrato em pedra e cal*" nos termos de Fonseca. Para ela, os bens, em sua maioria, foram tombados pelo critério estético devido aos seguintes fatores: a maioria do quadro de funcionários era composta por arquitetos⁵⁴; os critérios variavam segundo as interpretações de seus funcionários; mas a preocupação principal do SPHAN era legitimar o ato jurídico do tombamento.

A legitimação do ato jurídico é a explicação encontrada por Maria Cecília L. Fonseca para a coesão do grupo inicial do SPHAN, representado pelo seu Conselho Consultivo e Capanema. O elo entre eles eram as idéias modernistas partidárias da pedra e cal como a re-elaboração da tradição cultural brasileira representada na arquitetura. A autora faz uma mescla da idéia do par Costa/Freyre, apontado por Rubino, e a arquitetura

⁵² O grupo de Lúcio Costa era formado por: Oscar Niemeyer, Afonso Eduardo Reidy, Jorge Machado Moreira, Carlos Leão e Ernani Vasconcelos.

⁵³ Na fase dos anos heróicos, ou no período fundador de acordo com Fonseca, Maria Cecília Londres; 1997; p. 125: "foram tombados 803 bens, sendo: 368 de arquitetura religiosa, 289 de arquitetura civil, 43 de arquitetura militar, 46 conjuntos, 36 bens imóveis, 6 bens arqueológicos e 15 bens naturais".

⁵⁴ A Seção de História não era composta por historiadores mas intelectuais como Carlos Drummond de Andrade. Maria Cecília L. Fonseca argumenta que tal postura do SPHAN é reveladora de que esse Serviço não dava créditos à disciplina História como norteadora para os seus critérios. Ver Fonseca, Maria Cecília Londres; 1997.

modernista que elevava o Brasil aos padrões civilizados com um trabalho moderno. Nas palavras de Rubino: *"a criação de um serviço como o SPHAN, instituição pioneira na América Latina e que, rapidamente, alcançou grande prestígio no exterior, inseria o Brasil no conjunto das nações civilizadas"*⁵⁵.

Já Antônio Augusto Arantes (1987) entende que a ênfase nos critérios estéticos de pedra e cal ou seja, o predomínio dos bens imóveis, deve-se à formação disciplinar dos seus atores, modernistas e arquitetos que tinham um projeto que se encontrava. A explanação de Rubino por um lado mostra a concepção de Lúcio Costa que acreditava no abasileiramento dos modos de construção portuguesa. Essa é a idéia de amolecimento dos trópicos e tem sua razão de ser na obra de Gilberto Freyre, mas não é um argumento que possa ser estendido a todos os outros participantes do Conselho Consultivo e demais membros do SPHAN para se explicar o perfil que esse serviço acabou desenhando. A mesma explicação aplica-se a Fonseca, ao somar o argumento de Rubino e o projeto de civilização que todos tinham em comum. Para mim, não parece ser suficiente. Acho que quem responde essa questão é Arantes, nas suas palavras:

*"fica claro que seria extrema simplificação interpretar a ação preservacionista apenas como uma atividade técnica de organização intelectual de resíduos da história, redundando exclusivamente no salvamento e salvaguarda de objetos materiais, significativos por indicarem ou testemunharem eventos que se tenha resolvido eternizar. Um primeiro conjunto de indagações decorre do fato de, ao que tudo indica, a ação governamental atender em grande parte os vieses de interesse de algumas áreas especializadas do conhecimento, quando não de grupos de especialistas, num processo que talvez seja parte integrante em sua constituição e de sua história enquanto segmentos profissionais diferenciados e organizados institucionalmente. Nesse sentido, o estudo da "preservação" como processo cultural é parte da história da produção artística e intelectual"*⁵⁶.

⁵⁵ Fonseca, Maria Cecília Londres; 1997; p.137.

⁵⁶ Arantes, Antônio Augusto; 1987; p.52. Aspas do autor

Coube ao ideal modernista, sem dúvida, um papel de destaque na criação do SPHAN e na eleição de Ouro Preto como uma cidade típica brasileira para ser elevada a monumento nacional, como se fosse um retrato do que era autenticamente brasileiro. Também foi vista a atuação e reivindicação de atores da própria cidade no processo dessa eleição a patrimônio da nação.

Para os atores de Ouro Preto, recuperar uma identidade para a cidade era garantia de novas oportunidades econômicas, além daquelas encontradas. Uma vez a cidade consagrada como ícone nacional, apostaram e investiram no turismo. Fazia-se necessário um local para abrigar os almeçados turistas e as obras de construção de um hotel na cidade seguiram as indicações de Lúcio Costa⁵⁷, conselheiro de Rodrigo. Esse arquiteto-autor, modernista, elege o projeto de Oscar Niemeyer, com a seguinte justificativa:

“Composto de maneira clara, direta, sem compromissos, resolve com uma técnica atualíssima e da melhor forma possível, um problema atual, como os construtores de Ouro Preto resolveram da melhor maneira então possível, os seus próprios problemas. De excepcional pureza de linhas, e de muito equilíbrio plástico, é, na verdade, uma obra de arte e, como tal, não deverá estranhar a vizinhança de outras obras de arte, embora diferentes, porque a boa arquitetura de um determinado período vai sempre bem com a de qualquer período anterior (...). Da mesma forma que um bom ventilador e o telefone sobre uma mesa seiscentista ou do século XVIII não podem constituir motivo de constrangimento para os que gostam verdadeiramente de coisas antigas – só o novo-rico procura escondê-los ou fabricá-los especialmente no mesmo estilo para não destoarem do ambiente.” (Motta, Lia; 1987; p.110)

As palavras de Lúcio Costa possibilitam entender a importância de sua orientação como Consultor do SPHAN, como isto lhe permitia atuar de modo pragmático com as suas concepções de beleza e concordância de estilos. Costa era contra os *fingimentos* coloniais: a cidade era prova do passado, com edificações autênticas que eram

⁵⁷ Ele era a principal autoridade técnica da Divisão de estudos e Tombamentos entre os anos de 1932 e 1972. Fonseca, Maria Cecília Londres; 1997; p.105

verdadeiros testemunhos que não podiam ser adulterados. Em relação a obras que imitassem a forma arquitetônica das edificações, Lúcio Costa argumenta:

“depois de concluída a obra, ou uma imitação perfeita, e o turista desprevenido correria o risco de à primeira vista, tomar por um dos principais monumentos da cidade uma contrafação, ou então, fracassada a tentativa, teríamos um arremedo ‘neocolonial’ sem nada de comum com o verdadeiro espírito das velhas construções. Ora, o projeto do O.N.S. (sic) tem pelo menos duas coisas de comum com elas: beleza e verdade”
(Motta, Lia; 1987; p. 109).

Assim, o que não pertencia ao original deveria ser destacado, contudo de modo que não causasse rasuras no tecido barroco original. Além do que, para Lúcio Costa havia a clara certeza de que a cidade seria aproveitada turisticamente. O compromisso com a verdade e a beleza deveria voltar-se não apenas para a arquitetura mas, também para aqueles que ali, porventura, viessem em visita. O hotel foi construído com pequenas modificações no projeto original. Torna-se interessante citar as várias opiniões e impressões sobre a inserção de sua figura na paisagem local.

Em cartas manifestando apoio a Racioppi (opositor ferrenho de modernidades) pelo seu trabalho à frente do referido Instituto, atores ligados ao Instituto Histórico de Ouro Preto comentam:

“(...) Quanto ao hotel, de que tanto necessita Ouro Preto, já tive minha intervenção não só fazendo estudos como combatendo os monstruosos caixotes que se adaptam a qualquer lugar menos em Ouro Preto”⁵⁸

“(...) chorei quando li que vão fazer o hotel caixão de defunto.”⁵⁹

O estranhamento criado pelo hotel não afetou apenas os moradores. A artista Sarah Marques enviou um protesto a Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde,

⁵⁸ Carta pessoal de Luiz Signorelli a Vicente Racioppi, 17 de maio de 1940. em Boletim do Instituto Histórico de Ouro Preto de 8 de julho de 1940.

⁵⁹ Carta pessoal de Gastão Penalva a Vicente Racioppi, 6 de junho de 1940. Em idem ao anterior.

apresentando-se como integrante de um grupo de *artistas e fanáticos* do estilo *colonial*. E, aproveitando uma viagem do Ministro a Ouro Preto, o censura pela construção do Grande Hotel, cujo estilo privilegiou o conforto dos turistas ao invés de respeitar a harmonia da cidade: “*V. Excia. que o conhece [o Grande Hotel], não acha que as linhas arquitetônicas do hotel estão em berrante desarmonia com a cidade monumento?*”

Em resposta, Capanema⁶⁰ explica que a autoria do projeto coube a Niemeyer e que o projeto foi discutido e aprovado pelo SPHAN, seguindo orientações de Lúcio Costa para que não falsificassem nem agredissem a harmonia do conjunto arquitetônico da cidade. Em sua palavras:

“A construção do hotel resultou do empreendimento entre o Governo do Estado de Minas gerais, a Prefeitura Municipal de Ouro Preto e o Governo Federal, por intermédio do Ministério da Educação e Saúde”. Concluindo a carta: “Longe de estar em berrante desarmonia com a cidade-monumento “as linhas arquitetônicas do Grande Hotel de Ouro Preto se harmonizam admiravelmente com o conjunto das edificações tradicionais da cidade , embora a construção seja obra muito expressiva da arquitetura contemporânea”⁶¹.

Mas, em direção oposta às explicações do Ministro, um cronista de O Diário, ao descrever os passeios por Ouro Preto, revela a sua impressão do Grande Hotel:

“A poucos passos da Casa dos Contos, contrastando sacrilegamente com a vetusta respeitabilidade de Ouro Preto, acharam de construir um hotel moderno que é, ao mesmo tempo, um aleijão de arte.(...) Todo o ouro-pretano reprova o Hotel dos turistas, e os próprios turistas não hão de sentir-se muito a cômodo em acomodações tão estreitas”⁶².

Vemos, nestes poucos exemplos, o quão variados eram os significados atribuídos a Ouro Preto enquanto patrimônio arquitetônico.

⁶⁰ Os argumentos de Capanema foram basicamente os mesmos contidos na carta de Lúcio Costa.

⁶¹ Carta de Gustavo Capanema a Sarah Marques, arquivo IPHAN, pasta Ouro Preto: Casa: Flores (rua).

⁶² O Diário, 30 de abril de 1943. “Os inconfidentes nos guiam através de Ouro Preto”

O grupo de Capanema, Costa, Niemeyer, compartilhava as noções de beleza e estética modernista procurando recriar as formas autênticas e nacionais, as quais entendiam ser o estilo *casa grande* de Gilberto Freyre⁶³. Viam sem problemas os elos entre um passado barroco e a expressão moderna do país na sua arquitetura. Ponto de vista, aliás, compatível com as concepções mais gerais que buscavam no passado as raízes da autenticidade e da identidade nacional. Capanema, Ministro da Educação e Saúde, homem forte do regime Vargas, instaura uma reforma do ensino destacando a disciplina História, sobretudo no curso secundário, e ressalta “*a necessidade de a história do Brasil constituir-se em disciplina isolada quanto a necessidade de ela não perder vínculos com a história universal*” (Gomes, Ângela de Castro; 1996, p. 159). Deste modo, Ouro Preto tornava-se um ótimo exemplo material e concreto para os brasileiros.

No entanto as correspondências da época evidenciam outros sentidos muito distintos em torno dessa pretensa arte expressiva do caráter nacional e sua conformidade com o cenário do passado. O Grande Hotel, equiparado a um grande caixão, causava protestos dos moradores e turistas evidenciando diferentes interpretações sobre esse pretense documento que era Ouro Preto. As impressões locais mostradas nos periódicos revelam que a história contada por Ouro Preto não se reduzia a um discurso imposto: os próprios moradores sempre remetiam aos mesmos fatos e personagens e freqüentemente tratavam Ouro Preto como palco.

Não apenas estava em questão os sentidos de patrimônio, mas também quem por direito deveria preservar os monumentos: o SPHAN ou um órgão cultural da cidade.

Desta época datam documentos de valor como O Guia de Ouro Preto de Manuel Bandeira, roteiro turístico com impressões de viajantes encomendado pelo próprio

⁶³ Mais detalhes sobre a argumentação a respeito da casa brasileira ver Rubino, Silvana, 1994.

SPHAN em 1938 e que apresenta a cidade como o palco em que viveram os personagens históricos. Na poesia, destaca-se o Romanceiro da Inconfidência, escrito em 1953 por Cecília Meireles, uma “*narrativa rimada*” segundo classificação da própria autora.⁶⁴

Ao mesmo tempo em que a produção cultural em torno de Ouro Preto reforça o seu caráter de identidade nacional, os vários textos acabam por criar lendas e narrativas míticas desse cenário. Criam boatos com lendas de tesouros enterrados, espíritos dos escravos que rondam a cidade. Diante disso, o já conhecido Racioppi sentia-se na obrigação de alertar: “*A probidade histórica exige em tais casos sindicância séria e bem intencionada, para não se forjarem lendas e fantasias*”⁶⁵

O diretor do Instituto questionava os vários critérios para a definição do valor estético. “*Chamando a atenção*”, coloca-se como vigilante das verdades proclamadas pelo SPHAN, reitera a sua posição de sujeito central, revestido de “*competência*” institucional em sua cidade, para delimitar as fronteiras da identidade de Ouro Preto e de seus habitantes como elaboradores do que seria o patrimônio, e não apenas como uma massa passiva e despersonalizada. Através de seus diálogos, os personagens reivindicavam para si a conquista e descobrimento da memória instituída; os modernistas a redescobriram, mas os moradores a preservaram bem antes disso. Fazem-se, por este meio, de porta vozes legítimos do lugar de que falam – Instituto Histórico de Ouro Preto – e pretendem fazê-lo em nome dos habitantes da cidade.

O Chefe do Governo, que figurava a própria Nação, garantia a instância superior do Instituto histórico de Ouro Preto frente ao SPHAN. O seu apoio era aval de legitimidade no embate com esse novo Serviço que ainda estava nos primeiros passos de

⁶⁴ Destacando-se em primeiro lugar a posição privilegiada dos modernistas que fizeram parte da caravana paulista a Ouro Preto.

⁶⁵ O Jornal Rio de Janeiro, 21/4/40, “Lendas e Narrativas” por Vicente Racioppi

negociações no que tangia aos técnicos e verbas para os restauros. Questionava-se quem possuía maior legitimidade para proteger os bens. Pela série de confabulações aqui mostradas pode-se perceber as representações que giraram em torno do patrimônio e da memória no período.

As pendências entre os dois personagens são uma amostra de que estava sendo discutida a legitimidade política em torno da guarda do acervo entre moradores e forasteiros representados pelas figuras de Racioppi e Rodrigo – que por sua vez, procurava afirmar tanto a sua posição individual quanto a do SPHAN, enfrentando-se publicamente em desafios e questionamentos.

A cidade monumento passava a se constituir em um repertório simbólico e material dessa “*comunidade política imaginada*”⁶⁶, disputado por atores históricos.

O Grande Hotel gerou conflitos, mas seguiu em frente por muitos anos rivalizando e revezando a hospedagem dos turistas com o Toffolo Hotel. Esse era o outro hotel a hospedar os visitantes, o que pode ser observado na sua propaganda em 1945: “*O mais antigo de Ouro Preto – o preferido dos srs viajantes, com transporte próprio para estação central do Brasil, em ótimos automóveis. Instalado no centro da cidade. Asseio e atenção. Cozinha de 1ª ordem*”, o Grande Hotel não deixava por menos: “*Conforto, asseio e respeito. Cozinha nacional e estrangeira – recomendado aos srs. turistas e pessoas de bom gosto – restaurante de 1ª ordem – apartamentos para casais e solteiros*”⁶⁷.

O estudo de caso dos anos iniciais de Ouro Preto como patrimônio nacional permitiu que algumas vozes fossem recuperadas, sobretudo Vicente Racioppi, a fim de

⁶⁶ Conforme o sentido de Anderson, Benedict, 1989.

⁶⁷ Tribuna de Ouro Preto 29 de julho de 1945.

evidenciar novos atores não consagrados pela bibliografia e com isso revelar alterações em torno do que se entendia por acervo nacional.

Modernismo e modernidade, assim Ouro Preto deveria seguir seu caminho. Manter a sua tradição de cidade voltada para o passado e a autenticidade, a ela atribuída, era a garantia de sua modernidade. Sobre a tradição muito se falou e ainda se fala. O que é tradição? Esta aparece ao longo dos anos com sentidos distintos. Parte de seus significados é aquele em que as edificações, paisagens, traçado urbano e propagandas fazem um elo entre o passado e presente, palco dos acontecimentos que são continuamente elencados e pelo critério estético estilístico que a cidade representa com as suas fachadas, nas palavras de Lia Motta:

“As primeiras ações do Patrimônio nos centros tombados tratavam a cidade como expressão estética, estendida segundo critérios estilísticos, de valores que não levavam em consideração sua característica documental, sua trajetória e seus diversos componentes como expressão cultural e parte de todo socialmente construído. Esta abordagem resultou em uma prática de conservação orientada para a manutenção dos conjuntos tombados como objetivos idealizados, distanciando-se das contingências reais na preservação daquele tipo de bem”⁶⁸.

Mesclar o antigo ao novo, desde que seja boa arquitetura, já que essa sempre tem lugar como dizia Lúcio Costa.(Motta,Lia; 1987). Atualmente a tradição aparece como sinônimo de passadismo e surge em seu lugar a defesa dos costumes.

A montagem do cenário turístico deveu-se não somente à mídia impressa nacional, mas também à local. Houve um grande investimento por parte dos redatores para a configuração de uma Ouro Preto cívica, estética, barroca, artística e nacional. A

⁶⁸ Motta, Lia, 1987; p. 108.

cidade monumento que deveria, por essas qualidades, atrair e despertar o culto dos civis para o esplendor da pátria.

A viagem a Ouro Preto era possível por trem. Não havia uma rodovia que ligasse Ouro Preto a Belo Horizonte, o que dificultava o acesso e a frequência de um público maior. Em 1944 um repórter de Belo Horizonte resolveu aventurar-se e, através de seu texto, sabe-se que a disponibilidade de trens para Ouro Preto era de três por semana, partindo de Belo Horizonte às cinco da madrugada com a chegada prevista para as onze da manhã. Durante o percurso ia recebendo magotes de novos passageiros e trafegava com maior número de pessoas do que sua capacidade real. Em seu relato o viajante desabafa:

“Os trens trafegam super-lotados. Cada vagão leva lotação dobrada, metade sentada e metade em pé. Os passageiros vão comprimidos como nos trens suburbanos do Rio. Malas e sacos de viagem atravancavam os espaços livres entre os bancos. O condutor fez penosas manobras para caminhar ou recolher os bilhetes”.

Sua ida a Ouro Preto deveu-se a uns dias de folga de que o cronista aproveitou-se para passear. No entanto, acabou por sugerir um passeio diferente por Ouro Preto. Não foi inspirado pelos Inconfidentes nem pareceu apreciar as ladeiras tão famosas que foram percorridas por vários heróis:

“Convenci-me então de que só há uma forma cômoda de se conhecer a cidade: é deixar-se a gente ficar no hotel, preguiçosamente sentado ou deitado, lendo o Guia de Ouro Preto de Manuel Bandeira. Ler é muito melhor do que ver”⁶⁹.

Este relato além de ilustrativo do modo como eram feitas as viagens à cidade monumento, também permite uma outra faceta turística que vai além do devotado civismo. Os relatos anteriores enfatizaram o guia de Bandeira.

⁶⁹ Folha de Minas “Ouro Preto, ida e volta”; 16 de março de 1944.

Sobre esta questão, o crítico dos anos cinquenta, Brito Broca, traçou um resumo dos significados atribuídos a Ouro Preto pelos modernistas e sua relação com os intelectuais. Nas suas palavras:

“(..) é preciso notar, entretanto que a voga de Ouro Preto foi devida, em grande parte, ao cunho nativista das correntes modernas irrompidas em nossa literatura de 1922 para cá. Desde essa época, passamos a olhar com maior atenção muitas coisas representativas do nosso passado e de nossa nacionalidade, que se achavam quase esquecidas. O interesse pela legendária Vila Rica concentrou-se a princípio no lado artístico”.

Este capítulo procurou resgatar sujeitos que tiveram atuação marcante na fase pioneira do processo de tombamento no Brasil, já que Ouro Preto foi a primeira cidade a ser elevada ao título de patrimônio da nação. Este capítulo também mostrou como foram elaborando e criando significados para a nova Ouro Preto como detentora de um enorme potencial turístico e até mesmo possuindo uma nata vocação para o turismo.

Capítulo 2. O drama social da Semana Santa: tradição e turismo

Neste capítulo apresento o drama social da Semana Santa e os sentidos de tradição que foram resgatados acerca das mudanças pretendidas para essa festa.

A Semana Santa em Ouro Preto é uma festa religiosa que se transforma em um momento de reflexão pia para uns, fortalecimento de memórias para outros e em momento áureo para os cofres de hotéis, pousadas, lojas e restaurantes. O período mais relevante para o turismo são os três dias que antecedem o domingo de Páscoa⁷⁰, enquanto os dias anteriores são relevantes para os moradores⁷¹.

Essa festa possui uma ampla divulgação na mídia impressa a qual pode ser exemplificada no seguinte trecho:

“Esplendor da tradição religiosa e litúrgica da Semana Santa, que é a mais importante festa popular da histórica cidade e uma das mais autênticas do Brasil. As tradicionais cerimônias do Lava-pés e do Descendimento da Cruz, as procissões do Enterro e da Ressurreição, as ruas ornamentadas com tapetes cuidadosamente montados pela população, e as casas enfeitadas com lanternas, toalhas e colchas trabalhadas compõem um cenário que atrai milhares de visitantes interessados no clima de recolhimento espiritual e encantamento propiciado também pelo conjunto histórico urbano barroco”⁷².

Desta forma, Ouro Preto é retratada como se fosse um reduto de autenticidade dos costumes e da memória que ainda subsiste no cenário brasileiro. Não só o acervo é

⁷⁰ Para os cristãos católicos que são os que reconhecem a autoridade do Papa como legítimo sucessor de Pedro, a quem Cristo constituiu seu representante na terra. Para os católicos, a Semana Santa, maior festa da Cristandade, é a comemoração da Páscoa, isto é, da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo.

⁷¹ Durante os três dias que antecedem a Páscoa acontecem os eventos do Lava-pés, Descendimento da Cruz e Procissão da Ressurreição. Os eventos da Semana anterior são: Procissões de Depósito de Nossa Senhora das Dores e de Nosso Senhor dos Passos e Procissão do Encontro.

⁷² Estado de Minas; “A Semana Santa em Ouro Preto”; 11 de abril de 1993.

histórico barroco, como também o são as manifestações populares e os moradores configurados como zeladores de um legado de festas históricas.

O patrimônio tombado sai dos museus e se revela: os bens móveis, as esculturas consagradas de Aleijadinho e outros. São mais significativas para o morador porque é a sua igreja, é o cenário e palco onde sua fé se materializa. São adereços e objetos sagrados para os participantes das Irmandades que os guardam e os carregam, os enfeitam e os reverenciam ao longo do trajeto das solenes procissões⁷³.

Mas, se há o sentido religioso, esse acaba por ser enquadrado sob o título de típico local. São as encenações que atraem a parte turística. Máquinas e filmadoras de moradores e turistas são acionadas para registrar o cenário e os atores em um espetáculo de “*autêntica tradição*”. Mas, que outros significados são revelados nessa festa que celebra a fé e é também intitulada de autêntica e popular permitindo inserir a discussão sobre tradição, memória nacional e direitos?

Essa questão será trabalhada neste texto a partir de análise da Semana Santa de 2001, sob a ótica do drama social o qual permite revelar as tensões dentro de parte da hierarquia da igreja que não vê com bons olhos a atuação das Irmandades. Quanto à participação das Irmandades nas procissões, pretendo mostrar que é por meio destas que o ouro-pretano cria sua identificação com o patrimônio nacional, sua memória e seu referendo ao direito da memória nacional.

⁷³ O ritual da Semana Santa revela a extrema erudição do acervo em contraste direto com a pobreza da população. A disposição das Irmandades também o revela, seus atores são a população humilde que está ao lado das camadas privilegiadas, mas mantendo as distâncias da hierarquia social. Os membros das Irmandades mais distintas explicam que a hierarquia é resultante da ordem de fundação das Irmandades. Quanto mais antiga for a Irmandade mais atrás irá na procissão. Pois quanto mais atrás se vai no cortejo mais próximo se está do esquife ou ao Santíssimo, o que vale dizer o local mais sacro da procissão. tb coincide o fato de que as Irmandades mais prestigiadas são as que congregam os irmãos de melhor condição sócio-econômica.

Em uma cidade que é patrimônio histórico e artístico nacional e da humanidade, que tanto apela e constrói a sua vocação turística, é contraditório e talvez irônico que as mudanças pretendidas acabariam com os direitos da população de manifestar-se nos seus moldes, e tradições. Fato que também repercutiria em um impacto negativo para o atrativo turístico. Apresento a seguir o drama social que analisará os atos, os atores e o desenrolar do conflito.

Apresentando a festa

A festa religiosa tem a sua organização alternada: os anos pares ficam a cargo da matriz de Nossa Senhora do Pilar, no bairro do Pilar, e os anos ímpares a cargo da matriz de Nossa Senhora da Conceição, no bairro de Antônio Dias. A responsabilidade pela organização da festa fica a cargo da Irmandade do Santíssimo Sacramento⁷⁴.

Essa festividade pode ser dividida em duas fases, tendo em vista o circuito turístico⁷⁵. A primeira fase não está contemplada pelas propagandas turísticas, é o período em que há o Setenário das Dores de Nossa Senhora, quando são realizadas missas durante sete sextas-feiras, sendo a última delas anterior à Sexta-feira Santa. Além do Setenário, ocorrem as procissões chamadas de Depósito das imagens de Nossa Senhora das Dores e

⁷⁴ A composição dessa Irmandade é constituída pelo Provedor; Vice-Provedora [que costuma ser a esposa do Provedor. Uma homenagem ao casal e porquê não ao casamento? Contudo não é pré-requisito que o Provedor seja casado embora, ocorra na prática]; Secretário; Tesoureiro; Procurador. Suas vestes são opa vermelha, uma túnica comprida e tendo como bordado na altura do peito a custódia do Santíssimo.

⁷⁵ A cidade de Ouro Preto tem duas matrizes, a de Antônio Dias e do Pilar. É por isso que cada ano elas se alternam na organização. Porém as imagens saem sempre das mesmas igrejas, o que é alterado é o local do Descendimento da Cruz e a missa da Páscoa descritas no corpo do texto.

de Nosso Senhor dos Passos, Jesus⁷⁶. Na sexta-feira a imagem de Nossa Senhora é depositada na igreja de Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia e no sábado a imagem de Nosso Senhor dos Passos é depositada na Matriz de Antônio Dias, na igreja de Nossa Senhora da Conceição. O percurso dessas procissões não é o mesmo e as imagens são depositadas em igrejas diferentes, então há a situação do desencontro, porque segundo reza a bíblia, Maria, quando soube da denúncia contra Jesus foi procurá-lo e só o encontrou quando ele já estava indo, carregando a sua cruz para o calvário na via crucis⁷⁷. Tal desencontro só será revertido no Domingo de Ramos com a procissão do Encontro entre Nosso Senhor e Nossa Senhora.

Na “quinta-feira santa” ocorre a cerimônia do Lava-pés⁷⁸. É um evento em que há a teatralização do episódio bíblico quando Jesus lavou os pés de seus apóstolos, os quais nessa cerimônia são representados por crianças. Ocorre também um sermão proferido por um padre convidado e a apresentação das figuras bíblicas, as quais são interpretadas por adultos que desfilam na procissão do dia seguinte, sexta-feira da Paixão de Cristo e na da Ressurreição, no Domingo de Páscoa. Esses são os eventos públicos, pois, no interior de

⁷⁶ Ressalto que os eventos aqui descritos não são os únicos que ocorrem durante esse período da Semana Santa em Ouro Preto. As outras paróquias dos bairros da cidade também realizam missas, sermões e procissões.

⁷⁷ Independente de quem esteja organizando a Semana Santa, a imagem de Nosso Senhor dos Passos sempre sai da matriz de Nossa Senhora do Pilar, pois só lá há essa imagem. O seu destino sempre é para a matriz de Nossa Senhora da Conceição e é recepcionada pela Irmandade do Santíssimo que a aguarda na praça Tiradentes, divisa entre as freguesias do Antônio Dias e do Pilar. Quanto a Nossa Senhora das Dores: nesse caso existem duas imagens: uma pertencente a igreja de Nossa Senhora das Dores sendo seu destino a igreja de Nossa Senhora das Mercês de Cima. Quando fica a cargo da outra matriz, Nossa Senhora do Pilar, a imagem sai dessa igreja e o seu destino é para a mesma igreja de Nossa Senhora das Mercês de Cima. Essa cerimônia não muda o seu destino independente da matriz que esteja organizando a Semana Santa.

⁷⁸ Nessa cerimônia há a presença da imagem de Nossa Senhora das Dores. Ela aparece no ato da Quinta-feira e segue em procissão na Sexta-feira, por isso, ela é trasladada da igreja de Nossa Senhora do Pilar para as igrejas que sediam as cerimônias do Lava-pés e Descendimento da Cruz. quando a organização fica a cargo da matriz de Nossa Senhora da Conceição, a cerimônia tem como palco o adro da igreja de São Francisco de Assis, assim ocorre a procissão da igreja de Nossa Senhora do Pilar até a igreja de São Francisco de Assis na Terça-feira. Quando a organização fica a cargo pela matriz de Nossa Senhora do Pilar a procissão de traslado é realizada dessa igreja até a igreja de Nossa Senhora do Rosário, o palco dos mesmos eventos.

cada igreja ocorrem missas, comunhão, confissões, vigília pascal, bênção batismal e renovação das promessas do batismo.

Descrevi de maneira sucinta o ritual dessa festa religiosa. A seguir apresento o drama social Semana Santa de 2001.

O drama social da reza

No ano de 2001 a Semana Santa quase não aconteceu no moldes dos anos anteriores, cuja estrutura de eventos foi descrita anteriormente⁷⁹.

1º ato - ruptura: recém chegado à matriz de Nossa Senhora da Conceição, organizadora deste ano da Semana Santa, Padre Adalberto propôs efetuar mudanças de cunho estrutural na tradição de Ouro Preto. Pretendia promover uma ampla gama de variações tendo em vista sua experiência em outras igrejas em que foi pároco. Nenhuma das quais, é bom que se diga, praticante das encenações paralitúrgicas que conferem uma das identidades de Ouro Preto. Sua resolução foi tomada em conjunto com alguns membros do conselho da igreja não participantes de qualquer das Irmandades locais e que nunca antes haviam organizado uma Semana Santa em Ouro Preto. A Irmandade do Santíssimo Sacramento não foi consultada sobre as mudanças pretendidas: as procissões de Depósito de Nossa Senhora das Dores e de Nosso Senhor dos Passos seriam realizadas no mesmo dia, juntamente com a procissão do Encontro; não seriam feitos tapetes para a procissão de Páscoa e as Irmandades não sairiam em todas as procissões. Padre Adalberto não trabalhou isolado. Reuniu os outros padres das paróquias de Santa Ifigênia, Cristo Rei e da outra matriz, Nossa Senhora do Pilar.

⁷⁹ Mantenho a descrição dos acontecimentos em atos, me baseando no esquema de Victor Turner.

Para ele, ator principal dessas mudanças, o motivo era claro: durante a Semana Santa ouro-pretana são realizados atos paralitúrgicos em demasia. No seu entender, as procissões são verdadeiros desfiles das Irmandades. Muito mais teatro do que fé. A Semana Santa deve ter como características principais: introspecção, silêncio e meditação e, no seu modo de ver, procissão e meditação não andam juntas e por isto não professam fé.

As mudanças pretendidas pelo padre causaram um sério conflito em torno da configuração da Semana Santa. Seus participantes se envolveram em discussões sobre o significado real dessa festa religiosa para os atores que a organizam, bem como para o seu público, ou seja, os moradores de Ouro Preto. Para o promotor de tantas transformações, tratava-se apenas de atualizar o calendário litúrgico e promover a volta da verdadeira fé, em lugar de apenas teatro ao ar livre. As alterações propostas baseavam-se também em outros argumentos tais como: se há um só Carnaval de Ouro Preto porquê não uma Semana Santa de Ouro Preto? Porque, cada paróquia mantinha suas solenidades em separado? A seu ver, juntas deveriam realizar uma só Semana Santa da qual constassem apenas os eventos principais do calendário religioso: Procissão do Encontro, Lava-pés, Descendimento da Cruz, e Procissão da Ressurreição. Na opinião de padre Adalberto, as procissões e seus figurantes principais, as Irmandades, acabam por desviar cada fiel de seu verdadeiro ato de fé o qual tem suas bases nas comedidas e sinceras meditação e reflexão.

2º ato- liminaridade: a reunião de debate ocorreu entre os padres e o Bispo de Mariana. Os detalhes foram discutidos a portas fechadas e o conteúdo das negociações desse encontro não foi tornado público. As Irmandades organizadoras, que não

participaram das negociações, só posteriormente foram informadas sobre quais as decisões tomadas. Novamente, houve uma série de discussões em torno das modificações e do fato das Irmandades não terem sido chamadas para a reunião. Também ficaram patentes não só a falta de informação de padre Adalberto quanto ao trabalho que envolve a organização de uma Semana Santa, como a tentativa de abafar o trabalho das Irmandades. Pessoas de Irmandades distintas perguntaram ao padre: Quem a organiza? Como se organiza? Quais são as solenidades a serem feitas? Como espera o padre, agindo desta forma ditatorial, angariar ajuda, sendo que os seus conselheiros jamais mexeram com a organização de uma Semana Santa? Já falou com a Irmandade do Santíssimo Sacramento que é a responsável pela organização, e conhece as pessoas e os rituais que devem ser feitos? Qual a forma de contato com as pessoas que ajudam financeiramente? Já participou de alguma Semana Santa nos moldes da que é feita em Ouro Preto com tantas procissões e atos paralitúrgicos? Como vai dialogar com as Irmandades e dizer-lhes que elas estão excluídas de algo que lhes é patrimônio religioso de manifestação de sua fé? Ao autor das mudanças foram colocadas essas e outras questões pelas Irmandades que fazem parte da matriz de Nossa Senhora da Conceição. E ele não soube o que responder. Viu-se às voltas com um sério problema de empatia no seu terceiro mês de pároco daquela matriz. Houve evasão de público e de dízimo.

3º ato: negociação: resultado de conversas; onde padre Adalberto vê-se forçado a ceder à pressão das Irmandades e de outros fiéis. A realização, no mesmo dia, de duas procissões, o sermão e a volta em procissão para o Pilar eram totalmente inviáveis. As mudanças que padre Adalberto conseguiu introduzir foram: unir as quatro paróquias de (Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Pilar; Cristo Rei e Santa Ifigênia) e

assim fazer uma só Semana Santa em Ouro Preto. Mas, calma lá, sem deixar que cada uma realizasse suas cerimônias internas. O Domingo de Ramos reuniria os fiéis das quatro paróquias vindos dos quatro cantos de Ouro Preto em procissão trazendo os ramos para serem abençoados. A missa seria campal, pela manhã, ou seja, ao ar livre, tendo por palco o bairro da Barra. No Domingo de Páscoa os tapetes foram confeccionados como sempre, mas a missa campal teve por palco a praça Tiradentes. Iniciou-se uma procissão em cada paróquia, sendo a principal a que trazia o Santíssimo, proveniente da matriz de Nossa Senhora da Conceição. As procissões se encontraram na praça e houve uma missa com a comunhão e depois seguiram para o destino final na igreja de Nossa Senhora do Rosário. Ali, ergueu-se um palanque e padre Renato, responsável pela matriz de Nossa Senhora do Pilar, recebia os fiéis que iam chegando. A sua condução no palco dessa solenidade revela os significados do que ele considera tradição. Como esta se reveste da cultura de Ouro Preto; como arte e religião, memória, acervo e fé, são constituintes de diferentes faces de um mesmo patrimônio que é a identidade de Ouro Preto; como o sentido que esse padre, assim como suas ações, constrói. E não apenas no púlpito, mas no dia a dia leigo da cidade, através de recuperação das igrejas da sua paróquia, do trabalho de catalogar o acervo e disponibilizar para consultas públicas e da formação de um museu. Sua preocupação não se refere apenas ao patrimônio e à esfera religiosa, mas também à memória e aos costumes dos moradores.

Fragmentando os rituais

Discuto agora as tramas desses atos, as conseqüências das mudanças e de que modo estas, se integralmente levadas a cabo, influenciariam a atividade turística de Ouro Preto. Penso que retirar o direito de decisão dos próprios moradores, realizadores da festa, é tratá-los como meros coadjuvantes que podem ser retirados de cena sem dano nenhum ao espetáculo que só diz respeito ao poder da Igreja e sua deferência. Não foi cogitado pelos padres envolvidos, o significado desses atos para os moradores nem a importância das Irmandades na manutenção das igrejas tombadas. Quem zela por elas? Membros das Irmandades. O que estava em jogo ao afastar e diminuir os atos paralitúrgicos? O enfraquecimento da força das Irmandades. Uma questão de poder dentro da própria igreja que possui diferentes segmentos com entendimentos distintos dos caminhos que o catolicismo deve tomar?⁸⁰

Um periódico local, Galilé, publica matéria com alguns comentários de moradores. Cito alguns depoimentos:

“A Aleluia era no Sábado, às nove horas; hoje é a meia-noite de Sábado para Domingo. Judas era queimado no Sábado quando rompia a aleluia”; “Eu tomei parte em diversas festas em Ouro Preto. Fui provedor na Matriz do Pilar em 1928 e em 1958, trinta anos depois. As festas de antigamente eram outra coisa, eram mais solenes do que hoje, não havia bagunça. Esse negócio de bagunça apareceu depois que isso aqui passou a Monumento Nacional e criou este negócio de Departamento de Turismo. Eu sou do tempo em que as festas daqui eram mesmo solenes, com muita solenidade e muito respeito. A Semana Santa do meu tempo de menino era uma coisa respeitadíssima. Dentro da Igreja do Pilar, por exemplo, a pessoa para freqüentar os atos, não podia ir com roupa de cor. Tinha de ir com roupa escura, terno e gravata, não podia ir de qualquer jeito como hoje, decotado, manga de fora...”; “O Setenário era às sete e meia. Depois Pe. João passou para a noite. As músicas eram lindas. Orquestra completa.

⁸⁰ Aqui não trato dessas divergências, pois seria uma pesquisa à parte, apenas citarei as polêmicas que foram travadas e se relacionam com a vida social de Ouro Preto e o que caracteriza o modo pelo qual são construídos os diversos significados, atribuídos a Ouro Preto, quer do ponto de vista turístico, quer dos moradores ou outros atores.

Havia primeiro violino, segundo violino, terceiro violino. Todos os instrumentos eram completos. Mesmo os músicos que tinham mudado de Ouro Preto para Belo Horizonte vinham para a Semana Santa. O Setenário era muito freqüentado mesmo quando era de manhã. Vinha gente de longe, da roça, a pé”⁸¹.

Estes depoimentos mostram algumas mudanças no decorrer dos anos que revelam como foram incorporados novos costumes ao que era antes praticado e concebido como respeitoso ou condizente com os atos da Semana Santa. Roupas de cor ao invés de sóbrias roupas escuras foram uma mudança significativa para esse morador e ex-provedor⁸² da matriz do Pilar. Não só os ânimos foram acirrados como ficou patente que os atos são tão sagrados quanto sacro é o patrimônio tombado, e quão distante esses atos religiosos estão do turismo e do tal do Monumento Nacional, o qual, segundo ele, é o responsável pela bagunça que contaminou os ares da Semana Santa nos anos de 1990.

Em 1970, Vicente Racioppi, presidente do Instituto Histórico de Ouro Preto, fez um boletim no qual descrevia a Procissão do Enterro, da qual ele havia sido o narrador oficial. Para ele, turismo e patrimônio andavam juntos sendo que esta atividade era vista de modo “*vivificador, que devia promover-se em bases técnicas e que poderia salvar Ouro Preto do aniquilamento, trazendo-lhe rios de ouro em substituição do ouro que possibilitou a reconstrução de Lisboa, as grandezas da Lusitânia e as Igrejas douradas mineiras*”⁸³. Vicente Racioppi atribuía um significado precioso ao turismo do patrimônio, o de gerador de lucros financeiros. O que iria prover Ouro Preto seria justamente sua peculiar Semana Santa com suas procissões solenes.

⁸¹ Galilé Abril/90; “Religiosidade Popular na Semana Santa”; Francelina Ibrahim Drummond

⁸² O cargo de provedor para a Irmandade equivale ao seu presidente. Possui também os seguintes cargos: vice-provedor, secretário, tesoureiro, procurador. Há variação na denominação dos cargos, mas não da função conforme variam os nomes das corporações de leigos.

⁸³ Racioppi, Vicente, “Procissão do Enterro”; Boletim da Academia Marianense de Letras; março de 1970.

Os relatos disponíveis revelam mudanças que foram sendo introduzidas na Semana Santa e ajudam a compreender os significados vigentes, há anos, para essas pessoas e que podem passar despercebidos quando vistos em um período de conflito como o que está sendo apresentado neste trabalho.

Passo a descrever as procissões, sem as mudanças pretendidas, e os significados que elas assumem para os seus participantes, sejam fiéis ou não. Concentro nas procissões porque são os momentos mais ricos de significados públicos e polissêmicos, no ritual da Semana Santa. Os demais eventos, ainda que mencionados, não foram contemplados com uma análise detalhada.

Procissão do encontro

Essa é a primeira cerimônia da Semana Santa em Ouro Preto relevante para esta análise. Acontece no Domingo de Ramos e encena o encontro entre Nosso Senhor dos Passos, Jesus, com sua mãe Nossa Senhora das Dores, Maria. As procissões de depósito, descritas anteriormente, ampliam seu significado nesse evento, quando as imagens integram a dramatização do sermão proferido em plena praça lotada. As procissões, provenientes de sentidos contrários, deixam seu local de origem ao mesmo tempo. Maria, Nossa Senhora das Dores, sai da igreja de Nossa Senhora das Mercês de Cima e segue um compasso mais vagaroso do que a outra que sai da igreja de Nossa Senhora da Conceição⁸⁴. As Irmandades e os fiéis, em fila dupla, acompanham seu santo de maior

⁸⁴ A cadência mais vagarosa se deve ao fato da igreja de Nossa Senhora das Mercês de Cima encontrar-se mais próxima do local da solenidade do que a igreja de Nossa Senhora da Conceição.



devoção enquanto as procissões seguem seu destino em direção ao púlpito provisório⁸⁵ instalado na praça Tiradentes onde será celebrada a cerimônia. Ali, o pároco responsável pela organização do evento vai direcionando e mantendo a atenção do público que já se encontra na praça. Pessoas que preferem a escolha de um bom local para acompanhar o evento pois, uma vez que as procissões tomam a praça, esta fica lotada e é difícil um bom local para se ver o encontro das imagens, o momento áureo do Encontro, que ocorre em frente ao Passo, localizado na esquina da R. Direita⁸⁶.

O encontro ocorre conforme as duas procissões vão se aproximando, o que é determinado segundo a cadência do sermão que está sendo proferido. Pode-se observar que vários outros encontros ocorrem ali. Momentos díspares como um vendedor de algodão doce, visitantes assistindo a uma festa religiosa com vários paramentos, um espetáculo de fé e a dramatização da esperança e do amor para os fiéis católicos.

No ano de 2001, desenrolou-se como segue:

Padre Adalberto, apesar de ser contrário, acatou a decisão dos demais envolvidos e comandou o evento.

A cada dia solene e sagrado da Semana Santa foi destinada uma frase chave que condensasse o propósito do trabalho da igreja com o povo sob o lema "*Vida sim, Drogas não*".

Segue o ato paralitúrgico: o padre convidado, padre Roberto, apresenta a liturgia desta cerimônia, em sermão, que se inicia enfatizando a necessidade de tal encontro,

⁸⁵ Esse púlpito é instalado nos degraus da estátua de Tiradentes, e lá também estão instalados o som, as luzes, o pessoal da TV TOP Cultura, pois todos os eventos são televisionados. O púlpito é colocado em direção ao Passo do encontro.

⁸⁶ Passos são pequenas capelas que abrem apenas uma vez por ano na Procissão do Encontro durante a Semana Santa. Simbolizam o caminho do Calvário, diante deles os fiéis param durante a procissão para rezar e entoar cânticos. São eles: Passo da Verônica – localizado na ponte Seca; Passo da Flagelação na R. Getúlio Vargas; Passo da Coroação de Espinhos – R. São José; Passo da Cruz às Costas – praça Tiradentes; Passo do pretório na R. Carlos Tomáz.

lembrar aos fiéis que Jesus deu a Sua vida para a salvação de Seu povo, redimindo-os do pecado, estabelecendo os laços de uma aliança com toda a humanidade. Explica que a Bíblia, *“a sagrada escritura não é senão, narrativa da grande paixão de Deus pelo ser humano”*. Paixão e morte na cruz, palavras que sintetizam a Semana Santa em Ouro Preto. Palavras que, para este padre, devem assumir o propósito do ato de Jesus Cristo, sua paixão pela humanidade e a morte para a salvação dessa mesma humanidade. Paixão que também deve significar o compromisso pessoal para com o próximo: cada um deve amar os necessitados. Amor revertido em ação concreta, não apenas dar esmolas. Chama a atenção para a posição política que a igreja deve assumir bem como os seus fiéis: um questionamento do poder político constituído e a reivindicação de políticas públicas que devam ser dirigidas, sobretudo, à educação e à saúde. Padre Roberto traduz o que entende ser a Semana Santa: *“tempo de oração, penitência e conversão”*. Mas o sentido político que este padre reivindica tem em Cristo o seu propósito e mentor. Trata-se de uma coerência com o compromisso batismal do católico, o que significa para o fiel ser um discípulo do Grande Mestre: *“Cristo reconhecerá que vós sois os seus discípulos, “se vos amardes uns aos outros como eu vos ame”*. O lema da Semana Santa é retomado em seu sermão, e deve ser o encontro de cada um na sua vida com aqueles que ama. Palco de grandes acontecimentos - a metáfora usual para Ouro Preto surge nas palavras do padre - e temos novamente a cidade configurada como o cenário dos personagens sacralizados tanto quanto o ato que se encena. Continua a contar a história da cidade, da escravidão, seguindo a lógica de comparação com o sofrimento do Cristo:

“Não podemos deixar de nos lembrar das dores e sofrimento de tantos irmãos: nossos negros. Pelo passado foram escravizados, aqui castigados, torturados, inocentes à semelhança do próprio Cristo diante da insensibilidade humana”.

Enfaticizou, momentos antes, o casario e as Igrejas de Ouro Preto, como não podia deixar de ser, e os entrelaça em um âmbito que não mais se refere ao patrimônio, mas sim a Instituição Igreja:

“Também as nossas igrejas aqui mostrando a identidade de raiz profunda da fé cristã arraigada no coração do nosso povo, no coração das nossas famílias, mostrando que força poderosa da Igreja enquanto povo de Deus, uma igreja que é chamada constantemente a se questionar também diante do processo de evangelização marcado entre sombras e luzes. Vamos louvar a Deus e agradecer as conquistas mas vamos também, irmãos e irmãs, pedir perdão se muita das vezes nós não estivermos ao lado do pobre, na defesa do injustiçado, na luta pela dignidade humana. Se muitas das vezes nosso poder de influência e bem esteve muito mais a serviço da Igreja templo do que da Igreja povo. Para nós o grande desejo ao iniciar esse novo milênio, somos chamados em ver em Deus o artista por excelência, fazendo todas as coisas, dando vida a todas as coisas. E viu que tudo era muito bom. (...)”

A identidade do ouro-pretano é resgatada para conclamar o povo na fé. Neste ponto, atém-se ao ritual do Encontro, quando as duas procissões já entram na praça. Faz a pergunta para a explicação que será dramatizada: *“Quem é esse Jesus?”* Em seguida o tempo mítico é retomado com o sentido e contexto do encontro que assiste na praça todo o aparato que as Irmandades e as procissões encenam: *“Ele está todo ferido, ele está machucado por causa da violência dos soldados de Pilatos. Desfigurado, Jesus toma a cruz às costas e segue para o lugar de sua morte. Vence as estradas de Jerusalém, encontra-se com pessoas e alguns curiosos, querem saber: quem é esse homem? Que Ele andou aprontando? Outros indiferentes preocupados apenas com seus próprios interesses, não reconhecem nEle Jesus Cristo, o salvador deles, o nosso Salvador”*.

Dirigindo-se a seus fiéis, católicos, novamente retoma o tempo bíblico:

“Naqueles momentos de grande dor, de grande sofrimento no caminho para o Calvário Jesus se encontra com muitas pessoas, mas dois encontros são muito especiais: primeiramente Jesus se encontra com Simão Cirineu. Simão Cirineu um homem simples, um homem do povo, esse encontro vai marcar profundamente sua vida. Voltava ele do campo e os soldados de Pilatos o determinaram, o obrigaram para que ele pudesse carregar a cruz de Jesus. Acostumado ao trabalho do campo, Simão pega logo a cruz do

Cristo e sua vinda aliviou as dores e os sofrimentos desse homem. A dor compartilhada dói menos. Simão pega a cruz de Jesus Cristo, descansa seus ombros esfolados, liberta essas mãos que apenas se dirigiram para abençoar, perdoar e curar. Suaviza os pés, pés feridos, doloridos, desse missionário incansável, Simão ajuda a carregar a cruz de Jesus e assim participa de um modo especial da obra de Deus para a salvação da humanidade”.

Padre Roberto assume o controle dos atos. Através de seus gestos e com suas palavras comanda a encenação. Dirigindo-se à procissão de Nossa Senhora das Dores convida: *“Aproximai-vos Maria eis que vem o vosso filho. Ide ao Seu encontro”*. Em seguida à procissão de Nosso Senhor dos Passos: *“Aproximai-vos Jesus, ide ao encontro de vossa mãe. Ela já sabe o que sofreis, ela sofre n’alma aquilo que sofreste na carne. Encontro especial: mãe e filho. Encontro confortador, garantia de solidariedade”*.

Nessa fase da cerimônia, as imagens com suas Irmandades estão próximas do Passo do encontro, dispostas de tal modo que Nosso Senhor dos Passos está diante de Nossa Senhora das Dores. Momento comovente para os fiéis, é o apogeu do sermão e da lição que se quer entendida e estendida a todos os que estão na praça assistindo à solenidade religiosa. O ato prossegue. Padre Roberto convida todos a seguirem em procissão até a igreja de Nossa Senhora do Pilar onde acontecerá a missa e o sermão do Calvário. Mas continua a sua direção ritual convidando o público presente a rezar por Nossa Senhora das Dores, a oração do Pai Nosso. A praça se transforma em um enorme coro e rezam conforme convidados. Nova procissão se forma e seguem juntas as imagens de Jesus e Maria, acompanhadas pelas bandas de Bom Jesus do Matosinhos e Bom Jesus das Flores.

Comparo este, com o evento do ano anterior, 2000, organizado pela matriz de Nossa Senhora do Pilar. O pároco responsável é padre Renato, ativo construtor da identidade da cidade de Ouro Preto como uma das mais eruditas e peculiares cidades

históricas. Em seus sermões alia a fé que o acervo tombado representa ao seu valor cultural na memória e sentimento de cada ouro-pretano, na construção de sua identidade como cidadão de uma cidade patrimônio. Não apenas como erudição, arte barroca, mas pelo caráter sacro das imagens, entende que também se está representando toda a cultura de um povo: no caso, em primeiro lugar o ouro-pretano e depois o brasileiro. Mas esse acervo se não for acompanhado das Irmandades e demais religiosos e, sobretudo dos atos paralitúrgicos, não aproxima o povo de sua cultura, acaba por descaracterizar a cidade de Ouro Preto como patrimônio histórico e artístico nacional. É no ritual da Semana Santa, nos seus vários atos e encenações, que padre Renato encontra um momento privilegiado para moldar a cidade patrimônio, e também tornar o acervo histórico mais significativo para a população. Embora o significado mais atuante do acervo seja de cunho religioso, existem outros significados do patrimônio tombado, destacadamente o turístico. E é nesse contexto que se torna mais presente e viva a atuação das Irmandades com o sentido de pertencerem a Ouro Preto, não como algo que é só tradição sem significado, algo pitoresco que serve de aparato e figuração às procissões, mas, como uma tradição viva e constante que une os amigos, famílias e visitantes e mantém acesa a memória familiar e do ritual religioso.

As Irmandades conseguiram se impor frente às mudanças pretendidas por padre Adalberto, que vê os costumes antigos como uma tradição com significado ultrapassado, que não tem sentido atual e está deslocado dos rumos da igreja dos dias de hoje, em outras palavras: a tradição é algo atrasado, reminiscências de uma época passada que perdeu sua razão de existência. É uma boa colocação para se utilizar quando faltam informações e, portanto, compreensão ampla do porquê da cerimônia. Mas as Irmandades

conferem a identidade ao ouro-pretano. Têm sua fé católica e, por essa via, reconhecem todo o porque de Ouro Preto ser uma cidade patrimônio.

Destaco aqui as palavras do fim do ano 2000 quando padre Renato assumiu novamente o controle da solenidade. Suas palavras são elucidativas no tocante às diferenças de sua postura quando comparada às ações de padre Adalberto:

“Nós agradecemos a Deus esse momento de fé, de silêncio, de cultura, de arte, de respeito. Os visitantes, aqueles que pensam que não têm fé mas tem a beleza da esperança e a beleza do coração. E infeliz de um povo que não guarda suas raízes, é na simplicidade, é essa religiosidade popular. E depois desse sermão do nosso querido colega de infância, nosso querido ouro-pretano, (...) pessoa admirável na fé, na coragem, na cultura”.

Esse trecho permite observar a sua ênfase para o fato de que a cidade é palco de arte e cultura, no sentido de erudição. Sua fala entrelaça-se assim a Ouro Preto dos costumes históricos lembrados nas propagandas turísticas. Padre Renato não é admirador do turismo sem uma política que o oriente, que qualquer um venha e faça o que quiser. É um sério crítico da falta de política cultural dirigida ao turismo. No entanto entende que o turismo é uma via de geração de empregos e que Ouro Preto deve ser visitada por todo seu esplendor e arte consagrada. Nas suas palavras durante o Encontro em 2000:

“Esse encontro é muito mais do que uma paraliturgia do que um teatro. Esse encontro é um grito final do século XX nos preparando para uma caminhada do século XXI, muito mais do que Tiradentes, esse Cristo fala de nossa libertação, por isso meus queridos, nós agradecemos a fé de vocês”.

Prosseguindo: na terça-feira, é realizada uma outra procissão de Depósito. Isso por que a imagem de Nossa Senhora das Dores é parte integrante da encenação do Descendimento da Cruz. Ela é Maria, a mãe que estava presente na crucificação de seu

filho Jesus. Assim ela é levada em solene procissão até a igreja onde ocorrerá a cerimônia⁸⁷.

As cerimônias do Lava-pés e do Descendimento da Cruz são realizadas respectivamente na Quinta-feira e Sexta-feira Santas, e estas são as encenações mais divulgadas pela imprensa. Esta semana é o período tido pelas propagandas turísticas como a Semana Santa de Ouro Preto por isso o pacote hoteleiro se estende da quinta-feira até o Domingo de Páscoa. Detenho-me nas solenidades públicas, os atos que necessitam de grandes palcos, pois estas são significativas para o ato ritual da Semana Santa sobre a qual detenho minha análise. Elas assumem vários significados que são compartilhados e tecem o caráter dessa Ouro Preto que é monumento nacional e da humanidade.

Outros atos da Semana Santa turística

Preparado pela Fundação de Arte de Ouro Preto – FAOP, um folder de apresentação da Semana Santa anuncia:

“Mais uma vez os sinos vão repicar anunciando a procissão. Ouro Preto se prepara para a Semana Santa. Nas igrejas cânticos são ensaiados. A prataria polida. Senhoras piedosas engomam os paramentos e escovam as cabeleiras dos santos de roca. Nas casas as colchas e as toalhas são alvejadas para penderem de janelas e sacadas. Os vizinhos se reúnem para discutir a decoração das ruas. Eles irão trabalhar a noite inteira, de joelhos, cobrindo as pedras do calçamento de flores, borra de café tingida ou serragem colorida formando o imenso tapete do trajeto. A Fundação de Arte de Ouro Preto preparou um roteiro para que os visitantes e os mais jovens possam conhecer os diferentes personagens que figuram na procissão. Para que possam ver e seguir a cerimônia conhecendo seu significado e também reviverem os episódios narrados com fé redobrada”⁸⁸.

⁸⁷ No ano de 2001 a cerimônia teve por palco o adro da igreja de São Francisco de Assis.

⁸⁸ FAOP- Fundação de Arte de Ouro Preto; “folder de apresentação da Semana Santa da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Antônio Dias”; março de 1997.

Esse folder apresenta várias concordâncias com a apresentação da mídia. A narrativa da FAOP também entoa ares de uma Ouro Preto que está totalmente empenhada na confecção da sua Semana Santa. Até parece que todos da cidade são católicos fervorosos. A idéia é de que todos da cidade trabalham com afinco para a grandiosidade do espetáculo da Semana Santa ouro-pretana motivados pela fé. Contudo é mais uma demonstração de como essa festa é divulgada para o público e onde se verá, no decorrer desse trabalho, as disputas dos sentidos além dessa univocidade pretendida.

Lava-pés

Voltemos nossa câmera para o Lava-pés no ano de 2000, cujo palco foi o adro da igreja de São Francisco de Assis. Neste cenário um jogo de luzes é montado refletindo nas paredes exteriores da igreja. Nas escadarias em frente ao adro se encontra um púlpito, um espaço para o coral, e caixas de som que são espalhadas na entrada do adro para a platéia ouvir o sermão realizado antes da lavagem dos pés dos apóstolos⁸⁹.

A descrição cantada dessa cerimônia, usando vocábulos da própria Bíblia, é quase como se fosse uma missa. Acompanhada do coral Pio X, dá início ao evento:

“Proclamação do Evangelho de Jesus Cristo segundo João. Na festa da Páscoa, Jesus viu que tinha chegado a sua hora. Jesus sabia que tinha chegado a sua hora de passar deste mundo para o Pai. Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim. Estavam tomando a ceia, o diabo já tinha posto no coração de Judas, filhos de Simão Iscariotes, o propósito de entregar Jesus. Jesus sabendo que o Pai tinha colocado

⁸⁹ Os apóstolos são: Simão Pedro, André, João, Tiago Maior, Natanael ou Bartolomeu, Mateus ou Levi, Simão, Judas Tadeu, Tomé, Tiago Menor, Felipe, Judas Iscariotes, Matias [substituto de Judas]

*tudo em Suas mãos; e que de Deus tinha saído e que para Deus voltava, levantou-se da mesa, tirou o manto, pegou uma toalha e amarrou-a na cintura, derramou água numa bacia e começou a lavar os pés dos discípulos, enxugando-os com a toalha com que estava cingido. Chegou a vez de Pedro. Pedro disse: “Senhor, Tu me lavas os pés?”, Jesus respondeu: “Agora não entendes o que estou fazendo, mais tarde compreenderás”. Disse-lhe Pedro: “Tu nunca me lavarás os pés”, mas Jesus respondeu: “Se Eu não te lavar os pés, não terás parte comigo”. Simão Pedro disse: “Senhor então lava não somente os meus pés mas também as mãos e a cabeça”. Jesus respondeu: “Quem já se banhó não precisa lavar senão os pés porque já está limpo. Também vós estais limpos, mas não todos”. Jesus sabia quem o iria entregar. Por isso disse: *nem todos estais limpos*. Depois de ter lavado os pés dos discípulos, Jesus vestiu o manto e sentou-se de novo e disse aos discípulos: “Compreendeis o que acabo de fazer? Vós Me chamaste Mestre e Senhor e dizeis bem, porque Eu sou, portanto se Eu, o Senhor e Mestre, Vos lavei os pés, vós também deveis lavar os pés uns dos outros. Dei-Vos o exemplo para que façais a mesma coisa que Eu fiz”. E o diácono termina com: “Palavra da Salvação”.*

Depois de entoados os versos bíblicos, Padre Adalberto convida todos os presentes a refletirem e meditemem no próximo ato que é o sermão. Padre Renato inicia a prédica inserindo a cerimônia no palco de Ouro Preto, espaço tão importante quanto a própria igreja de São Francisco de Assis:

“O grande mandamento do amor, a emoção da história na caminhada da vida, há anos as penumbras de Ouro Preto, as névoas londrinhas dos capitéis desse orgulho das Minas Gerais. O silêncio pelas ruas e travessas (...). Meus queridos, aqui é uma estação de história, arte e cultura mas há fé. Quando eu falo em fé não é mania de religião, é compromisso de espírito, de amor, de inteligência, de responsabilidade. Não existe fé; se não existe o compromisso de respeitar o seu semelhante. Milhares até hoje são discípulos de Cristo, mas poucos são os apóstolos esfuziantes à frente da caminhada da justiça, da paz e da verdade. Esse é o meu Cristo de Lavapés. (...)”.

Explica seu entendimento do que é o Lava-pés. Mostra que a cerimônia tem por atores as crianças ouro-pretanas, cujos pais já lá estiveram e prossegue o vínculo com a cidade via igreja. A cidade é parte integrante e presente em seus discursos. Para ele, não se trata apenas de um teatro, mas sim um momento em que as belas obras de arte vão a público e quando a força das Irmandades se faz presente. Enfatiza em seu discurso, de modo eloqüente, e como se fosse uma missão de fé, a divulgação de Ouro Preto:

“No dia do Lava-pés vendo essas criancinhas tão simples, ainda hoje nesse instante, a liturgia no pilar. (...) Eu tenho emoção e ainda tenho momentos para dar dessa cidade, sua plástica, seu segredo. Ouro Preto é uma força impressionante onde a calúnia brilha, onde a verdade é mentira. Ouro Preto na sua história onde Aleijadinho sofria as suas chagas de Antônio e não de um Francisco, mas só lembram, na via da história, que o consagrou na inteligência dos povos, a beleza de mostrar sua obra em pedra. Meus queridos, a noite de Ouro Preto são momentos furtivos, furiosos, mentirosos da história da humanidade. Os pés cansados, os escravos descalços. Mas escravos espezinhados pelas botas do ouro, laborado nas minas, é o Lava-pés. Para que vocês compreendam que essa cerimônia é um compromisso de fé, mas é um compromisso com a história de liberdade, de riqueza na consciência, na inteligência do ser humano”.

Continuando exemplifica o que ele entende ser tradição:

“(...) Meus queridos, essas criancinhas, queremos dividir esse momento muito mais que a tradição, como poderiam dizer: “como são atrasados”. Não tem consciência a ternura de uma criança, na simplicidade de uma criança. Amigos, curiosos, visitantes, moradores que esse momento seja um momento muito forte no nosso existir. Aquele Cristo silencioso nas brumas de Ouro Preto, nas trevas de Ouro Preto, nas noites de Ouro Preto, onde pode nascer um sinal místico, mítico, atrás do poderio do Itacolomi, uma luz da esperança, morna, mas que brilha com a estrela e com a lua que pode aparecer para nós. Meus queridos, Lava-pés porque não dizer: eu que nasci nessas terras, meus pés já foram lavados também, para que meus pés fossem lavados, minha mãe lavou meu pé antes, para que fosse beijado pelo sacerdote. Esse gesto é o gesto de Cristo, naquele que está nos lavando na esperança de novos tempos (...)”.

O término de seu sermão é enfático. Apesar de mostrar a cidade que é patrimônio também ressalta o outro lado de Ouro Preto, a pobreza de sua população:

“Eu termino com aquele gesto bonitinho de uma criança: ali nas ruas de Ouro Preto, quando alisando o cimento para rejuntar as pedras desajustadas e quebradas de

Ouro Preto ... quando aquele pedreiro acabou de colocar aquela massa de cimento, o menino veio e colocou o seu pé naquele cimento novo. Eu vi aquela briga: "Porque você fez isso menino, moleque", ele deu uma resposta impressionante: "porque artistas podem ter seus pés em Hollywood ..." Uma criança falou isso, "Porque eu não posso ter os meus na pobreza de Ouro Preto?". Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém".

O seu sermão chama a atenção pela enfática correlação entre a cerimônia da Semana Santa de Ouro Preto e o sentimento de pertencimento dos moradores à sua cidade. Não desvincula os atos do local em que ocorrem e é por isso considerado pelas Irmandades um defensor das tradições de suas manifestações. Respeitado por uns, detestado por outros que o vêem como uma espécie de personagem que *"tem mania do passado"*. É fato que às vezes desconsidera as diretrizes técnicas do IPHAN e executa as obras conforme seu grupo de especialistas. Não reconhece legitimidade no pessoal do escritório técnico federal, sujeito a muita rotatividade, apesar de enxergar neles uma presença e atuação necessárias. Suas palavras quanto à tradição, são uma resposta pública de seu entendimento de quais atos devam ser apresentados, ou seja, discorda totalmente de padre Adalberto, para quem as encenações são mero teatro.

O ato da lavagem dos pés dos apóstolos é realizado no palco em frente à igreja. Essa solenidade não é assistida somente pelo público presente, mas também pela imprensa televisiva e um grande número os fotógrafos que sobe ao palanque para conseguir um ângulo mais favorável e mais próximo da cerimônia. Isso dificulta muito a visualização do espetáculo para quem está em pé no adro. Reclamações surgem de várias partes: uns porque acham que padre Renato sempre coloca política em seu discurso, outros simplesmente reclamam que *"com tantos fotógrafos não dá para ver nada"*.

O evento de 2000 contrasta com o de 2001 quanto aos sentidos investidos na teatralização da liturgia e acentua o modo pelo qual a população é inserida e resgatada

como atores privilegiados nesses atos. Nesse ano, a igreja comemorou o Jubileu do Ano 2000, que foi considerado o grande Jubileu, quando deveria ocorrer por parte dos fiéis e dos sacerdotes:

“um apelo a valorizarem todas as celebrações eucarísticas, de modo particular a da Assembléia dominical, memória semanal da Páscoa do Senhor, de maneira que todos os que nela participam conformem a sua vida com o grande mistério celebrado”⁹⁰.

Enquanto comanda o ritual e o padre convidado se prepara para iniciar o seu sermão, padre Renato comenta sobre as crianças que representam os apóstolos e que trazem cada um a sua toalha para que o sacerdote que realiza a cerimônia enxugue os seus pés de apóstolos: *“muitos que hoje são adultos e passaram por essa cerimônia tem sua toalha até hoje”*.

Durante o sermão, apelos ao fim da exclusão e amor uns aos outros *“como Ele nos amou”*. O teor do sermão foi o que a morte do Cristo representa e significa. O padre convidado clamou para o amor entre os irmãos da mesma fé, unindo diferentes povos na mesma crença. O amor sem orgulho que Ele demonstrou quando lavou os pés de seus discípulos, despojando-se de Sua Glória e igualando-se àqueles que O seguiam. Assim diz o convidado em dado momento de seu sermão:

“(...) Irmãos, irmãs, lavar os pés é um caminho de abertura de um mundo novo para nós todos, lavar os pés é sermos humildes, é termos coragem de abrir nosso coração. É a revelação de Seu grande mistério quando Ele disse: “Eu não vim para ser servido mas Eu vim para servir. Eu quero ser humilde, Eu quero ser simples”. É por isso irmãos, o mistério do Senhor deve estar bem próximo de cada um de nós. Porque lavar os pés não se trata de repetirmos, literalmente nessa liturgia, o que Jesus fez com seus amigos. Repetindo a liturgia é muito pouco o que nós fazemos para a profundidade de nossa vida. Trata sim de nós captarmos o que Deus revelou em Deus Cristo, o nosso salvador, que está presente, que opera a salvação no mais humilde serviço de amor que prestamos aos nossos irmãos. Não é apenas uma encenação (...)”.

⁹⁰ Texto do 47º Congresso Eucarístico Internacional, Roma, 18-25 de Junho de 2000. Pesquisado no site da CNBB

Após sua prédica, o padre convida todos a se abraçarem, e darem as mãos e rezar um Pai Nosso em uníssono. Em seguida os sacerdotes procedem à cerimônia de lava-pés propriamente dita quando lavam os pés das crianças/apóstolos. O coral acompanha com seus cânticos e há uma breve apresentação de cada apóstolo e sua história bíblica. Depois da lavagem, o sacerdote oficiante convida o público: *“Naquele tempo ninguém bateu palmas para os apóstolos, mas agora nós vamos [bater palmas] para 2000 anos”*. O ritual termina com todos de mãos dadas rezando o Pai Nosso e votos de paz e bênçãos por parte dos sacerdotes.

Na cerimônia de 2000, padre Renato enfatizava que ela pertence aos moradores, a importância de sua presença. A de padre Adalberto, em 2001, enfatiza que o ato devia lembrar somente o Cristo, reavivar no coração das pessoas a Sua presença e os votos de batismo. Considerou as palavras do sermão: *“uma meditação, são palavras de uma presença viva do Mestre e do Senhor”*. O ato encenado revela gestos comoventes do Cristo, que deve ser reavivado em cada um que esteve presente ao evento. O encerramento da cerimônia do Lava-pés de 2001 foi feito com o convite para que no dia seguinte se assistisse à missa, lembrando que a sexta-feira Santa é *“um dia de silêncio, de penitência, de oração”*. Todas as palavras revelaram a sua opinião sobre como deve ser conduzida a Semana Santa: com introspeção.

Descendimento da cruz e procissão do enterro

O outro evento aqui analisado é a cerimônia do Descendimento que consiste na teatralização da retirada do corpo de Jesus da cruz e é realizada na Sexta-feira Santa.

Santa para os católicos. Para os leigos é um feriado prolongado, a cidade lota. Carros, parados nas calçadas com som alto, chamam a atenção de quem quer e quem não quer avistá-los. As excursões de turistas sobem e descem as ladeiras e visitam as igrejas e monumentos. Reclamam quando os funcionários avisam que o expediente será menor: *“Como assim? E a gente? Vai dar para ver o quê?”*. Os bares, restaurantes, lojas e lanchonetes estão cheios de fregueses. Os turistas sentam nas calçadas e tomam sua cerveja, os relações-públicas das lojas de pedras recrutam os clientes. À noite, com os monumentos fechados, a cidade é o cenário da dramatização da morte de Cristo. Nele encontram-se três cruzeiros. A do meio com a imagem do corpo de Cristo, e as outras duas com os dois ladrões, o bom e o mau, que foram crucificados ao lado de Cristo, conforme a narrativa bíblica.

Em 2001, o evento foi comandado por padre Adalberto, sempre lembrando tratar-se de um dia de jejum, penitência, oração em honra da morte de Jesus. Informou que desde a quinta-feira teve início o Tríduo Pascal, os dias mais importantes da Semana Santa. Anunciou que seria realizado o ato solene do Descendimento da Cruz e que deveria ser mantida, pelo público, uma atitude de recolhimento, meditação e silêncio diante da morte de Jesus.

A primeira cerimônia foi a apresentação da figura de Cristo, uma reflexão realizada por um dos padres convidados⁹¹ e narrada pelo narrador oficial das cerimônias públicas de Ouro Preto:

⁹¹ Nesta parte do evento são apresentadas as figuras bíblicas do Antigo e Novo Testamentos que fizeram parte da Salvação e por isso acompanham o cortejo fúnebre. São elas: “Abraão; Isaac; Anjo do Sacrifício; Sara; Agar; Jacó; Rebeca; Esaú; Lia; Raquel; José do Egito; Melquisedeque; Faraó e Escravas; Fua e Séfra; filha do Faraó; escrava da filha do Faraó; irmã de Moisés; Moisés; Séfora; Aarão; Lília; Josué; Rute; Noemi; Samuel; Abigail; Davi e escravas; Betsabé; Salomão e escravas; Rainha de Sabá e escravas; Profetas: Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel; Judith e escravas; Suzana; Débora; Arcanjos: Miguel, Rafael e Gabriel; Ester; família dos Macabeus: mãe e filhos; Paulo; Lígia; Apóstolos: 12 adultos e 12 crianças; 10

“Que mal fez esse homem que é o homem que nesse cenário religioso atrai-nos a todos através da sua ação salvífica? Ao espetáculo de luzes e cores não pode ofuscar nossa singela expressão de fé. Descortina-se aos nossos olhos o cenário do amor, estamos no alto do Calvário. Perpassam a nossa vista todos aqueles marcados, salvos e purificados pelo sangue do Redentor. Deixemo-nos caminhar nessas pegadas de purificação e salvação a cada dia do novo milênio”.

Estes personagens se enfileiram no palco⁹² e a cerimônia continua em outro ato: o sermão do convidado, desta vez um Bispo, que estava comemorando suas bodas de prata episcopais, ou seja, 25 anos de sacerdócio. Inicia com:

“Bênçãos para toda a humanidade. Noite de bênçãos para nós irmãos que aqui estamos. (...) Hoje estamos aqui representando a humanidade inteira: crianças, homens e mulheres, pessoas com experiência da vida, aqueles que estão mais perto, porque já acolheram plenamente a mensagem de Deus e aqueles que se aproximam atraídos pelo amor do Senhor”.

Convida o público a direcionar seu olhar para o ato encenado e também para aprender, na noite de gratidão, a lição da Salvação:

“Estamos aqui contemplando, irmãos, essas três cruzes, lição realmente para nós hoje, que Jesus com a sua coragem, com a sua firmeza, com o seu amor não teve medo de aceitar a morte para nos salvar. (...). Estamos aqui pensando, em nosso coração, Jesus deu a vida por nós e vamos contemplando essa cruz, para que ele possa agora ser tirado da cruz. Ele estersou toda sua vida nesse ato supremo de amor. A nós agora irmãos pertence estar aqui para a noite da gratidão. Acompanhar com o olhar pouco a pouco a descida de Jesus da cruz, esse descendimento. Uma palavra que significa que outros foram tirando pouco a pouco o grande nome que encimava a cruz: Jesus Nazareno Rei

virgens, prudentes e imprudentes; Caifás; Pilatos e escravas; Claudia e escrava; Barrabás; Simão Cirineu; Evangelistas: Mateus, Marcos, Lucas, João; Simeão; Ana; Herodes; escravas de Herodes; Herodíades; João Batista; Salomé; Samaritana; Zaqueu; Lázaro; Marta e Maria; Bom Pastor; Virtudes teologais: fé, esperança, caridade; Anás; Anjo da Amargura; Maria Madalena e João; carpideiras; Verônica; José de Arimatéia; e Nicodemos”.

⁹² A explicação sobre cada um deles segue em anexo. Há variação dos personagens bíblicos quando é realizado pela matriz de Nossa Senhora do Pilar, são eles: 12 Anjos; Abraão; Isaque; Anjo do Sacrifício; Sara; Agar; Jacó; Rebeca; Lia; Isaías; Raquel; José do Egito; Melquisedeque; Faraó e escrava, Sefra; Filhos de Faraó e escrava; Miriam; Moisés; Séfora; Aarão; Lília; Josué; Arcanjos; Débora; Betsabá; Rei Salomão; Rainha de Sabá; Rute; Noemi; Samuel; Abigail; Ester; Macabeus: Mãe e 7 filhos; Judite; Davi e escravos; Suzana; 3 virtudes teologais; Zacarias; Isabel; Simião; Ana; Herodes; Herodíades; João Batista; Salomé [com a cabeça de João Batista]; 4 Evangelistas; Saulo ou Paulo; Simão Cirineu; Samaritana; Carpideiras; Zaqueu; Lígia; 12 apóstolos [as crianças]; Lázaro; Marta e Maria; Bom Pastor; Maria Madalena; Bom Pastor, 10 virgens: prudentes e imprudentes; Cláudia; Pilatos e escravos; Caifás; Anjo da Amargura; Verônica.

dos Judeus, e depois pouco a pouco os cravos até que Cristo fosse colocado diante de sua mãe. (...)”.

O propósito da cerimônia não é um espetáculo teatral, que desvia da fé e do compromisso de uma noite de oração e meditação. Vai conduzindo passo a passo os atos do Descendimento da Cruz:

“Eis que nessa noite viemos todos aqui contemplar num só, penetrar do amor, (...) Vamos irmãos com o nosso olhar ver agora Nicodemos e José de Arimatéia que vão se aproximar do alto dessa cruz e despregar aquela inscrição: Jesus Nazareno Rei dos Judeus. (...) Que essa inscrição seja guardada com carinho em nosso coração”.

Dois padres das paróquias de Ouro Preto interpretam os personagens, Nicodemos e José de Arimatéia, responsáveis por tirar a imagem de Jesus da Cruz. Cada ato de tirar os cravos, descer os braços e as pernas e depois todo o corpo até ser colocado no esquife é narrado pelo Bispo e comentado com mensagens para se refletir acerca do comportamento diário de cada um. Pergunta ao público se as suas ações não são cravos que ferem o Cristo, e assim conduz os atos dos outros dois padres, atos solenes, teatralizando o sacrifício doloroso de um Cristo que levou amor, bênçãos, cura e esperança a várias pessoas.

“(...) Contemplemos agora a sua cabeça ensangüentada, cabeça envolvida por espinhos que foram como uma coroa. Que loucura. Colocar uma coroa de espinhos na cabeça de um homem. Que ignomínia fazer isso com o filho de Deus. (...) Esta triste coroa de espinhos vai sendo tirada da cabeça de Jesus. Acompanhemos irmãos, estão tirando a coroa para que nós possamos dizer também: Senhor nós não vamos mais colocar espinhos na vossa cabeça(...) Mas nós vemos irmãos os braços, esses braços estão perfurados pelos cravos, Jesus ficou dependurado na cruz pelos cravos, uma dor enorme, seu corpo chagado, flagelado, dilacerado pelas chibatadas, enfraquecido pelo cansaço. Eis que agora nós contemplamos essas mãos, as mãos de Jesus foram mãos que a abençoaram as crianças, foram mãos que curaram os doentes, que levantaram os paralíticos, foram mãos que apontavam para o céu, foram mãos que abençoaram os pecadores (...). E agora pedimos então que esses cravos sejam retirados, que esses braços sejam aliviados dessa terrível posição. Esses braços de bênção, de amor (...). Contemplemos o corpo chagado de Jesus, pouco a pouco vão ser agora tirados os cravos dos pés de Jesus. Pés que caminharam pela terra de Jesus, pés que entravam no mar para que Jesus pudesse pregar a turba, pés que subiram as montanhas para que mais

povo envolvesse Jesus (...). Esses pés irmãos, que ainda ontem, acompanhávamos lavados aqui pelo próprio Cristo num sinal de sevicia. São pés agora do Cristo que nós queremos oscular, beijar num sinal de gratidão e de amor(...)".

Retoma a cerimônia do dia anterior, aquela que dá início ao Tríduo pascal:

"O Lava-pés, que marcou ontem o nosso olhar e a nossa fé, nos faz agora pensar que para nós continua também o simbolismo dessa ação do Cristo transformada em serviço ao nosso próximo. (...) Os pés que vão agora, já liberados dos cravos se transformando para nós em programa de vida. Somos nós que vamos caminhar, somos nós que vamos ceder, somos nós que vamos anunciar e queremos oscular esses pés sagrados porque são eles que para nós mostraram a força do amor (...). Eis que agora acompanhemos com o olhar como Nicodemos e José de Arimatéia vão pouco a pouco descer a imagem do Cristo. Pensemos no que aconteceu na noite de sexta-feira. Essa imagem do Cristo nos faz pensar no corpo chagado do Cristo. Vamos com o olhar acompanhando irmãos, ele está sendo descido da cruz, ele vai ser entregue diante de sua mãe para ser depositado. Já não sofre mais. No entanto será verdade que o Cristo já não sofre mais? Jesus não disse? E disse sim, muitas vezes que tudo que nós fizermos a um de nossos irmãos a ele o faríamos? (...)".

Agora, o corpo, já colocado no esquife, percorre as ruas de Ouro Preto na procissão do Enterro, a mais demorada e da qual participam mais Irmandades e na qual é maior o público presente. Mas o sermão continua:

"Irmãos, se com o olhar nós vemos o Cristo que é colocado nesse leito que agora há de percorrer, com o corpo do Cristo, a nossa cidade. Tudo isso nos faz pensar. Que há muito Cristo sofredor, que há muita mulher e muito homem que vai precisar dos braços do Cristo, dos pés do Cristo, do amor do Cristo, do coração do Cristo (...). A verdade é que nós vamos agora acompanhar essa longa procissão em que o Cristo levado ele diante de nós estará com seus olhos fechados, com seus braços inertes, com seus pés e suas pernas imobilizados, mas tudo isso nos faz pensar na grande missão dessa noite. Porque o Cristo quer que todos nós aprendamos a buscar o irmão sofredor (...). Preparemo-nos acompanhando agora pelas ruas esta imagem do Cristo que não sofre mais, mas que está, conforme o evangelho, numa atitude de quem não caminha mais porque passou pela morte mas de alguém que daqui há pouco mais há de ressurgir na força da sua própria vitalidade (...)".

Convida todos a cantarem Glória a Ti Senhor⁹³, - convida primeiro a todos, depois só as mulheres, depois só os homens. Continua, assim, chamando o público a participar e demonstrar a sua fé, pede que todos os presentes repitam com ele:

“Nós cremos em Vós, aumentai a nossa fé, vamos repetir: ”Senhor, nós cremos em Vós. Aumentai a nossa fé. Senhor, nós O amamos, aumentai o nosso amor. Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo. E agora irmãos, com muita fé, amor e confiança, todos que puderem vão acompanhar essa procissão. Os outros de longe, seguem esses passos com a sua atenção. Lembremo-nos que o Cristo que passa, levado assim em procissão é o Cristo que abençoa, que passa pelas casas, que deixa uma mensagem de perdão e de paz. Para que nessa noite, nessa grande cidade de Ouro Preto representando a nossa Arquidiocese, e todas cidades pequenas e grandes e esta igreja em particular, que esta passagem do Cristo leve a todos a mensagem de ternura de Deus”.

A Ouro Preto desse Bispo não tem nada da cidade nacional e da humanidade, é a cidade de um palco que zela pela religião católica, que transmite a mensagem de Deus, o amor e a fé, a esperança em Cristo. Noite que se medita o mistério da Ressurreição. A procissão desfila pelas ruas, mas o sentido que lhe atribui o Bispo não é de algo pertencente a um patrimônio de manifestação do povo, é a procissão para a introspecção. Assim, alia-se ao sentido do padre Adalberto.

Enquanto ocorria o arranjo das pessoas em filas duplas que seguiam na frente do cortejo, as Irmandades se posicionavam, o esquife era arrumado, padre Adalberto ia encerrando essa cerimônia. Chamou a Verônica para o seu canto e o coral São Pio X. As suas palavras demonstram que o intuito da cerimônia é tocar o coração daqueles que não são católicos para que se convertam, alcançando assim a graça da redenção, da salvação.

A procissão é um testemunho do amor que cada um tem por Jesus. Prosseguir em caminhada é assumir a reparação dos pecados cometidos e o compromisso de uma vida nova.

⁹³ A música cantada é: “Jesus Cristo é o Senhor, o Senhor, o Senhor. Jesus Cristo é o Senhor, Glória a Ti Senhor. Da nossa vida Ele é o Senhor, da nossa vida Ele é o Senhor, da nossa vida Ele é o Senhor, Glória a Ti Senhor”. Esses versos são repetidos várias vezes.

A procissão segue seu destino pelas ruas, tendo à sua frente uma fila dupla de fiéis. No aglomerado, pessoas tiram fotos e filmam. Ao longo da procissão, o público assiste o caminhar, mas do lado de fora das filas. Não convém que se atravesse de um lado para o outro da outra fila. Os que o fazem logo têm sua atenção chamada por algum membro da Irmandade, ou de um fiel. Entre as duas filas, local reservado aos membros das Irmandades, sai em primeiro lugar o Guião, uma bandeira roxa que é de Nosso Senhor dos Passos⁹⁴. A seguir as figuras bíblicas, depois as confrarias: Vicentinos, Filhas de Maria, Apostolado da Oração, Congregação Mariana e depois as Irmandades de: Senhor Bom Jesus das Flores, Senhor Bom Jesus dos Matosinhos, São Sebastião, Nosso Senhor dos Passos, São José, Santa Ifigênia, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora do Parto, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora Santana, Nossa Senhora do Piedade; as Ordens Terceiras: Mercês e Perdões do Bom Jesus da Misericórdia de Ouro Preto, Nossa Senhora dos Perdões; São Francisco de Paula, São Francisco de Assis, Ordem Terceira Secular Nossa Senhora do Carmo. No final, à frente do esquife coberto de roxo, a guarda Romana. A imagem de Jesus Cristo morto está visível sob um pálio de tecido roxo e seis varas de prata. Quem o carrega são pessoas prestigiadas, leigas ou sacerdotes. Junto ao esquife vai a imagem de Nossa Senhora das Dores e próximo a ela seguem as Irmandades do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora das Dores. Fechando o cortejo, atrás de todos, segue a banda de Bom Jesus das Flores.

O esquife é levado pelos apóstolos que se revezam ao longo da jornada pelas ruas de Ouro Preto.

⁹⁴ O roxo é o sinal de luto, no Domingo a bandeira é vermelha.

O trajeto do cortejo fúnebre: saindo da igreja de São Francisco de Assis segue para a praça Tiradentes, desce a R. Direita, passa pelo largo do cinema, pela R. São José, contorna a Rua Getúlio Vargas, passa em frente a igreja de Nossa Senhora do Rosário, atravessa a Ponte Seca, segue em direção a matriz de Nossa Senhora do Pilar, contorna essa igreja, sobe a Rua do Pilar, volta à R. Direita. Novamente passa pela Praça Tiradentes, desce pelo Largo de Coimbra, contorna a Igreja São Francisco de Assis e desce a Rua Bernardo de Vasconcelos finalizando na matriz de Nossa Senhora da Conceição⁹⁵. O personagem Verônica segue junto ao pátio e canta na saída da procissão, em frente a cada Passo, na porta da matriz do Pilar e em frente a matriz de Nossa Senhora da Conceição⁹⁶.

Na cerimônia conduzida por padre Adalberto, fica bem claro o significado da Semana Santa durante a procissão do Enterro. O Cristo que passa leva uma mensagem de amor e perdão. O padre recomenda a profunda meditação, a conversão dos que não são fiéis católicos. Sua postura nos discursos e sermões da cerimônia não insere a cidade Ouro Preto, patrimônio, e com isso distancia o povo ouro-pretano do acervo religioso, não os faz guardiões e zeladores simbólicos do acervo religioso. Postura diferente da assumida por padre Renato no ano em que ele foi o promotor do evento.

⁹⁵ Quando é realizada pela matriz de Nossa Senhora do Pilar o trajeto é o seguinte: inicia-se no adro da igreja de Nossa Senhora do Rosário, segue pela rua Getúlio Vargas, largo da Alegria, R. São José, largo do Cinema, R. Direita, praça Tiradentes, atravessa o Largo de Coimbra, passa em frente a igreja de São Francisco de Assis, segue a Rua Bernardo de Vasconcelos, contorna a matriz de Nossa Senhora da Conceição, segue pela rua Xavier da Veiga, desce a Rua do Pilar e termina na matriz de Nossa Senhora do Pilar. Enquanto a procissão caminha, os bares e restaurantes fecham as portas até a sua passagem.

⁹⁶ Segundo a tradição, uma mulher hierosolimita, de nome Verônica, compadecida, enxugou o rosto do Nazareno quando carregava a cruz a caminho do Calvário, tendo a imagem do seu rosto ficado ali gravada. Seu cântico, na verdade, são palavras atribuídas a Maria que vê passar seu amado filho nesta via dolorosa: *O vos omnes qui transitis per viam attendite et videte si est dolor similis sicut dolor meus. (Ó vós, homens que por esta via transitai, atentai e vede se existe dor igual à minha).*

Para efeito de comparação vejamos o ato do Descendimento da Cruz em 2000: uma vez o corpo retirado da cruz, enquanto ocorria o sermão do padre convidado, Padre Renato dizia: *“Abrem-se as cerimônias dessa dolorosa e triste Sexta-feira Santa, conforme nosso belo programa”*. Clamando em nome do Cristo, dirige-se à população que assiste a celebração:

“Convocação atendida felizmente, já que a alma ouro-pretana de pé, está aos Vossos pés meu Senhor crucificado. Vindo de todos os recantos, o povo piedoso congrega-se nessa praça e com fé, retempera suas energias espirituais, readquire estímulos para novas lutas. Encontra resposta para futuros problemas, descobre o segredo de renovadas vitórias e se enche de força e de esperança para novamente prosseguir na penosa peregrinação do caminho. Movidos pela graça da fé, a alma ouro-pretana representando a alma brasileira marcou um encontro conVosco, ó Senhor Jesus, nesse dia das generalizadas reconciliações. E aqui, irmãos e irmãs, sem sombra de dúvida, está ela a representar a quantidade imensa dos agredidos, dos violentamente despojados, atingidos pelas várias formas de morte, pelas brutalistas arrogâncias dos prepotentes, pela catastróficas ausências de justiça, pelos organizados do crime e pelos desorganizados meios de combatê-los, pelos desinibidos exibicionismos de mediocridades. Somos, irmãos e irmãs, violentados pelos sensacionalistas noticiários de certos meios de comunicação. Pelos histerismos em cadeia, arregimentando loucos, pelas deploráveis explorações da carne humana, carne exposta, carne exposta, carne vendida, carne comprada, corpo sem dono, alma sem Deus. Somos agredidos sim, pelos vergonhosos silêncios dos que deveriam falar, covardemente omissos. Pelos ostensivos adoradores do ouro, do dólar, desatinadamente amontoando nada. Construtores do nada. Paupérimos escravos do mais tirano dos senhores: o dinheiro”.

O sermão resgata a campanha efetuada pela Igreja contra a fome e a favor dos excluídos. Em sua mensagem o significado do amor cristão é retomado. Ouro Preto é remetida ao palco de uma totalidade integrada e harmoniosa em intenção. Porém não se pode desconsiderar o aspecto político de contestação desse discurso⁹⁷, as várias faces que se encontram na moral religiosa e na campanha do Jubileu 2000.

Após o sermão a procissão segue a peregrinação pela cidade e padre Renato assume o comando do ritual: *“Nesse momento, dessa contemplação de cultura, de*

⁹⁷ Na campanha da fraternidade, esse padre fez uma crítica as dívidas dos países, contra o FMI, um dos causadores da fome no mundo. Faz uma crítica para o projeto do *novo milênio sem exclusões*.

história, de arte, tudo isso é a beleza de Ouro Preto. O Brasil precisa de cultura por isso nós queremos que vocês sejam uma reação porque a incultura está administrando o Brasil. Há exceções". E o que é *incultura* para padre Renato? É deixar de praticar as manifestações que identificam o ouro-pretano, aquelas onde a população se reconhece e se sente parte desse conjunto barroco sacralizado. A aura culta e religiosa reveste todos os paramentos usados nas procissões os quais também são utilizados nas missas. Sobretudo as pessoas das Irmandades, que são os zeladores das imagens, os que confeccionam as roupas utilizadas que revestem as imagens, essa parte do acervo lhes diz muito mais do que todo o resto de bens tombados como os museus, casas, chafarizes. Estes são para os turistas e nesta face do patrimônio se sentem excluídos e à margem.

O empenho de padre Renato é fazer com que o povo ouro-pretano não se sinta tão excluído e também reforçar a inserção do valor das várias faces do patrimônio para todo o Brasil e para o exterior. Ele não discute o valor significativo dos bens, é um ativo promotor desse acervo para visitas e consultas.

Relato agora o domingo de Páscoa.

Procissão da Ressurreição

No domingo de Páscoa a cristandade comemora a ressurreição de Cristo. Falar da procissão da Ressurreição é falar dos tapetes que são confeccionados pelos moradores durante a noite e madrugada de sábado. Tapetes sobre os quais a procissão da Ressurreição seguirá passagem. Embora passem e pisem sobre eles os personagens

bíblicos, são destinados ao Santíssimo que desfila sob o Pálio, que agora abandona a cor roxa e aparece revestido com o dourado da Ressurreição.

Os tapetes são feitos com serragem, pó de café, gesso e outros materiais. Os desenhos variam conforme a habilidade de quem está confeccionando as figuras⁹⁸. Primeiramente se cria o desenho, em seguida este é riscado no chão com giz e depois coberto. Outra possibilidade é fazer um molde e só completar com o material. Esse evento é um momento festivo, moradores e estudantes vizinhos, dependendo de sua integração, fazem um churrasco durante a noite para animar o trabalho e se divertem madrugada adentro. Regada a goles de caninha e cerveja, a noite costuma ser fria e o ambiente festivo. Relembra amigos que já foram, estudantes que já se graduaram, casos que envolveram a comunidade e assim vão tecendo os laços de amizade, revendo antagonismos, competindo pelos desenhos.

Na manhã da Páscoa, o público espera a chegada da procissão. A TOP Cultura mais uma vez está lá instalada, transmitindo para aqueles que preferem ou não podem assistir in loco.

Em 2000, alguns esperavam a procissão da Ressurreição⁹⁹ e iam seguindo atrás. O destino era o adro da igreja de Bom Jesus de Matosinhos. Enquanto ela passava, via-se as crianças vestidas de anjos, as figuras bíblicas, as Confrarias, as Irmandades, as Ordens Terceiras, o Santíssimo, os fiéis, a banda. Fogos de artifício saudavam sua caminhada. Os sinos badalavam e, em filas, os passantes continuavam subindo e descendo as ladeiras.

No ano de 2001, uma das negociações feitas foi a realização da missa campal na praça Tiradentes logo que a procissão saiu da matriz de Nossa Senhora da Conceição e

⁹⁸ Alguns comerciantes contratam artistas plásticos para fazerem o tapete que ficará em frente ao seu estabelecimento.

⁹⁹ As Irmandades e a sua disposição são as mesmas da procissão do Enterro.

segiu para a praça. Ali teve início o sermão de Páscoa. Nos outros anos, a missa campal era celebrada no final da procissão. Mas essa foi uma conquista de padre Adalberto que com isso reuniu as quatro paróquias na praça, um público enorme. O palco foi construído em frente ao museu da Inconfidência, lá estavam as caixas de som e o púlpito com cadeiras para os sacerdotes. Entre as atrações um coral de jovens apresentou uma peça e houve um balé com crianças. As palavras de padre Adalberto saudaram os moradores, visitantes, o povo de Deus. Os sinos badalavam.

A missa comandada por outro padre, Abelardo, iniciou com as bênçãos a este dia solene, o dia da Páscoa. Em coro cantaram na praça: *“Em nome do Pai, em Nome do Filho, no nome do Espírito Santo, Amém”*. Padre Abelardo lembrou ser dia de festa, de alegria no coração de cada um. Cristo ressuscitou, está vivo, vitorioso porque venceu a morte. *“Celebramos a vitória do Cristo das amarras da escravidão, da morte e do pecado. Nossa vida já se torna uma vida nova pelo ressuscitar em Deus”*. A Páscoa torna-se um momento de esperança de mais justiça, de mais paz. A ênfase é para *“Vida sim, drogas não”*. Em dado momento outro padre, Adilson, comanda um coral com instrumentos musicais e chama o povo a participar cantando em homenagem a Jesus: *“Aleluia, aleluia, todos juntos aleluia. Aleluia, aleluia, aleluia. Todos juntos aleluia, aleluia e mais aleluia. Celebramos a Cristo, Ele vai voltar”*. E continua o refrão de aleluias até o início da missa¹⁰⁰. Foi lida a proclamação evangelho contando a liturgia da Ressurreição quando os discípulos não encontraram o corpo de Cristo no túmulo. E depois de pronunciadas as palavras da salvação, o coral volta com suas aleluias. Padre Airton lembra a todos que a Páscoa é um dia de festa para os cristãos:

¹⁰⁰ As canções podiam ser acompanhadas através do folheto litúrgico distribuído àqueles que estavam na praça.

“alegremo-nos e nele exultemos. É um dia novo para nós porque é o dia do Senhor. É um dia em que a vida se mostra mais forte para nós. Deus vence qualquer tentativa que nós tenhamos em destruir os Seus planos. É uma festa que a humanidade celebra com o coração cheio de entusiasmo. É o fechamento de uma Semana que nós nos preparamos para ela, durante uma Quaresma, aliviando nosso coração de qualquer peso que nós tínhamos, para estarmos mais unidos na graça de Deus. Hoje nós pudemos percorrer e ainda vamos continuar percorrendo as ruas de nossa cidade, transfigurados do Antigo Testamento e do Novo, retratando exatamente o desejo que Deus: tem que nós acolhemos em nossa vida tudo que é de bom do passado, que não pode perder-se em nós. É uma lição bonita vemos o novo e o velho se abraçando, e sabemos que essa ressurreição de Jesus traz essa missão de abirmos mais o coração para gente acolher também o que o novo vai inspirando em nosso coração. (...)”.

A sua reflexão continua com exemplos e alertas para que cada um prossiga sua vida dando exemplos de fé, compaixão para com o próximo e oportunidades aos necessitados. O seu sermão também possui evidências da disputa que configurou o drama social da Semana Santa do ano de 2001. De modo velado, mas público, assume o que deve ser pertinente à cidade e à igreja. A sua Ouro Preto, palco de tradições e encenações paralitúrgicas, não deve sufocar e impedir as mudanças de novos tempos, ou seja, o novo milênio. Esse novo tempo deve estar equiparado a Ouro Preto cosmopolita, que recebe diariamente turistas do Brasil e do mundo todo. Esta é a Ouro Preto que possui uma Universidade. A sua Ouro Preto é berço de cultura, de erudição, de conhecimento e não de passadismos atrasados que emperram as novas mudanças pretendidas pela Igreja. Também não alinha a essa Ouro Preto a arte e a cultura, como algo que traz os moradores mais próximos do acervo, já que os passadismos são as Irmandades.

Para os padres promotores das mudanças, não estava sendo cogitada a exploração turística da fé. Aliás, esse tema nem sequer fazia parte de suas argumentações. O que estava em questão era a disputa de poder dentro da igreja. A partir do momento em que as Irmandades opinam e exercem influência nas decisões das paróquias, diminui a soberania

de decisão dos padres. Assim, não estão sujeitos apenas à hierarquia da Igreja, mas sim às Irmandades que são consideradas por tais padres como promotoras de passadismos e empecilho ao moderno. Do ponto de vista dos padres as Irmandades se resumiriam a sujeitos passivos. Isso pode ser interpretado da seguinte forma: os membros das Irmandades perderiam um direito tradicional que lhes cabe quanto ao destino e decisões das igrejas das quais fazem parte. Vale ressaltar que o discurso contra as tradições, apregoado por tais padres, tornou-se um conveniente instrumento de justificativa para eliminar o parecer das Irmandades da parte decisória das questões da Igreja, aumentando consideravelmente a soberania dos padres em deliberações paroquiais.

Retomo o evento da Páscoa e depois recupero essa discussão.

Após o sermão de 2001, a cantoria recomeçou. Eram as boas vindas para a procissão que vinha com o Santíssimo sob o pálio. O repicar de sinos e gritos de viva e aleluia tomaram conta da praça Tiradentes. Esse evento teve como um de seus significados, enfaticamente repetido pelos padres, o que é ser igreja.

Em anos anteriores não se interrompia a procissão da Ressurreição para rezar a missa e nem essa continha tantos sacerdotes com sermões, proclamações e demais meditações. A procissão seguiu seu destino até a igreja, localizada na outra freguesia de Ouro Preto, que no ano seguinte organizaria a Semana Santa e aí sim seguiu-se a missa e as bênçãos Pascais. Mas nesse ano de tantas discussões, Padre Adalberto tomou a palavra e também marcou a sua presença já que foi o organizador dessa missa campal:

“Abençoando as nossas famílias, as nossas comunidades. Nosso pedido também por todos aqueles e aquelas que se uniram a nós aqui, a comunidade cristã católica de Ouro Preto, vindos dos mais variados lugares, participando e celebrando conosco os sinais da graça e da bênção de Deus nessa Semana maior da Semana Santa para que Deus abençoe sempre as famílias de todos estes e estas, as suas comunidades, dando a todos nós a alegria de celebrar a Sua Santa Páscoa, rezemos”.

Depois continuaram as reflexões sobre a bíblia, a vida de Cristo, cantos e orações, interrupção da procissão da Ressurreição, reflexões sobre as formas de vida e morte, os símbolos de Cristo, foi dada a comunhão ao som dos cânticos e lições de como deve ser a vida de um cristão. Aí então, terminada a missa campal teve prosseguimento a encenação do mistério: a chegada do Santíssimo com os repiques dos sinos, palmas e cantos, quando os padres organizaram uma roda de crianças vestidas de anjos para acompanharem as canções de padre Adilson. Após o que se seguiu a ordenação e arranjo da procissão em direção as bênçãos finais.

Na recepção da procissão, na igreja de Nossa Senhora do Rosário estavam os padres Adilson e Renato, o qual não deixou passar em branco a sua presença no palco pascal. Será de sua matriz, no ano seguinte, que se incumbirá da organização da Semana Santa. Enquanto aguarda a chegada da procissão vai falando com o público:

“Vocês já notaram algo interessante? Quando depois que se termina uma festa de Carnaval, nas ruas de Ouro Preto, na praça Tiradentes, aquele mal cheiro horrível. 12 de outubro, 21 de abril, Carnaval. Vocês notaram que na Semana Santa não fica lixo? O povo educado na sua fé. Se tem algum cheirinho é de perfume, atente bem, é de manjerição ou de incenso ou então de uma vela queimada. Mas sem podridão. Sentamos a brincar, mas sem o que fazer na rua, nas paredes, nas casas, no cimento, comendo alguma coisa, sem beber demais e jogando tudo de novo nas ruas. Que pena. Mas está aí toda essa beleza, está aí o exemplo para vocês. (...) Vocês já notaram que nenhum político consegue reunir tantas pessoas com tanta paz quanto vocês estão reunidos aqui agora. Já pensaram que boca boa para um político fazer aqui na procissão do Encontro, no Lava-pés, agora na eucaristia aqui na praça Tiradentes na bênção final? Que beleza se ele pudesse vir aqui e pedir voto. Que multidão para ele falar. É só a fé que nos traz aqui. Aqui não tem nem rico nem pobre, nem pequeno nem velho, nem preto nem branco, nada disso resolve problemas. Nossa união é que faz a beleza na nossa fé. Não é mania de fé também não, aqui ninguém está pregando que os sacerdotes aqui vão fazer milagres ou deixar de fazer milagres também não. Nada disso, é a beleza da estrutura do ser humano, a liberdade, a inteligência, a nossa fé. Isso sim que as pessoas dirão da Semana Santa. (...) Há 10 anos eu estive lá no Agreste, onde tem a Paixão de Cristo, a Nova Jerusalém. O que eles estão fazendo é a peso de ouro, o nascer do Cristo, fazer até Pilatos e cobrando caro. Aqui em Ouro Preto é tudo de graça. Lá tem atores, autores e atrizes. Aqui tudo faz parte de Ouro Preto. Uma vez me chamaram para uma reunião e me falaram assim: “Se a gente tivesse a beleza visual de Ouro Preto, a gente não ia

construir uma Nova Jerusalém”. E eu respondi: “Nosso povo é artista, eles mesmos fazem isso com simplicidade, sem ninguém imitar Cristo, é imagem mesmo”. Na simplicidade desse trânsito da vida vamos tratar essa terra. (...)”.

Enquanto fala a procissão vai chegando acompanhada da Banda de Bom Jesus das Flores. O público já procura um bom local para assistir o fim da cerimônia e receber as bênçãos pascaís ao som dos sinos da igreja. Rezam a oração do Pai Nosso e padre Renato pede aos fiéis que louvem ao Cristo ressuscitado: *“Batam palmas para Jesus, viva Jesus! Viva o Cristo sempre. Viva!”*. Depois que todos batem palmas, padre Adalberto retoma a palavra e finaliza com o lema da Campanha da Fraternidade do ano de 2001, pedindo a todos os presentes que repitam: *“Vida sim, drogas não”*. Os seus agradecimentos finais são dirigidos à união da comunidade de Ouro Preto, representada pela união das quatro paróquias. Enfatiza a campanha e o ser igreja hoje, a proposta de uma nova vida em Cristo, ao apelo de resgatar pessoas viciadas e que as suas famílias consigam livrá-los, das drogas ou do álcool, com muito amor, fé e esperança. O evento termina com a banda tocando o Hino Nacional e padre Renato pedindo uma grande salva de palmas a Jesus e a acompanharem se unirem na oração do Pai Nosso.

Embora os sermões de opção pelos pobres dos padres Adalberto e Renato sejam semelhantes, faço uma oposição entre os referidos padres baseada em conversas informais, com eles, durante o trabalho de campo. A interpretação que eu fiz refere-se à postura dos padres em relação às mudanças pretendidas, já citadas anteriormente, a saber: Padre Adalberto, mentor das modificações e Padre Renato contrário a elas. Os sermões fazem parte da descrição do ritual da Semana Santa e não se constituem em elementos de análise das posições dos padres.

Os sermões, falas e meditações dos sacerdotes determinaram os significados em torno da Semana Santa. Padre Adalberto, o grande mentor das mudanças ou o promotor do drama social considerou como adjetivos da Semana Santa a introspecção, silêncio, meditação, comunhão, confiança e amor no Cristo. Festa de esperança da comunidade cristã. Neste ponto entra em acordo com padre Airton e padre Abelardo para quem a igreja deve estar voltada aos dias de hoje: tradição é coisa do passado. Mas para eles, a tradição é sinônima das Irmandades, as quais insistem em manter ecos do passado, ou seja, as procissões e os eventos paralitúrgicos. Estes padres desconhecem ou não reconhecem as Irmandades como um meio da população ouro-pretana não se sentir excluída da sua cidade. Eles que tanto falam na questão da exclusão acabam por não deixar passar um grave problema no tocante a identidade do ouro-pretano, na sua auto estima social. Acabar com as Irmandades é um bom meio para se aniquilar uma face do reconhecimento do acervo tombado. E sem reconhecimento e identificação não haverá muito que se faça para a manutenção de uma cidade histórica, que deve manter seus critérios específicos quanto ao seu estilo e às manifestações que lhe configuram uma cidade viva e não mero cenário para visitantes curiosos por peculiaridades.

Do outro lado dessa polêmica está padre Renato. Sua atuação como divulgador de Ouro Preto não é restrita ao seu cargo de cônego da matriz de Nossa Senhora do Pilar. Já foi consultor da UNESCO, é responsável e mentor de um Museu de Arte Sacra localizado na mesma igreja e também uma presença constante na mídia quando se fala em Ouro Preto. Para ele, tradição é a manifestação que caracteriza o local e promove a identificação do povo com a sua cidade. Não é contra o turismo nem contra os visitantes, mas é um sério crítico pela falta de uma política de turismo por parte do poder oficial.

Os outros padres reconhecem o potencial turístico da Semana Santa, podem até querer impor seu significado religioso, mas não é para todos os que visitam a cidade que esse significado prevalece. Para muitos se trata de manifestações pitorescas, encenações e práticas que foram perdidas em outras cidades e que Ouro Preto ainda mantém. Mas são espetáculos que condizem com o estilo barroco da cidade. E aí está a face do patrimônio que é sagrada para uns, e para outros é a arte e a erudição barroca que desfila acompanhada da população ouro-pretana.

Se levadas a cabo, qual seria a repercussão de tais mudanças para o turismo? Não questiono sua manutenção como atrações turísticas. Questiono o fato dos padres recém chegados não levarem em conta a questão do turismo, forte presença em Ouro Preto e nem a questão do significado da tradição para os moradores. Apesar de considerarem essa atividade como uma fonte de geração de empregos, muitos não pensaram nas conseqüências que viriam, como, por exemplo, a sazonalidade intrínseca ao movimento turístico.

Se os padres Adalberto, Airton e Abelardo pensaram apenas no significado religioso da Semana Santa, a comunidade estava pensando na cidade de Ouro Preto como um município, a comunidade cristã, a sociedade.

Durante as procissões realizadas à noite, descritas anteriormente, os fiéis seguem com velas acesas, tochas e alguns fazem penitência andando descalços durante o percurso. Mas nem sempre há respeito, conforme relata Paulo, um morador:

“A última vez que teve que fazer procissão aqui né, ele teve que pedir a polícia que mandasse reforço de Belo Horizonte porque os estudantes ficam lá na R. da Lama e os proprietários, que não são daqui de Ouro Preto, não querem fechar os boteco. O que eu acho uma tremenda falta de respeito, né. Se isso acontece a 200 anos, que é o negócio da Semana Santa, eles tinham que respeitar, né. Quem não é daqui (que) respeitasse.

Então fica esse negócio assim desse jeito, aquele ditado popular vai acontecendo cada vez mais: “A pessoa incomodada que se retire”.

Seu desabafo não se refere apenas ao ano de 2000, mas evidencia o que ele considera ser marcante em Ouro Preto, a tradição da Semana Santa a qual deve ser respeitada pelos visitantes da cidade turística. O *boteco* mencionado refere-se aos bares e restaurantes de estudantes. Estes são os estranhos que estão incomodados sem respeito aos moradores, e, sobretudo àquele que é católico. Ouro Preto é antes de tudo um solo católico e é assim que deve ser, pelo menos para esse morador.

Mas a igreja também tem suas disputas com os turistas. Afinal, queira ou não, nem todos são católicos. Nesse caso, padre Roberto considera que falta uma pastoral da igreja para explicar as mensagens e o ensino do acervo religioso.

“É uma arte que está exprimindo um sentimento religioso, essa preocupação já é bem antiga. Agora o que acontece hoje, sobretudo nessa área do ponto de vista da igreja é uma opinião minha, pessoal, pessoalmente eu acho que precisaria ser mais trabalhado mesmo do ponto de vista mesmo espiritual, do ponto de vista pastoral, a relação do turista com os bens culturais. Porque eles estão visitando igrejas e todas funcionam como igrejas, são locais de reunião para o culto. Todas elas praticamente têm celebrações. Eu acho que falta da nossa parte uma espécie de Pastoral do Turismo que aproveitasse tanto os turistas que passam por aí para visitar, vêem essas imagens, inclusive até para apreciar esteticamente a riqueza desse patrimônio. Eu acho que sem uma dimensão espiritual, mesmo que a pessoa não partilhe da mesma fé, mas até um mínimo de instrução religiosa, até a apreciação estética dos quadros que marcam cenas bíblicas. Se você não tiver nenhum conhecimento você não tem idéia do que está sendo retratado aí e naquela igreja, qual o significado, qual vinculação tem com a história daquela Irmandade religiosa, daquela família espiritual”.

A Semana Santa dramatiza e reforça o pertencimento a um mundo integrado em Cristo, renovação da aliança do período dos apóstolos até o novo milênio que se inicia. Para a igreja é o período que permite que seja teatralizada a fé, a arte e a cultura, conforme sermão do padre Renato. Ouro Preto é sacralizada como espaço de pedagogia tanto dessa crença católica quanto da erudição barroca. Mas há outras faces, como a do

feriado prolongado que é momento de descanso e o lazer, as compras, e o espetáculo de teatro de uma autêntica tradição popular de catolicismo.

Capítulo 3. - O Carnaval em Ouro Preto

Apresento nesse capítulo a festa do Carnaval, onde discuto outro ritual de referencial da população e de identificação com a cidade e o modo pelo qual este se apropria da cidade patrimônio em relação ao turismo. Novamente o termo tradição surge como identificador para certas manifestações. Os blocos, em oposição às escolas de samba, revelando qual o estilo festivo condizente com uma cidade patrimônio, e suas implicações.

O carnaval de Ouro Preto tem assim por palco as ruas do centro histórico e é considerado um carnaval de rua com atrações ao longo do dia e à noite¹⁰¹. A folia de rua começa pelas duas horas da tarde, horário em que os blocos¹⁰² começam a concentração, aquecendo as baterias ou ensaiando as marchinhas tocadas por suas bandas. Os foliões podem ir uniformizados, com a camiseta oficial do bloco, o que não é obrigatório. Alguns blocos são caricatos e saem fantasiados, como o Balanço da Cobra, a Bandalheira, o da Barra, do Mato e a Charanga do Carlota.

Caricatos ou não, os blocos percorrem o chamado *circuito da alegria*¹⁰³: R. Direita, R. das Flores, Praça Reinaldo Alves de Brito, R. São José e Largo da Alegria.¹⁰⁴ Em geral, realizam seu próprio trajeto e lá pelas 16 horas estão se encontrando na Praça Tiradentes. Depois de darem uma volta na Praça continuam o percurso pela cidade.

¹⁰¹ O sentido de rua é utilizado para designar o espaço onde as manifestações ocorrem, não utilizo no mesmo sentido pelo qual é entendido por Da Matta, Roberto, 1997. Sobre as múltiplas experiências que podem existir neste espaço/rua ver Arantes, 1994

¹⁰² Cada bloco realiza dois desfiles nos dias de carnaval. Costumam sair no sábado e na segunda-feira; ou domingo e terça-feira.

¹⁰³ Ver em anexo mapa 1

¹⁰⁴ Folder da Prefeitura de Ouro Preto, "Carnaval 300 anos".

Durante a noite ocorrem os desfiles na Praça Tiradentes, em dias alternados: os blocos: Zé Pereira, dos Lacaio e Banjo de Prata, as escolas de samba infantis; e as escolas de samba adultas¹⁰⁵. Outra atração noturna é o som mecânico, também conhecido por “*janela elétrica*”, que funciona na Rua Direita e Rua São José - as principais ruas do circuito da alegria - que até às 6 da manhã ficam repletas de pessoas que dançam ao som do axé music, pagode, sambas, É o Tchan, Cia do Pagode, Terrasamba, Molejo, Netinho, Araketu, Chiclete com Banana, Asa de Águia, Skank, Ivete Sangalo, Banda Cheiro de Amor, etc.

Compartilhando da afirmação de Leonardo Pereira, o carnaval é entendido aqui como:

“palco privilegiado do conflito e da dinâmica cultural, marcando um momento onde diferentes tradições se fazem presentes nas ruas. Extrapolando em muito a simples alegria dos três dias de folia, os diversos grupos que participam da festa lutam em torno de seus significados, assumindo diferentes “máscaras sociais” sob as quais se formam sentidos diversos para os dias de Carnaval”

(Pereira, Leonardo A. de Miranda, 1991; p.15).

Assim, esta pesquisa centrou sua análise na experiência dos vários sujeitos/moradores que fazem a festa carnaval e que vivem seu cotidiano em uma cidade patrimônio nacional e da humanidade. As suas experiências foram registradas a partir de entrevistas qualitativas aplicadas com os foliões/moradores e o critério de escolha foi privilegiar os diretamente envolvidos e responsáveis pela manifestação.

Fazer parte de uma cidade - patrimônio cultural é, no discurso oficial, a garantia da memória, o direito ao seu passado. “*Sem o patrimônio eu não sou ninguém*”¹⁰⁶, como reitera a Rede Globo, mas a experiência dos moradores com esse acervo é bem distinta. A

¹⁰⁵ As escolas de samba são: Escola de samba Império do Morro Santana; Escola de samba Inconfidência Mineira – ESIM; Escola de samba Unidos do Padre Faria; Escola de samba Sinhá Olímpia; Escola de samba Imperial de Ouro Preto; Escola de samba Acadêmicos São Cristóvão.

¹⁰⁶ Propaganda veiculada na mídia sobre o patrimônio.

evidência pode ser comprovada pelo fato de estes utilizarem o termo “*patrimônio*” referindo-se ao escritório técnico do IPHAN, evidenciando que este exercita o diálogo com a comunidade delimitando o uso do espaço de modo cerceador. Longe de ser seu espaço de experiência e identidade o “*patrimônio*” é um organismo técnico que, de fora, interfere em suas vidas negativamente.

Se carnaval é o palco, Ouro Preto é o cenário onde as manifestações carnavalescas celebram, do ponto de vista nativo, a reivindicação e o uso do espaço público.

Através da lógica que os moradores utilizam percebe-se os vários sentidos e significados que constroem em torno de carnaval e patrimônio. Escolas de samba e blocos são performances de um diálogo simbólico e, portanto, polissêmico, através do qual inscrevem enunciados públicos sobre a utilização de um espaço que, em tese, é a possibilidade de reivindicar sua memória e assim amenizar o sentimento de exclusão.

O carnaval se torna também um ponto de encontro dos moradores durante a festa, mesmo entre os que vivem na cidade e aqui se re-encontram .

O espaço dos turistas é o do som mecânico, a “*janela elétrica*”, localizado na R. S. José, principal local do comércio ouro-pretano que abriga lojas de calçados, roupas, perfumes, bebidas, padarias, colchões, etc. Durante a noite, são transformadas ou alugam seu espaço para o funcionamento de lanchonetes que oferecem desde os lanches self service (geralmente hambúrguer ou hot-dog), pizzas, caldos até as bebidas como água, refrigerante, caipifruta (batida de frutas com vodka), cervejas, cuba, gim, uísque e outras.

A origem desse espaço é contada a partir do surgimento da “*janela elétrica*”, a grande deflagradora desta festa mais comercial, como é apresentado o carnaval das ruas Direita e São José até o Largo da Alegria. Além do som mecânico com o seu repertório

de “*hit-parade*” das rádios, o “*som massificado*” dos ritmos baianos é transmitido pelas caixas de som as quais são pagas pela prefeitura, mas só do lado do “*Circuito da Alegria*”. O lado de Antônio Dias não possui as caixas de som. Quando as há, são iniciativas dos moradores¹⁰⁷. O público que frequenta o “*janela elétrica*”, ou o “*projeto janela elétrica*” como também é chamado, é predominantemente de turistas ligados às Repúblicas dos estudantes. Em menor proporção, percebe-se a presença de moradores. Em geral é um público jovem em grupos ou pares, vão para “curtir” – ou, nos termos nativos, “*é um pessoal que está preocupado em ‘dar beijo na boca’*”¹⁰⁸.

Mas o que era a *janela elétrica* inicialmente? Para muitos moradores, era uma forma de se ganhar dinheiro durante o carnaval. Um bar que só funcionava nesse período, onde foi colocado som com o intuito de atrair a freguesia. Mas para um de seus idealizadores, Douglas, era um projeto que visava incrementar o carnaval de rua, possibilitar uma opção além de assistir ao desfile das escolas de samba. Assim surge a proposta para sua família também foliã de antigos carnavais:

“(...) vamos botar umas caixas de som na janela? E fazer o nosso carnaval de rua, a gente escolhe as músicas, não tem banda, mas pula aqui na frente” E a turma aderiu até que alguém gritou que “isso está parecendo um trem elétrico”. Eu disse: “Não, trio elétrico é engraçado chamar. Vamos chamar de janela elétrica. Fazendo do carnaval como se fosse uma discoteca ao ar livre. Só que mais descontraído, que passavam blocos às vezes, e a gente participava. Até que um dia a prefeitura bancou o patrocínio de contratar o som e fazer um carnaval maior na rua inteira. Aí ficou janela elétrica, com essa marca”.

A utilização de um espaço com potencial de lucro é direcionada para o movimento turístico. Pela lógica local a “*janela*” despertou a idéia de um carnaval de rua e depois a

¹⁰⁷ Apesar de que essa rua é totalmente aproveitada para os tapetes da Semana Santa. Ressalto, porém que a Semana Santa é iniciativa dos moradores e não da prefeitura, são os fiéis e a Igreja que a organizam.

¹⁰⁸ Sendo na maioria frequentado por pessoas ligadas às Repúblicas. Elas constituem uma forma barata de hospedagem durante o carnaval, pois oferecem o pacote que inclui para os dias de carnaval além da hospedagem, o café da manhã, cerveja à vontade e uma refeição que consiste de um caldo.

prefeitura a encampou. O *projeto janela elétrica* inicial perdeu o controle acabou massificado.

Passo agora aos moradores, que constituem o eixo central de nossa preocupação. A fala de Lílian, que mora há mais de 20 anos em Ouro Preto e trabalha em um de seus Museus, revela o seu posicionamento como foliã e membro da diretoria da escola de samba Inconfidência Mineira:

“Essa coisa de identidade em Ouro Preto é muito complicada e é mais complicada ainda a coisa do patrimônio, por isso o patrimônio ficou muito restrito a imóveis, a fachadas, a coisa edificada entende? E a gente não tem conseguido fazer a população sair desse sentimento de perda e de exclusão entende? Porque realmente eles foram excluídos, então a riqueza que existe nos distritos tá, só mesmo uma escola de samba que mostra”.

A identidade ouro-pretana, que revela a identificação do sujeito com a sua cidade refletindo o orgulho e o ônus de se viver no patrimônio histórico e artístico, pode ser ilustrada com a fala de Vitor, um dos fundadores da escola de samba Imperial que assim entende a participação do povo na preservação do acervo:

“Orgulho do reconhecimento pela UNESCO por ser patrimônio, um orgulho muito grande para todos nós moradores,(...).Então para gente é um orgulho muito grande, a gente se sente muito feliz por esse reconhecimento.”

O ônus recai com o peso da obrigação e cerceamento da liberdade sobre o uso privado de suas casas. Rodrigo, um dos fundadores do bloco Diretoria, sente a necessidade de que as autoridades competentes se lembrem, olhem os diversos interesses e necessidades das pessoas da cidade.

“Um grande problema que eu acho, o maior problema do patrimônio é essa separação de cidade patrimônio com cidade vida urbana, com cotidiano. (...) e eu acho que as pessoas se esqueceram que aqui mora gente também, tem carro na rua? Tem. Muito carro na rua. Mas o pessoal tem que andar de carro, tem que andar de ônibus, tem que ter condução, tem que ter farmácia, tem que ter supermercado (...)”

Conforme dito anteriormente, se a *janela elétrica* é o espaço identificado e também utilizado pelos turistas, os moradores requerem seu espaço próprio com as escolas de samba e os blocos, referenciais de sua identidade. Ambos permitem a leitura dos diferentes embates pelos sentidos que se apresentam envolvendo patrimônio e carnaval em Ouro Preto. Os participantes dessas duas manifestações, recorrendo à tradição, reivindicam para sua organização a identidade do carnaval ouro-pretano.

Apesar de muitos foliões participarem das duas manifestações, quando entrevistados sobre o que caracteriza o carnaval de Ouro Preto sempre se referem à manifestação na qual estão diretamente envolvidos. Assim estar à frente da diretoria de uma escola de samba ou ter fundado um bloco não implica que este mesmo folião fique preso na sua agremiação deixando de participar de outras, apesar de representar e defender a sua manifestação como autêntica, detentora das chamadas raízes da cultura ouro-pretana. A distinção é clara e insistente nos discursos. Cada organização dramatiza a lógica que os foliões atribuem às suas experiências do carnaval e do patrimônio.

O sentido de dramatização não é o mesmo utilizado por Da Matta. Para este autor, o drama é parte do processo de ritualização e permite assim o deslocamento dos domínios que estruturam a sociedade brasileira, a casa e a rua. Esses domínios são destacados e invertidos, a dramatização permite que sejam tornados explícitos e conscientes pela sociedade. Uma vez que é uma festa de todos, o carnaval surge “(...) *como uma imensa tela social, onde essas múltiplas visões da realidade social são simultaneamente projetadas*” (Da Matta, 1997; p. 100).

Ao contrário, a noção de dramatização nesta pesquisa, relaciona-se à performance dos sujeitos, as suas manifestações fazem parte das experiências que são *“histórias sobre eles que contam a si mesmos”* (Geertz, Clifford; 1989; p. 316).

Blocos e escolas de samba são formas culturais que, organizadas coletivamente, possuem também estrutura simbólica coletiva, dizendo algo sobre os embates travados em torno dos significados analisados nesta pesquisa. O desfile, os trajetos escolhidos, os enredos encenados, as fantasias e alegorias fazem parte de toda a dramatização, inscrevendo outros sentidos, performáticos, com diversos personagens além dos consagrados pela literatura: Marília de Dirceu, Aleijadinho, Inconfidentes, especialmente Tiradentes, e os próprios modernistas que descobriram o Brasil através de Ouro Preto. Uma descoberta que foi revista, ampliada e apresentada pelas palavras consagradas de Manuel Bandeira: *“As duas grandes sombras de Ouro Preto, aquelas em que pensamos invencivelmente a cada volta de rua, são o Tiradentes e o Aleijadinho”*

(Bandeira, Manuel, p. 59).

Assim este trabalho pretende buscar os vários diálogos que outros sujeitos travam com essa Ouro Preto veiculada pelo discurso oficial. Procura-se a produção dos próprios moradores sobre a sua cidade nos textos que eles mesmos dramatizam neste palco, o carnaval de Ouro Preto. A análise recai sobre as duas formas principais, através das quais os moradores brincam e organizam essa festa: blocos e escolas de samba.

Sobre os Blocos:

Entre seus pares, a participação nos blocos significa estar livre para fazer uso de um espaço público que está sendo na maioria das vezes disputado e perdido para os turistas, principalmente no carnaval que é um período de alta temporada turística. Ao mesmo tempo o carnaval permite que velhos amigos se reencontrem nesse feriado prolongado, além do que os blocos constituem um bom espaço para se brincar. A fala de Marcos da Charanga do Carlota e Carmem das Perigosíssimas Peruas, reitera esta compreensão:

“Chega a noite a gente sai para rua, o pessoal tudo da cidade se encontra. Se você não vê e quiser ver, você vai no carnaval e vê eles tudo na rua. Que aí estão todos na rua. Uns tão fantasiados, outros tão não sei o quê. E aquele clima de descontração, familiar né, normalmente é, aí a gente fica assim mais livre né, porque bebe bastante né.” (Marcos)

“Há outros blocos. A pessoa percebe que nos blocos que antes de tudo são turmas de amigos, turmas de famílias que nessa época é uma maneira de se encontrar alegremente né. Porque há uma oportunidade de brincarem assim mais livremente né. É uma forma muito sadia de brincar né. Sem problemas.” (Carmem)

Dois blocos são destacados pelos foliões da cidade, a Bandalheira e o Vermelho e Branco. São vistos como patrimônio da cidade. Apesar de estarem abertos às participações dos de fora acentuam as marcas de identidade local em seus discursos e em seus trajetos de folia, permitindo uma interação com a comunidade ouro-pretana. Prestam ajuda a entidades assistenciais e homenagens aos seus vizinhos e amigos, gente de Ouro Preto. A fala de Horácio, apesar de ser um dos fundadores da Bandalheira, resume as impressões dos ouro-pretanos:

“O Vermelho e Branco é criado aqui em Ouro Preto, organizado por gente do Rosário, é uma coisa nossa. A Bandalheira é uma coisa nossa, foi fundada por gente de Ouro Preto.” [Horácio]

A Bandalheira é um bloco caricato, sátira das bandas militares¹⁰⁹. Seus integrantes usam uniforme: calça preta, camisa branca, papel higiênico na cintura, penico branco como capacete. Neste bloco o importante é sair tocando um instrumento, e quanto menos souber tocar, melhor. A fantasia é ser músico pelos instantes em que o bloco sai marchando a passos rápidos. A trajetória é variável, cada ano passa em um local diferente, às vezes circulam a cidade no centro histórico. Os diferentes trajetos possibilitam a “educação”, levando a mensagem que os moradores participam ativamente da cidade que é um patrimônio deles também, um bem cultural que lhes pertence. Por meio dessa mobilidade os integrantes prestam homenagens a quantas pessoas queiram. O outro fundador da Bandalheira, Marconi, considera sobre a performance do seu desfile:

“Assim, quando a gente acha que tem um erro é obrigação nossa. Nós que gostamos de Ouro Preto, amamos Ouro Preto, temos obrigação de dar valor. Aqui muita gente importante não dá valor, não aprenderam a reconhecer o valor que tem.”

Referindo-se às homenagens a pessoas conhecidas, prestadas freqüentemente por estes grupos carnavalescos:

“A gente deve homenagear, essas pessoas a gente não pode deixar nunca de homenagear. E aí a gente fica, e a Bandalheira é o único bloco de carnaval que na realidade presta homenagem para alguém.” [Marconi]

¹⁰⁹ Segundo um entrevistado a Bandalheira pode ser entendida como uma sátira aos militares quando foi fundada em 1972, o período Médici, uma crítica à “bandalheira” da política, o uniforme militar satirizado com o penico na cabeça.

Tais homenagens querem incluir não apenas o cidadão comum, mas, também, aqueles marginalizados segregados em instituições, como os do asilo dos velhos do município. Assim reflete um dos seus fundadores:

“Algumas vezes. A gente devia, [ir sempre] porque eles não têm muita oportunidade. A gente tem que analisar assim, “pô, hoje nós estamos aqui, tudo numa boa, mas e amanhã?” porque infelizmente a gente não sabe o dia de amanhã.”
[Marconi]

O bloco Vermelho i Branco surgiu das comemorações da vitória do campeonato pelo time do Rosário em 1983 (time do bairro) depois de longos anos na fila. Tendo um grupo de torcedores ativos na vibração, o “*espírito de comemoração*” durou até o carnaval quando saíram com o bloco pela primeira vez. Alberto, seu fundador, conta:

“A torcida naquela empolgação do final do campeonato, aí houve uma comemoração muito grande e a torcida como o time é Vermelho e Branco, a torcida com comemorações com bandeira vermelha e branca e a conquista foi no mês de novembro, entendeu? Ficou aquele espírito. Pintaram o bairro todinho, ficou aquele espírito de comemoração e veio coincidir na passagem do ano de 83 para 84 no carnaval de 84. (...) Porque com a chegada de carnaval, a chegada de janeiro com o espírito já chegando o carnaval de fevereiro, saiu o bloco.”

O Vermelho i Branco é um bloco popular. Costuma sair na quinta-feira antes do carnaval e na segunda de carnaval. É composto pela massa que percorre as ruas da cidade acompanhados de uma banda que toca as “*antigas marchinhas carnavalescas*”. Entra qualquer um, de preferência trajando vermelho e branco ou com a camiseta do bloco que é vendida em alguns pontos comerciais de Ouro Preto. A venda das camisetas, que são patrocinadas por empresas da região divididas em quotas, é um expediente que utilizaram para sanar o problema do pagamento dos músicos, mas como essa receita extrapolou em

muito a despesa, o grupo houve por bem doar o restante para algumas entidades assistenciais de Ouro Preto¹¹⁰.

“Agora o interessante sobre o Bloco Vermelho i Branco, sobre esse lucro acima da expectativa, é que a comissão em 1986 decidiu que todo o lucro excessivo seria destinado a despesa e o lucro específico seria doado a Instituições de caridade aqui de Ouro Preto. São daqui de perto, a gente ultrapassa o bairro. Não é que somos fechados mas é aqui que a gente se entende.”. [Alberto]

Observando a fala de Alberto, pode-se constatar que não se trata apenas de ajuda filantrópica, mas, sobretudo de uma maneira de reforçar a identidade ouro-pretana entre vizinhos que se conhecem e se ajudam mutuamente. A última frase da fala identifica bem nitidamente esta postura.

O futebol, forma de lazer muito popular entre os moradores, também está relacionado com o surgimento de outro bloco, desta vez o caricato Charanga do Carlota. Carlota, torcedor fanático do time de futebol da Escola de Farmácia, teve seu nome permanentemente ligado ao da Charanga. O grupo surgiu do encontro de foliões e torcedores ligados à Escola. Um de seus fundadores, Paulo, relembra:

“A gente jogava futebol na Barra, etc., o pessoal ia com uma charanga pra animar os jogos. Charanga é uma batucada para animar os jogadores, então essa Charanga foi criada assim num ambiente estudantil. E o pessoal fez essa, batucada para animar o campo de futebol quando a escola jogava, etc. E daí surgiu o negócio que foi se avolumando, e pegou uma força, tanto batuque quanto percussão, e criou a Charanga do Carlota”

Com o passar dos carnavais, juntou-se ao Charanga do Carlota o bloco da Tia Amélia, que permitia a participação feminina. A idéia desse bloco surge para homenagear D. Amélia, personagem local famosa pelas colchas de retalhos que fazia, folclorizada e fortemente associada à tradição da cidade. A composição do bloco, agora conjunto, era

¹¹⁰ A doação não é feita em dinheiro, mas sempre com gêneros alimentícios, materiais de construção, produtos de higiene e limpeza. Realizam visitas nas entidades beneficiadas e perguntam qual a necessidade e aí doam o que foi pedido.

composto pela Charanga com a sua bateria e porta-estandarte, seguida pelo Bloco da tia Amélia onde as pessoas fantasiavam-se com retalhos saíam com balaios e cestos de palha muito usados nos distritos do município de Ouro Preto. Igor, seu fundador conta:

“É o bloco da Tia Amélia, que era uma Sra. que fez 100 anos em 1976. Foi a primeira vez que nós saímos com o bloco de retalhos. E não tinha esse problema de quem quer sair na frente, quem quiser sair, sai atrás, se o povo quiser também pode sair. Só preservando o desfile na Praça Tiradentes com o pessoal fantasiado. Mas na hora que a gente entra na R. Direita e desce para a R. S. José aí é todo mundo que entra e vai, por isso que o bloco é, por isso que ficou, popular”

Dupla homenagem a personagens e artesanato locais, o bloco também se constitui em um espaço aberto aos excluídos da sociedade. Tido como o bloco dos “cachaceiros” mais notórios da cidade, permite que os vários segregados de rua desfilem em espaço público. Inclusive seu porta estandarte é um pessoa que, segundo os moradores, possui *“problemas mentais, mas é inofensivo”* e perambula pelas ruas de Ouro Preto; outra figura central é o Futeco, um alcoólatra conhecido e torcedor fanático do Cruzeiro. O bloco se constitui em um veículo de construção da memória contemporânea dos seus vizinhos e pessoas que se tornam figuras típicas. A história de seu próprio tempo e não apenas a instituída. Nos versos de um samba da Charanga do Carlota em homenagem à lendária Sinhá Olímpia¹¹¹:

“Que bem pouca gente terá percorrido essa R. S. José uma singular figura que fala bonito e apanha papel que fala de ilustre ascendência de muitos amores quanto a imaginação” [Marcos]

No entanto, não se deve associar a Charanga do Carlota a um espaço de inversão e ausência de regras. Apenas uma vez em sua história causou espanto e suscitou críticas de

¹¹¹ Um dos personagens folclorizados da cidade. Era uma senhora que pertencia a uma família da elite de Ouro Preto, possuía residência própria e se apresentava como parente de Marília de Dirceu. Andava pelas ruas da cidade pegando papéis de cigarros, sua principal mania. Gostava de conversar com as pessoas, principalmente turistas, e posar para fotografias. Para uns ela uma “louca inofensiva” para outros uma senhora muito esperta que, a cada foto tirada ou conversa travada, cobrava dólares dos turistas.

padres e de parcela da sociedade. Foliãs grávidas resolveram comemorar o carnaval e causaram polêmica pela associação entre maternidade e sensualidade, como comenta um de seus participantes:

“Teve só uma vez que ficou muito danado da vida, que as mulheres grávidas saíram com a barriga de fora, com um neném desenhado na barriga. (...) não sou eu que vou promover essas coisas e, a mulher, que está na cabeça delas e elas fazem o que querem né. Eu também não posso proibir elas de sair né. Foi só essa vez que teve um problema maior.” [Marcos]

Um bloco que se caracteriza pela liberdade é o bloco da Barra cujo slogan já é elucidativo: *“entra quem quiser do jeito que vier”*. Um de seus fundadores comenta que a iniciativa de formar o bloco deveu-se ao desejo de um grupo de amigos que batia latas durante o carnaval e que decidiu brincar de forma mais organizada e sair pelas ruas mantendo a tradição da folia ouro-pretana. O bloco representa uma volta no tempo em que até as escola de samba desfilavam sem competição:

“Desfilava pela rua afora e não ganhava nada. Isso mudou. Hoje tem troféu, aquelas coisas imensas, então no carnaval uma quer ser melhor que a outra. Por isso a gente fez o bloco da Barra, por causa da tradição. O carnaval de Ouro Preto deveria ser assim, mais solto, mais livre. Sem competição pro pessoal participar. Nas escola tem que comprar fantasia, entendeu? (sentido de que precisa pagar pra brincar). Tem tempo determinado pra sair. Eu nunca sai em escolas de samba. Eu não saio porque é muito preso. Tem horário certo pra sair.” [Gustavo]

O *Diretoria*, bloco formado por estudantes da Escola de Minas, surgiu do desejo de se diferenciarem dos outros estudantes, os *“de fora”*. Apesar do caráter inicial bairrista, permite a participação de quem quiser brincar, pois também vende as suas camisetas - forma de gerar receita destinada à compra e manutenção dos instrumentos da bateria. Rodrigo é quem explica:

“Os blocos das Repúblicas sempre aceitaram os componentes da cidade, não tiveram restrição nenhuma não. E, mas eu acho que a gente queria uma coisa nossa

entende? Queria fazer um negócio: “isso aqui é dos nativos”. E que tenha uma bandeira. (...) Hoje tem a bandeira amarela e preta, que até já está desbotada, e está escrito: Nativos”.

Entre os blocos caricatos o destaque é para o Balanço da Cobra, que possui uma alegoria que é uma cobra de tecido de uns 10 metros que os foliões fantasiados carregam, levando cartazes críticos de acordo com um tema político, diretamente ligado aos assuntos que mais repercutiram no ano anterior. Possui uma banda que é paga também com o expediente das camisetas. Um bloco colorido, alegre. Um de seus fundadores, Tatiana, registra estranheza em relação a alguns blocos que desfilam no carnaval de Ouro Preto. “... sempre tem muito preto, a cor preta. Isso eu achava estranho, carnaval é colorido”

As Perigosíssimas Peruas é outro bloco caricato, muito colorido mas não aberto ao público. Possui camiseta própria, com o nome do bloco, utilizada pela banda de música e seus foliões. É composto por pessoas da mesma família, três irmãs, sete irmãos e os respectivos esposos e esposas. Os homens saem vestidos de mulher, e a mulheres de homem. Possui porta estandarte e é um bloco reservado, que faz questão de se apresentar como pertencendo à elite da cidade. Um de seus fundadores explicita:

“Era pra reunir a família, certo? É um bloco familiar. No bloco há também pessoas de fora que são super amigos nossos. Que é formado por todos nossos filhos que são formados na Escola de Engenharia, são todos altos empresários, são todos gerentes de firma, certo? São todos, são pessoas que tem um nível cultural maior. Quer dizer, são pessoas já adultos e formados certo?”

Falar de blocos é falar sobre a experiência dos moradores. E os seus desfiles afirmam o seu pertencimento à comunidade. Sua performance vai tecendo os vários sentidos para a folia e a sua vivência como moradores. Durante a festa, momento de encontro entre amigos que se desencontram na rotina do cotidiano, os grupos de

vizinhança fortalecem os laços sociais. Os blocos permitem momentos que ampliam as redes sociais a que pertencem. Ao prestar homenagens e doar parte da receita das camisetas aos asilos e entidades assistenciais, prestam o reconhecimento público a outros moradores, que mesmo desconhecidos, fazem parte da história de Ouro Preto. Não se trata da caridade cristã, mas do reconhecimento de todos como patrimônio social desta Ouro Preto, sua moradia.

Sobre Escolas de samba

A participação nas escolas de samba não é tão livre quanto nos blocos. Não se pode pegar carona em meio ao desfile. Os *de fora* não são proibidos de desfilar, mas é necessário que já tenham algum contato com o pessoal que participa regularmente da escola. Os foliões, em sua grande maioria membros da comunidade, possuem um comprometimento maior com o desfile da escola no que concerne à confecção das fantasias, alegorias, ensaios.

A performance da identidade ouro-pretana é dramatizada no desfile das escolas de samba em sentido diferente dos blocos, evidenciando, de forma mais conflituosa, o direito ao espaço público por parte dos moradores. Através dos seus enredos, as escolas narram as histórias que ocorreram na cidade e que constituem repositórios das memórias do acervo tombado. Desfilam na Praça Tiradentes, palco principal de Ouro Preto.

A Praça, protegida com cordões de isolamento, é transformada em *sambódromo* onde os foliões têm assegurado o uso do espaço público, um dos poucos momentos no

cotidiano da cidade em que tal acontece¹¹². Os componentes das escolas são moradores desfilando para o seu público, também moradores. A fala de Gabriela, envolvida com organização de escola de samba há mais de 20 anos, é reveladora:

“O desfile das escola de samba em Ouro Preto é um momento de realização das pessoas. Onde você vê, que olha, é uma pessoa tão simples do morro que se sente tão realizada, tão bonita, tão gloriosa num momento de carnaval”.

Essa mesma foliã tem a seguinte representação do significado das escolas de samba em Ouro Preto:

“Porque aqui em Ouro Preto tem dois tipos de carnaval: o carnaval da Praça, de escola de samba, é o carnaval de família, dos moradores. E o carnaval da R. S. José que é um carnaval de turista, que é o carnaval tipo carnaval de trio elétrico, não com trio elétrico, mas com um som mecânico e com aquele junta-junta de trio elétrico que eu particularmente não gosto, tá. Porque minha identificação com carnaval é outra coisa, né. Então você vê 2 carnavais muito distintos: a pessoa que vem à Praça e que fica até às 4 horas da manhã, como esse que o Morro Santana entrou na Praça às 3 e meia da manhã [carnaval de 1996]. Então elas ficam para ver escola de samba. Mas não chegam o nariz a dez metros abaixo que é a R. Direita. Eles nem sabem o que passa ali. (...) Não querem saber. Termina o carnaval eles vão quietos para sua casa e ótimo. Realizados, felizes da vida ”

A fala de Lílian ligada à escola de samba ESIM, reitera:

“As escolas de samba desfilam para os nativos. É o momento em que o povo do morro que nunca desce para a cidade, eles descem entende? O pessoal da Bauxita, o pessoal das cabeças, a população da cidade, inclusive as pessoas mais pacatas. Elas vêm para Praça turista para assistir o desfile porque tem um neto, tem um irmão, tem a tia entende? Tá, então as escolas de samba, então por isso eu não acho que ela tá preocupada com a mídia, tá preocupada com..., porque é feita para a população, não é feita para o turista. É feito para a população entende?”

Apesar deste registro fortemente indicativo de correspondência entre a festa e os moradores, escolas de samba em Ouro Preto causam um grande estranhamento a muitos deles, sobretudo os organizadores de blocos. São vistas principalmente como uma manifestação deslocada das tradições da cidade, como algo importado do Rio de Janeiro.

¹¹² Outro momento é a Semana Santa.

São entendidas como modernas, luxuosas, requintadas, descaracterizando as *raízes locais* e contaminando a memória da população que vai fragmentando e descaracterizando a autenticidade da cidade¹¹³. A participação das escolas de samba no carnaval é percebida no mesmo plano de outros agentes agressores à preservação do acervo barroco, dos monumentos, chafarizes, museus, fachadas e de todos aqueles que, enfim, agridem a personalidade local.

Os argumentos contra as escolas de samba não são aceitos por seus organizadores justamente porque os elementos agredidos e descaracterizados são os que eles buscam perpetuar e recontar através dos enredos. Para eles, escola de samba é algo legítimo em Ouro Preto porque ela conta a história da cidade, volta-se para o passado onde reside seu maior significado, mantém viva e encenada, através das danças, alegorias, fantasias e sambas-enredo, a memória de um acervo petrificado e destinado ao comércio turístico. Kátia, uma carnavalesca, é quem diz: *“É um momento de manifestação cultural, se pode aprender brincando”*.

Outro carnavalesco defende as escolas das acusações de serem cópias do Rio de Janeiro chamando a atenção sobre o reconhecimento público dos moradores que se identificam com as escolas de samba:

“Tanto que o público das escolas de samba, muitas vezes as pessoas falam debochando que “escola de samba está copiando o Rio de Janeiro”, o povo, público, de escola de samba é basicamente Ouro Preto, é de Ouro Preto quem vai. As mulheres tudo com menino no colo desce o morro, sobrinho, bem familiar. Quem assiste o desfile é ouro-pretano só” [Lucas]

¹¹³ É relevante citar que a Mangueira no carnaval de 1990 cantou a personagem Sinhá Olímpia, com o seu enredo “Deu a louca no Barroco”. Esse fato é apropriado de dois modos antagônicos: por um lado, a escola de samba Sinhá Olímpia recaiu a culpa por descaracterizar a tradição das escolas da cidade nesse encontro com o Rio de Janeiro representada pela Mangueira; por outro lado, esse representou para as escolas de samba “pontos a favor” por se mostrarem pertinentes pela divulgação das figuras da localidade. Além do que o fato de alguns integrantes da Mangueira terem vindo a uma escola de samba de Ouro Preto representou para todas um aval de legitimidade e apoio simbólico.

A afirmação da legitimidade, reconhecendo as escolas de samba como parte da tradição de Ouro Preto, ao invés de mera importação, possui, como referência, os blocos, charangas, e em especial o Zé Pereira dos Lacaíos.

A primeira escola de samba a surgir em Ouro Preto foi a do Morro Santana, cuja origem é relatada como uma transformação “*natural*”, uma evolução do bloco que, no início, era uma espécie de Zé Pereira do morro. Eduardo, um de seus fundadores, conta:

“E começou com o bloco, porque foi uma das manifestações mais antigas é o bloco Zé Pereira dos Lacaíos. Então no Morro Santana eles fizeram um mini, fizeram um Zé Pereira de lata. E desse Zé Pereira de lata é que surgiu essa escola de samba do Morro Santana.”

As Charangas, blocos que a torcida dos times de futebol levavam para animar os jogos, também são apontadas como manifestações típicas de Ouro Preto e se constituem em outro referencial para a formação de escola de samba, como é o caso da ESIM, nas palavras de Rafael, um ex-presidente:

“ESIM escola de samba Inconfidência Mineira surgiu a partir de um bloco existente no conjunto Brito Filho hoje na Terceira, atrás da escola Marília de Dirceu quando um grupo de funcionários da Alcan começou a requisitar tambores de carbureto e desses tambores foram fazendo instrumentos e deram o nome de Charanga do Brito Filho.(...) Com a decadência da Charanga, as mesmas pessoas se reuniram e resolveram fundar a escola de samba Inconfidência Mineira – ESIM”

A Padre Faria, resultado de dissidências entre diretores da Morro Santana, vê, anos depois, surgir outra escola, também em consequência do desentendimento entre seus próprios diretores: a São Cristóvão. Mas, no desfile na Praça, cada escola representa a sua freguesia e os moradores se reconhecem frente a outros moradores dos vários setores de Ouro Preto: Padre Faria, Antônio Dias, Pilar, Saramenha, os Morros – S. Sebastião, S. João, Alto da Cruz, Santana, Cabeças, Sta. Ifigênia, Piedade, Buraco Quente, Água

Limpa, Veloso. A própria fundação da escola de samba Sinhá Olímpia deveu-se a essa lógica de vinculação e construção do pertencimento local. Leonardo, seu fundador, conta:

“A idéia de fundar a Sinhá Olímpia foi mais porque nos 4 cantos de Ouro Preto existe, em cada um, uma escola de samba. E em Saramenha, aquela época, não existia escola de samba. Então eu juntei um grupo lá (...) Porque em Ouro Preto o povo gosta mais de escola de samba. Que já existia escola de samba aí [em outros locais] na época e não existia lá em Saramenha.”

A fundação da Imperial é outro exemplo deste mesmo caso:

“Eu falei para um amigo: “Vamos fundar uma escola de samba nesse bairro nosso aqui?” Que nosso bairro não tem escola de samba. As escolas estão todas três do lado de lá da Praça. É o Morro Santana, a Padre Faria e a ESIM, todas do lado de lá. Então vamos fundar uma escola de samba para gente aqui, pro nosso bairro.(...) E cada pessoa que chegava: “Vamos fundar?” O pessoal topou e fundamos”. [Vitor]

No âmbito pedagógico, as escolas de samba aparecem como o palco para se dar uma aula de história descontraída, encenada para os próprios moradores que, em sua grande maioria, desconhecem os meandros de um passado encerrado no acervo tombado. Os fatos narrados e os personagens mitificados lhes são estranhos e o valor dos bens do Barroco se lhes escapa, bem como as discussões sobre o passado dos Distritos. A carnavalesca Kátia pleiteia que esta característica carregue um sentido quase de reivindicação, de demanda por um saber que aprofunda os elos entre o cidadão de Ouro Preto e o passado de que lhes falam os seus monumentos, valorizados pelos de fora.

“Se tem facilidade de contar uma história brincando e talvez você não tenha essa facilidade dentro de uma sala de aula. Contando um enredo entende? É a partir do momento que você tá cantando um enredo se aprofunda na história e tem interesse de saber o porque daquela frase, o porque de estar mostrando tudo aquilo e assim se está aprendendo.”

Uma questão polêmica refere-se às verbas que as escolas de samba recebem: direito ou privilégio?

“Cada casa faz uma coisa, cada família faz uma coisa e vai para rua. Mas é muita carência de dinheiro. O povo diz que gosta da escola mas na hora em que a gente precisa do povo para ajudar, não tem ajuda. [Rafael]”

“As escolas são reconhecidas como sendo de utilidade pública, ela tem direito a uma verba do poder público. (...) É direito porque dentro da estrutura orçamentária, existe verba para recreação e a todas as entidades que forem reconhecidas de utilidade pública. (...) os vereadores estão criando uma série de entidadezinhas por aí, nos distritos para captar, para fazer curral eleitoral entende? E as escolas deveriam se organizar mais para brigar por essa verba.”¹¹⁴ [Ademar]

“E u acho que é um direito que é revertido em benefício do povo sim.” [Vitor]

A verba é apontada como privilégio pelos demais foliões, mas o pessoal das escolas de samba entende como direito, pela importância de sua função na educação do povo. O discurso dos *oponentes* apresenta as escolas de samba partícipes de uma relação paternalista com o poder público, possibilitando assim o clientelismo. No entanto, a reivindicação das escolas pelo apoio da prefeitura é por uma infra-estrutura, a construção da sede. Seja a doação do terreno ou empréstimo de máquinas para a limpeza e terraplanagem¹¹⁵. A construção da sede é vista como uma autonomia em relação ao poder público, que representaria o direito ao desfile sem ficarem presos a uma verba que nunca é suficiente para as despesas de confecção dos seus enredos. Com a sede, podem programar a realização de várias atividades para gerar recursos no decorrer do ano, as quais fortaleceriam elos e vínculos, promovendo maior interação com a comunidade.

Assim, quando questionados se o carnaval é um espaço político, disseram que não. Reconhecem apenas o sentido político institucional, aquele do personagem que

¹¹⁴ A questão a que se refere é que no carnaval de 1998 uma vereadora de um distrito de Ouro Preto requereu a verba para sua escola de samba, que seria o primeiro ano a desfilar. Só que não apareceu apesar de receber o dinheiro, o que está causando pressões para a devolução do dinheiro. Segundo ela parte do dinheiro foi gasto com equipamentos de som para a futura sede então só devolveu a metade. Até o momento as partes envolvidas continuam as negociações.

¹¹⁵ A Liga das escolas de samba enfrenta hoje uma disputa com a prefeitura pelo direito do desfile na Praça Tiradentes, e por verbas também.

procura a escola de samba para ganhar votos fazendo da escola a sua vitrine eleitoral. Para os foliões, essa política possui sentido negativo e é pejorativa. Não aceitam verba de políticos para propaganda em camisetas ou qualquer vinculação da imagem de suas escolas com qualquer candidato.¹¹⁶

Totalmente contrária a uma possível utilização política de suas escolas de samba, a diretoria afirma claramente que em *“Ouro Preto, carnaval e política não se misturam”*. Exercem o seu direito político em público: sendo o carnaval o momento que o *“povo tem voz”*, as escolas de samba o propiciam através de seus enredos e do samba-enredo. O samba não tem censura. Por isso, o sentido de política por eles praticado é ampliado. O seu exercício de reivindicação de identidade e reconhecimento como sujeitos de uma cidade patrimônio caminha em outro sentido. Eles representam a participação cotidiana de negociação e conflito dos interesses, a construção e produção de um espaço dos quais são os últimos beneficiados pelas políticas culturais.

Lá vem o velho tradicional Zé Pereira!

Tanto blocos quanto escolas de samba possuem um ponto em comum para a construção e referencial de suas legitimidades como manifestações autênticas de Ouro Preto: a referência de tradição que se encontra no Zé Pereira dos Lacaios, um bloco antigo e por isso tão patrimônio quanto o acervo tombado, reivindicado por todos enquanto origem autêntica da folia local.

¹¹⁶ Os blocos também compartilham deste sentido político, as camisetas são confeccionadas por eles e não aceitam o patrocínio de nenhum político. Quando um membro da escola de samba se lança a carreira política, não vincula seu nome a sua escola.

Cada uma se reporta de um modo ao Zé Pereira. Para os blocos, a lógica é: se o Zé Pereira dos Lacaiois é um dos blocos mais antigos do Brasil e de Ouro Preto, e blocos e charangas se enquadram no leque de suas variações, a tradição autêntica é do bloco. As escolas de samba, blocos mais sofisticados, por sua vez, ao reportarem-se ao centenário Zé Pereira, atestam que muitas delas foram formadas por variações desse original, versões mais pobres - Zé Pereiras de Lata - surgidas nas freguesias da cidade. Além disso, os enredos das escolas contam histórias de Ouro Preto para o povo de Ouro Preto. Aquela história preservada nos museus e nas esculturas tombadas pelo IPHAN. Apresentam ao povo a memória que - sendo sua - eles não reconhecem e não conhecem. Assim, tradição verdadeira, é escola de samba. E tradição é fator legitimador de identidade em Ouro Preto, reforçada pelo reconhecimento público dos moradores da cidade.

O fato do mesmo símbolo, Zé Pereira dos Lacaiois, ter sido escolhido por ambos - escolas e blocos - permite a leitura das diferentes representações que envolvem o patrimônio de Ouro Preto. Os blocos, por um lado, evidenciam a percepção de uma cidade que *não mudou* e a sua descaracterização faz parte de um presente ameaçador e sempre enfrentado. As escolas de samba, por outro, atestam que a cidade possui a sua própria historicidade pleiteada por parte de seus moradores.

Fato curioso: as escolas preservam o referencial do Zé Pereira da época em que este saía pelas ruas do centro histórico com carros alegóricos, como o Clube dos Lacaiois das décadas de 1930, 1940; já os blocos, baseiam-se na estrutura do Zé Pereira mais antigo, sem os carros alegóricos que são uma característica intrínseca das escolas.

As informações anteriores buscam estabelecer continuidades entre as manifestações atuais e os antigos carnavais. Longe de tentar provar a coerência do

referencial dos foliões de hoje, o símbolo Zé Pereira permite recomposições na memória forjada por estes foliões de forma teleológica. Cada um o lê de uma forma, já que congrega um leque de variações capaz de abraçar as atuais escolas de samba e os blocos. De qualquer modo, e sob este nome genérico, o carnaval de rua é apresentado como uma longa e legítima tradição local, pela própria secretaria de Turismo:

“Era e ainda é tradição no “País da Luz” Portugal, o costume de quando acontece a farta colheita de grãos secos ou molhados, o fazendeiro lusitano agradecer seus colonos com uma festança sem dia para findar.

A fogueira acesa recebe imensa panela a cozinhar tais grãos e faltar a alegria e bonança. Bandeiras, fitas e bandeirolas ornamentam o adro da Casa Grande e neste cotidiano festivo, regado a muito vinho, tocam os tambores anunciando a chegada dos “CATITÕES”, enormes bonecos de bambu, pintados e vestidos que prestam naquele delicioso ardil da máscara, homenagem à família, nas figuras do senhorio, sua esposa e filho.

Portanto, a 22 de abril de 1500, quando Cabral atraca em Porto Seguro, na nossa Bahia de todos os Santos, aporta na memória de tais portugueses o saudoso veio lúdico dos “CATITÕES”. Aqui, o senhorio e patriarca Zé Pereira, casa-se com a baiana de cor parda e como os bandeirantes se espalham pelo Brasil adentro.

No apogeu da era aurífera de OURO PRETO, enquanto o vice-governador e sua corte exaltavam a “Baco” em grandes festas a portas-fechadas durante o CARNAVAL, os JACUBAS da freguesia de Antônio Dias, chamados jocosamente de LACAIOS pelos MOCOTOS do Pilar, fazem soar os “couros-de-gato” num ritmo só, à constância de uma mesma cadência e marcham à Praça Tiradentes para enfernizar em arruaça as festa da elite.

Nessa atmosfera em que o passado ainda está presente, trajados a rigor como as “CARTOLAS” e a cachaça na cabeça, esta performance dos “LACAIOS” teria sido a primeira manifestação de protesto coletivo contra a corte, renunciando a “INCONFIDÊNCIA MINEIRA”. Enquanto as lanternas coloridas de papel de seda iluminam os “CATITÕES”, o “CABEÇÃO” sacode a poeira e os KARIAH’s, pequenos diabinhos, raspam suas pontas-de-lança nos pés-de-moleque a fazer fâisca e barulho abrindo alas para o bloco passar.

E assim, vem-se alastrando pela história de Ouro Preto, dos pupilos KARIAH’s são mestres-salas que se multiplicam; as novas gerações aí estão, outras novas virão, e todas passarão, mas a prática da farrá do ZÉ PEREIRA dos LACAIOS não passará.

...Zé Pereira! Pum! Pum!Pum!

...Zé Pereira! Pum! Pum!Pum!

...Zé Pereira! Pum! Pum!Pum!”¹¹⁷

¹¹⁷ Esse texto é acompanhado de ilustração que compõem o cartaz oficial da Secretaria de Turismo. A autoria é de Afonso Penna Mascarenhas Júnior, artista plástico local.

Segundo um folião, responsável pelo bloco Zé Pereira dos Lacaio, este seria um rico comerciante no Rio de Janeiro que foi para Ouro Preto montar um comércio e por lá ficou alguns anos. Voltou ao Rio, mas acabou regressando e permanecendo de vez em Ouro Preto.

“Porque em 1840, 1840 veio um abastado português de Portugal pro Rio de Janeiro e ele era negociante e de dinheiro, que teve um bloco de carnaval de lá, da terra dele, que deu origem ao Zé Pereira aqui. Então o sujeito comprou um bumbo, e saiu batendo, e ele chamava José Pereira de Souza. E ele batia: “Zé Pereira” e ele tocava aquilo. Nos primeiros dias ele sozinho, fez aquilo. Quando foi no segundo dia já apresentou um certo número, quer dizer: formou um bloco. Quando foi no terceiro, aumentou mais, e aqui começou a sair e veio pra Minas Gerais. Porque a origem também do bumba meu boi em Pernambuco, com aqueles catitões lá. Quer dizer a origem desse negócio no Rio de Janeiro e aqui. Tinha aqui, em Mariana, nas cidades antigas, históricas de Minas. Quase todas elas tinham um Zé Pereira. O único que continua vivendo é o daqui”.

Um padre local, Renato, apresenta outra versão. O Zé Pereira surgiu há mais de 150 anos, em Vila Rica, Ouro Preto, quando esta ainda era capital do Estado de Minas e ainda havia o Palácio dos Governadores.

“Zé Pereira. Zé Pereira era o nome do português, dono de minas que veio de Portugal lá das Batalhas, da Leiria. Portugal tem muito isso. E eles faziam a caminhada vestidos assim de bonecos desconcertantes, imitando autoridade, uma crítica e dançando ao som do clarim com os cavalos, marchando né, com uns demoninhos, uns meninos vestidos de vermelho né, com sentido de crítica ao mal. (...) E o que é Lacaio? Lacaio é uma palavra que significa servidores do palácio, lacaio né, serviçais, escravo, empregado. E onde hoje está o resto da Escola de Minas, naquele prédio que está se transformando em museu né, era o Palácio dos Governadores. Então ali, aqueles funcionários, criticando seus senhores, a sociedade da época, eles faziam esses blocos como uma espécie de teatro, dançando com os bonecos com a cara daqueles senhores que eles não gostavam, daquele militar, daquele governador.”

Ademar, o presidente do bloco Zé Pereira dos Lacaio, apresenta como explicação oficial a seguinte versão, contada por um cronista em um jornal que não foi possível identificar:

“Desviada de seus arquivos a ata de fundação do centenário Clube dos Lacaio de Ouro Preto, esta nota sobre sua origem, há mais de 100 anos, remonta-se a notícias publicadas em velhos jornais de Ouro Preto, que dão seu aparecimento, quando, no Rio de Janeiro, logo após o término da Guerra do Paraguai, o negociante português José Pereira, seguindo velha tradição de algumas províncias de Portugal, ali fundou o “zabumba”, uma espécie de curso carnavalesco em que predominavam os tambores, caixas e clarins.

Essa inovação na antiga Capital Federal causou grande sucesso nos meios foliônicos e rapidamente espalhou-se pelo interior do Brasil, ganhando melhor campo nas velhas cidades mineiras, principalmente em Ouro Preto, onde se conserva até hoje, no rufo vibrante do Clube dos Lacaio. O “zabumba” parece ter chegado a Ouro Preto, por volta de 1862, quando dominava na cidade um clube carnavalesco denominado “Machadinhos”, que deu motivo à fundação, pelos funcionários do palácio dos Governadores, que eram apelidados “lacaio” pelo grupo dos “Machadinhos” grupo de pessoas de maior representação na cidade.

No intuito de assegurar a rivalidade, aos que lhes chamavam, em tom pejorativo, de “lacaio” os servidores do Palácio fundaram o seu clube com o nome de Clube dos Lacaio. E dizem as velhas crônicas que a rivalidade entre os dois clubes foi a alma do carnaval de Ouro Preto”.¹¹⁸

Outro artigo que comenta o Zé Pereira é de Ângelo Osvaldo um ex- prefeito:

“Uma festa enraizada na história – Os Lacaio nas ladeiras de Ouro Preto – (...) os Lacaio apareceram no séc. XIX. Entre limões de cheiro jogados nos balcões, batucadas nas ruas, lembrando o “quente lundu” de que falam Cartas Chilenas (1789), e bandos de mascarados tentando tirar a sisudez da capital provincial, a agremiação foi fundada para introduzir em Ouro Preto a grande sensação do entrudo na Corte.

Foi nos ano de 1865 que o Zé Pereira chegou a Minas Gerais para encher de clarins, taróis e lanternas as ladeiras da velha metrópole. Os empregados do Palácio dos Governadores resolveram organizar uma sociedade carnavalesca e lançar esse ritmo em moda na Corte Imperial. Importaram do Rio de Janeiro, o Zé Pereira e desceram a R. S. José, eixo principal da cidade, com as novidades do aplaudido “Clube dos Lacaio”. Os cavaleiros com clarins abriam o curso, seguidos pelos portadores de grandes lanternas a vela. Imensos bonecos (catitões), representando caricaturalmente o português Zé Pereira e a mulata baiana, surgiam no meio da menina fantasiada de pequenos capetas, os cariás(...) retirando faíscas do calçamento com seus tridentes e lanças de metal.(...) O advento das escola de samba, na década de 60, nova importação que veio para ficar”¹¹⁹

¹¹⁸ Esse recorte faz parte de uma pasta de recortes, a memória, que o presidente do bloco Zé Pereira dos Lacaio organiza para o seu bloco e é constituída por recortes de jornais falando sobre o Clube dos Lacaio, atas de reuniões e outros materiais dispersos que não permitem uma análise do seu conjunto, dado que este material é disperso e foi recolhido ao longo dos 30 anos em que ele está à frente dessa manifestação, pois segundo ele “Ninguém mais quer responsabilidade”.

¹¹⁹ Estado de Minas, 21 de fevereiro de 1998.

O texto oficial do *Carnaval 300 anos* é interessante, pois se percebe o Zé Pereira representando o discurso oficial sobre a nacionalidade brasileira: a mestiçagem, o sistema patriarcal de casas-grandes. A formação do Zé Pereira em Ouro Preto – tão diferente dos relatos dos diferentes Zés praticados no Rio de Janeiro,¹²⁰ permite que sua memória se construa na relação com um passado de colonização portuguesa, também atestada pelas edificações barrocas. Neste cenário, a figura do *catitão*, associado ao português, (já que é um boneco com bigodes), e a baiana, simbolizando a mulata ou a negra, reafirmam a miscigenação das raças, os traços da *cultura e personalidade* de Gilberto Freyre que são confirmados por essa manifestação.

O Zé Pereira é posto em marcha integrando através do carnaval as especificidades das regiões. Na festa de todos, que é o carnaval, se tem a grande conquista e o estabelecimento de uma unidade nacional.

Não apenas as manifestações geram polêmicas em torno do que é ou não típico da cidade, mas também o que se entende por souvenir típico. Longe de se procurar caracterizar qual seja a produção artesanal de Ouro Preto, cito essa questão porque ela revela conflitos e agenciamentos que têm ligação direta com o turismo.

Em frente à igreja de São Francisco de Assis, um dos cartões postais de Ouro Preto, há uma feira permanente de *artesanato* em pedra-sabão. Essa denominação já é motivo de críticas por parte dos moradores e outros artesãos locais. Eles alegam que essas peças vendidas “*são feitas em massa em uma fábrica perto da cidade*”¹²¹. Essas peças

¹²⁰Ver Cunha, M. Clementina Pereira; 2002.

¹²¹ Informação de Cássio, proprietário de loja de artesanato. Para ele deveria se tomar maior cuidado por parte do comércio e aumentar a qualidade dos produtos vendidos já que o turismo é fonte de renda para muitos moradores

são de péssima qualidade o que acaba por repercutir nos produtos vendidos nas demais lojas.

O aspecto da *cidade obra de arte*, slogan turístico oficial da cidade, é ironizado por Lílian, arte educadora:

“Sou nativo” antes de tudo, “eu sou tão patrimônio quanto a minha cidade” [ri] “a minha veia artística é inata” entende? Então já está no ponto, “não preciso aprender, só não descobriram porque a TV não me mostrou ainda”. Porque há um sonho de ser descoberto como grande, o grande artista plástico”.

Ao mesmo tempo aponta que essa denominação *obra de arte* significa um entrave para o IPHAN e para a Secretaria de Turismo, se transforma em uma camisa de força, pois é um debate sobre o estilo condizente ou não com a cidade.

Esta questão de obra de arte tem sua outra face: propicia novas opções para moradores. Caso de Anete e Paulina. Ambas fizeram o curso oferecido pela Secretaria de Educação, uma forma de unir o útil ao agradável, ou seja: para Anete significou sair de sua rotina de dona de casa, e ajudar na marcenaria de seu marido, fazendo as pinturas e acabamento dos móveis. Para Paulina também significou uma possibilidade de investimento em outro tipo de atividade. Ela é professora e trabalha com adolescentes, o que para ela é gratificante, mas neste momento de sua vida quer uma maneira de sair da sala de aula, sair da escola. Seu trabalho difere do de Anete. Como tem dificuldade de conseguir peças para pintura, faz o que ela denomina de *“reciclagem por necessidade”*. São tocos de árvores e pedaços de madeira que ela coleta nos morros de Ouro Preto e faz arranjos com eles, transformando-os em móveis, luminárias, enfeites.

Outro sentido para a idéia de que todo ouro-pretano é um artista nato é revelado pelo desabafo de Fernando, Carnavalesco da escola de samba São Cristóvão:

“E o pessoal não vê o Carnaval de Ouro Preto como uma arte, e se você pega o tanto de artesanato, o pessoal que nunca mexeu com arte e que a gente pega para fazer alegorias e sai uma alegoria, não só na nossa escola, mas em todas as escolas de samba, você está entendendo? Todo mundo é artista e ninguém enxerga isso está entendendo? É uma brincadeira de três dias, mas as pessoas falam é “coisa de desocupado””.

Este capítulo procurou mostrar como a população de Ouro Preto se apropria de um espaço no qual no dia a dia sentem-se excluídos. Através das manifestações dos blocos e escolas de samba eles recuperam a cidade e se vêem como incluídos na sua cidade com o direito de construir e recriarem suas memórias para além daquela guardada pelos bens tombados e uma outra forma de requererem a utilização de seu direito de uso do espaço público.

Capítulo - 4 TURISMO e PATRIMÔNIO em OURO PRETO

Início este capítulo com a experiência dos moradores de Ouro Preto em relação às atividades voltadas ao turismo e à sua vivência na cidade patrimônio, a partir do projeto Museu Escola, o qual exemplifica claramente a falta de identificação dos moradores com o patrimônio tombado.

A seguir articulo a variável turismo com a questão do patrimônio e apresento alguns estilos de artesanato que são próprios para a constituição do termo autêntico em relação aos souvenirs. O fato de a cidade ser histórica está longe de uma concepção pré-existente, como é apresentado pelas propagandas turísticas e será demonstrado ao longo deste texto. Serão mostrados os investimentos simbólicos nesta cidade enquanto palco da nação Brasil. Para tanto, analiso as propagandas turísticas, ou seja, a forma pela qual Ouro Preto é construída como cidade histórica. Ressalto que, as propagandas constituem um dos meios privilegiados para a construção da Ouro Preto turística, mas não o único. Saliento também que tais informações não necessariamente conduzem ou induzem a visão dos turistas como se fossem marcos pelos quais balizam seus passeios e apreendem os diferentes significados veiculados. Esses são dados privilegiados sobre a construção oficial de Ouro Preto e da nação.

Museu Escola: aprender e apreender o patrimônio de Ouro Preto

Esse projeto é desenvolvido pelo Museu da Inconfidência de Ouro Preto. Como a cidade é patrimônio histórico e artístico nacional e da humanidade e também ícone

consagrado da memória e história nacionais, as atividades educacionais do Museu Escola têm por objetivo integrar o cidadão ouro-pretano, resgatando e construindo a sensação de pertencimento à sua cidade.

Em contraposição, encontram-se práticas turísticas que atribuem aos moradores da cidade o papel de guardiões de um legado de manifestações históricas igualadas ao acervo do patrimônio, no qual bens e comunidade se complementam. O turismo não é apenas uma fonte geradora de empregos, mas o eixo econômico que contribui significativamente para a construção simbólica da cidade. O morador da cidade se vê, ora anfitrião, ora excluído das políticas culturais de Ouro Preto.

Assim, o Museu Escola e a atividade turística, quando contrastados, permitem esclarecer e expor uma série de questões que ampliam a experiência de se viver em uma cidade que possui a condição de patrimônio. Lílian, arte educadora, uma das precursoras deste projeto relata:

“Então o meu trabalho é tentar fazer o Museu falar, só que eu não consigo trabalhar o acervo do museu sem fazer uma relação com a cidade. Então eu faço o inverso. Eu tento trabalhar primeiro a cidade, o entorno do museu para depois então trabalhar o museu. (...) Foi em 1976. E aí conforme eu disse, agora que ele está começando a dar os primeiros resultados. Que os primeiros meninos que trabalham com a gente né, o trabalho interdisciplinar que ele sempre tem no conjunto da equipe que trabalha com a gente. Sempre tem um elemento masculino que eu acho fundamental a visão de mundo masculina. Chega de criança ser educada apenas por mulheres. Eu acho que tem que ter uma visão masculina do mundo tá. Masculino e feminino, mas sempre a criança é criada pela mãe, pela professora, a tia... tá. Então sempre tem um elemento masculino, geralmente um artista plástico, alguém do teatro, da música, literatura. Sendo que não é estanque, todas as atividades são realizáveis em conjunto mesmo que o orientador não saiba desenhar ele vai acompanhar, ele participa das oficinas. Que a gente chama de oficina de artes plásticas, mas não tem essa preocupação, só porque essa gama de diferentes linguagens, exatamente porque o acervo, ele é o resultado, o produto de diferentes linguagens. A gente escreve, música, alguém esculpiu não é assim? Alguém fez uma mesma cadeira, alguém pintou um quadro então essa interdisciplinaridade no sentido de mostrar que o homem tem cinco sentidos, ele se expressa de diferentes maneiras com esses cinco sentidos que são entre tantas coisas as linguagens artísticas

tá? E que essas linguagens podem ser traduzidas em objetos e que esses objetos contam histórias. É mais ou menos essa a proposta”.

Quanto ao vínculo com a escola Lilian narra, ainda:

“Mas assim não tem essa obrigação de estar na escola e não tem o maior objetivo de salvar o conteúdo que a escola não deu. Ela não tem não entende? A escola é escola museu é museu. É uma coisa mais ao nível de prazer do que aprender. E a gente passa isso pros professores.”

E quanto ao Museu Escola:

“Então é um exercício de, mesmo de busca de identidade, memória, compreensão de que seja esse patrimônio. Que patrimônio é o meio, e o meio é composto de natureza e das coisas construídas né. É um trabalho legal, e tanto que anda parado por falta de mão de obra”.

Torna-se interessante observar que esse projeto educacional não é uma proposta coercitiva: ele traz no seu bojo um conceito implícito de participação eletiva, na medida em que não existem mecanismos de controle de frequência, afirmando seu caráter lúdico de aprendizagem. O Museu Escola se apresenta então como um atenuante do problema de exclusão social tão apregoado pelos moradores, uma vez que ele possibilita ao cidadão local a oportunidade de participação ativa por escolha própria, ou seja, de baixo para cima, permitindo que os sujeitos se tornem agentes conscientes de sua própria história.

Silvana, historiadora, outra integrante da equipe do Museu Escola conta:

“O Museu Escola atua desde o final da década de 1970 e teve interrupções no decorrer desses anos. E não é política da Instituição (IPHAN) investir em educação patrimonial. Eu não gosto desse nome não, porque educação é educação. Eu acho que educação patrimonial é interdisciplinar por excelência, assim como a educação sexual. Por exemplo, na hora em que você dá educação patrimonial você vai ter que trabalhar com a cidade na geografia, na história, na matemática, na educação artística e você pode fazer com que o conteúdo da disciplina educação patrimonial seja desenvolvido pelo educador conforme a sua área de formação disciplinar, principalmente nas séries do ensino fundamental. Na época compreendida entre 1990 e 1994, os profissionais eram contratados pela Prefeitura, o que gerou uma certa estabilidade. (...) O Museu da Inconfidência fazia a coordenação, o IPHAN dava o espaço físico, aqui na Casa da

Baronesa, e uma técnica que era eu. Mas ele tinha uma abrangência muito pequena, porque nós só podíamos atender a 70 crianças por semestre. Então você começa a ter, pela primeira vez, uma equipe que atuava, que pensava e que planejava. (...) É lógico que a gente deixa uma semente, mas só vai colher o fruto daqui a dez anos. A gente sabe que o processo educativo não vai acontecer amanhã. (...)

E a gente tinha uma associação com os professores que era muito legal, e foram desenvolvidas umas ações muito legais: as oficinas com os professores dos distritos (de Ouro Preto), porque você trabalha sempre com a sede Ouro Preto, mas você tem nos distritos um potencial imenso onde há muita informação. A gente trabalhava: o que é o patrimônio? Era um curso em módulos: identidade, memória, patrimônio. E você fazia um resgate do que as crianças diziam: “Ah, o bar do Mané é patrimônio cultural do distrito de São Bartolomeu. É, se o bar do Mané é um ponto forte da comunidade, então o bar do Mané é”. E assim por diante, até que eles compreendessem o significado do patrimônio cultural, conceito que vai além do prédio. E isso era legal.(...)”.

Esta citação permite perceber a metodologia usada pelo Museu Escola que visava incutir nas crianças, através do referencial mais próximo possível delas, o que era ou não importante para as mesmas, desde o núcleo familiar até as respectivas comunidades. Desta forma, as crianças iam apreendendo, aprendendo e ampliando o espectro de cognição até chegarem aos monumentos tombados. Assim, iam do conhecido para o desconhecido, em um processo co-relacional de compreensão.

“As crianças vinham até aqui porque há uma carência muito grande de qualquer ação voltada a elas. E a gente tentava trabalhar isso numa oficina de crianças. Então, a gente identificava algumas coisas, o sistema construtivo. Lógico que a gente fazia uma série de visitas orientadas porque dificilmente essas crianças têm coragem de entrar no Museu da Inconfidência. Então, a gente corria com elas pela cidade, chamando a atenção para alguns pontos, mas sempre levando em consideração os referenciais delas. Na verdade, não adianta eu vir com o referencial de Tiradentes porque o referencial delas é outro: “legal é Belo Horizonte, que tem escada-rolante, shopping”. E a gente tentava lidar com essa situação da melhor maneira possível, ou seja, pegar esse referencial e adequá-lo à realidade de Ouro Preto, até onde dá pra fazer isso né?! Então a gente teve frutos muito bons, garotos que aos 18 anos eram guias e outros que trabalham no comércio, mas são jovens com outra visão: compreendem porque esta cidade é tão importante, é um legado que a gente tem e não é um ônus pra se carregar nas costas. (...)

Embora o Museu Escola não tenha por objetivo complementar a educação formal, observa-se que esse projeto desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da

auto estima social das crianças ouro-pretanas. Os símbolos e heróis ensinados na escola não são emblemas de identidade para as crianças, fato observado e trabalhado pelo Museu Escola, que articula referências e sujeitos próximos à realidade das crianças. Na fala de Silvana, vale também ressaltar a dificuldade que os educadores têm em equacionar as questões pertinentes à oposição velho versus novo de forma eficaz, ou seja, é complicado colocar em pé de igualdade de atração lúdica, as escadas rolantes dos shoppings (novo) e as ruas tortuosas e ladeiras (velho) de Ouro Preto.

Silvana continua:

Educação patrimonial não é uma política fundamental da Instituição (IPHAN), mas ela tinha que ser o carro – chefe (...) Com isso, a gente quebrava essa aura do saber de técnico do IPHAN e todas as crianças detinham o saber, só não sabiam disso. Quando a gente pedia pra elas escolherem alguma coisa, elas escolhiam um monumento porque era bonito. E a gente então começou a trabalhar a partir disso, usando critérios como o belo e o feio e a gente também inseria outras informações, mas sempre respeitando o que elas traziam, quer dizer, não era uma saber fechado e técnico. Os meninos dos distritos falavam: “Eu vou a Ouro Preto”. Eles nem se colocavam como moradores, mesmo sendo do município, quer dizer, eles não traziam isso dentro deles”.

As citações anteriores levam a concluir que o Museu Escola, ao mesmo tempo que estimula, através de suas posturas, um saber aberto, receptivo, de interação e de conexão, promove a democratização do saber, o que representa uma garantia de acesso à cidadania.

Paradoxalmente, a sensação de não pertencimento das crianças dos distritos de Ouro Preto ao patamar de ouro-pretanas denuncia uma cidadania de letra morta ao invés de uma de fato.

Turismo, patrimônio e vida social em Ouro Preto

Uma questão que pode ser discutida nesse item refere-se à forma como o patrimônio foi concebido pelo IPHAN em Ouro Preto, descrito por Motta¹²². Cerceia os proprietários dos bens, ao obrigá-los a manter as fachadas, o conjunto barroco¹²³. Lílian, já citada, não considera que esse conjunto de critérios dos funcionários do escritório técnico do IPHAN, tenha uma base fundamentada e que possa promover melhorias na cidade. Pelo contrário, nas suas palavras:

“A concepção de não interferência no cenário é que trava. E é mal resolvida porque ela não tem fundamentação nem teórica nem prática entende? É uma bobagem e isso não preserva patrimônio, pelo contrário. Você não ter lixo nas ruas (resulta que) ninguém cai, não tem mau cheiro não é? Não tem perigo de berne, nem cólera nem febre amarela nem coisa que o valha né entende?”¹²⁴

Padre Renato, avalia a atuação do IPHAN em Ouro Preto do seguinte modo:

“Dentro dessa preocupação que se tem, que a cidade foi tombada. Mas não houve nenhuma preocupação pedagógica de sensibilização da população. Muito pelo contrário, muita coisa ficou até uma faceta antipática do patrimônio “ah, eu não posso fazer isso na minha casa, eu não posso, é proibido”. mas não uma sensibilização de valorizar aquele patrimônio que está aí. De reconhecer como identidade, o tombamento veio meio assim de cima para baixo”.

Lílian comenta: *“a expressão patrimônio em Ouro Preto é cerceadora, é castrante, é policialesca, é de diminuição de poder”.*

Porém as falas anteriores se contrapõem ao slogan de patrimônio narrado por Silvana, historiadora do IPHAN:

¹²² Motta, Lia, 1987.

¹²³ Não só críticas são feitas, há também o reconhecimento da importância de tal serviço, nas palavras de padre Renato, ativo militante do patrimônio e crítico também do escritório técnico porque às vezes possuem um peso e duas medidas: *“Justiça seja feita né. É para falar só que é ruim? Não. Eles ficam muito preocupados quando agredem Ouro Preto né. Eles têm força sim, pelo menos de lei, para não deturpar nossa comunidade no sentido artístico-cultural”.*

¹²⁴ Quanto aos critérios ou falta deles, Rodrigo chama a atenção sobre a agressão visual provocada pela abertura de uma loja de eletrodomésticos na praça Tiradentes. *“Podia ser uma coisa mais discreta, um, bar sei lá, mas eletrodomésticos, pô.”*

“Preservar o patrimônio histórico da cultura para manter a qualidade de vida da população, aliás, a qualidade de vida vem antes da preservação porque é a própria diretriz urbana e eu trabalhando o urbano estou trabalhando a qualidade de vida”.

A título de esclarecimento: *“Há mais de 60 anos, o IPHAN vem realizando um trabalho permanente e dedicado de fiscalização, proteção, identificação, restauração, preservação e revitalização dos monumentos, sítios e bens móveis do país”¹²⁵.*

Há um descompasso entre o pensar dos sujeitos de Ouro Preto, representados nas figuras da arte educadora e do padre, e a proposta do IPHAN no que diz respeito à concepção de patrimônio. No caso de Lílian, a sua fala pode ser traduzida como o ônus que a população carrega por morar em uma cidade que possui a condição de patrimônio de pedra e cal. Uma visão limitada e estática segundo a qual o tombamento contempla apenas os monumentos e bens imóveis, ou seja, a parte arquitetônica e artística:

A qualidade de vida defendida por Silvana não é vivenciada pela população. Vale aqui ressaltar que não cabe ao IPHAN proporcionar à população de Ouro Preto a infraestrutura básica, como saneamento, emprego, educação, moradia e saúde. Há uma confusão de papéis entre o que seriam as atribuições do IPHAN e o que seriam as atribuições da Prefeitura, do Estado e do Governo Federal. Na verdade, o IPHAN acaba por se tornar um bode expiatório das mazelas de Ouro Preto, na medida em que tudo é culpa do IPHAN ou é por causa do IPHAN, tanto por parte dos moradores quanto por parte do poder oficial. Este último, usa a Instituição para se eximir de responsabilidades pertinentes à Prefeitura. Padre Renato tenta explicar um pouco do porquê da antipatia da população contra o IPHAN, salientando que não houve uma sensibilização para a

¹²⁵ Citação retirada do site do IPHAN: www.IPHAN.gov.br

importância da preservação. Os moradores se acham injustiçados em relação às regras para reforma e construção de seus imóveis. Um plano diretor que regulamenta a construção ou reforma de imóveis, não é apanágio de Ouro Preto. O diferencial aqui é o alto custo da manutenção das fachadas e características dos imóveis dentro das especificações do IPHAN. Talvez seja este um dos motivos pelos quais a população local se sinta tão prejudicada em relação ao seu poder de decisão no que concerne aos seus imóveis.

Fernando aponta para um sentimento de exclusão dos moradores face aos direitos e oportunidades, ao ônus e ao privilégio de se morar em uma cidade patrimônio:

“Hoje, se você for ver a renda per capita de Ouro Preto é muito baixa, se pegar os maiores salários de Ouro Preto e os melhores empregos são para pessoas de fora. Se tem um bancário, são os que são mais estudados, são os de fora. Os menores salários ficam com a gente. Uma cidade em que o turismo é divulgado também não tem cursos para treinar um garçom, um cozinheiro voltado pro turismo. Não tem nada voltado para isso. Você pega hotéis voltados para o turismo o que acontece? A mão de obra de Ouro Preto não é treinada. Então os garçons são de Barbacena, cozinheiros são de outros lugares onde tem [curso]. Então não tem nada voltado para poder treinar o pessoal de Ouro Preto, a mão de obra de Ouro Preto”.

Anete concorda: *“Eu tenho o maior orgulho disso aqui, de morar aqui, tomara que a gente dê mais valor porque aqui Ouro Preto é uma boa madrasta. Nossa, você tem que ver como Ouro Preto é boa madrasta.”*

Metáfora muito disseminada entre a população: *“Ouro Preto é péssima mãe e ótima madrasta”.*

Esta frase contém a dicotomia orgulho e ônus presente na concepção de cidade dos moradores: ao mesmo tempo, desempenham o papel de anfitriões e o de zeladores de Ouro Preto frente aos turistas e ao acervo.

Em relação ao ônus pode-se citar o custo de vida que é alto, ou seja, os preços são acessíveis somente aos turistas. Lindaura comenta:

“Agora o turista traz muito dinheiro. Pro comércio principalmente né, pelo menos pro comércio traz bastante coisa. Pros moradores não, para a gente até é pior porque tudo é caro, a gente paga o valor que o turista vem pagar que eles vendem para gente como eles vendem para turista”.

A expressão *preço para turista* representa que, para o morador, o turista é um indivíduo de condição sócio econômica superior. Em relação aos turistas, como decorrência da diferença de poder aquisitivo por eles presenciada, observa-se que os moradores possuem um sentimento de inferioridade, sentimento de exclusão social, que é fruto da falta de igualdade de oportunidades. Segundo a visão local, os turistas são mais ricos, mais bonitos, mais bem preparados, provenientes de cidades maiores e melhor estruturadas.

O fato de ser patrimônio da humanidade inclui Ouro Preto no rol de um conjunto mundial do acervo artístico, o que é entendido por Vitor, advogado, ouro-pretano e presidente de uma escola de samba, do seguinte modo:

“O orgulho do reconhecimento pela UNESCO por ser patrimônio, um orgulho muito grande para todos nós moradores, e melhor ainda: Ouro Preto foi a primeira cidade brasileira a ter reconhecimento mundialmente (...). Então para a gente é um orgulho muito grande, e a gente se sente muito feliz por esse reconhecimento. Não sei se esse reconhecimento também consegue atrair mais divisas para o município aqui em termos financeiros; mas de qualquer sorte é muito válido. É muito válido pelo conjunto arquitetônico barroco”.

Apesar de Vitor ressaltar o orgulho de morar em uma cidade patrimônio, não desconsidera o ônus que as interdições para a manutenção do estilo patrimônio¹²⁶ representa para o cotidiano da população local.

Artur, ex-presidente da Escola de samba Inconfidência Mineira, relata:

¹²⁶ Ver Motta, Lia 1987.

“As pessoas não são chamadas nem procuradas, para que relatem o que acham de Ouro Preto, o que é Ouro Preto para você, o que já viu de bom em Ouro Preto, se gosta da história de Ouro Preto, a maioria das pessoas, a maioria de Ouro Preto fala que “Ouro Preto é feio demais”, “Ouro Preto é bonito na TV”, quando passa a imagem na TV é colorida né. “Ouro Preto é bonita na TV”. Mas não é. Que também as pessoas perdem o estímulo de ser moradores, perde aquele vínculo de moradores, e acham que quem vem de fora se dá melhor. Agora a gente vê uma certa culpa em certos órgãos, alguns órgãos que a gente vê. Não quer dizer que as pessoas não mereçam trabalhar dentro da cidade da gente, mas eu acho que tem muita coisa que pode ser dada na mão de gente daqui; não tem necessidade de trazer de fora. Então eu acho que dentro de toda comunidade tem os inteligentes, os menos inteligentes e os menos inteligentes ainda. Então quer dizer, dentro dos menos inteligentes, vamos procurar aqueles que servem para alguma coisa, vamos colocar, dar oportunidade. Falta dar oportunidade aos moradores. Normalmente o ouro-pretano não tem muita oportunidade”.

Anete, artesã, reforça:

“Uma pessoa que trabalha aqui ganha um salário mínimo e o meio de transporte super caro, alimentação, as escolas. Você vê: nós temos aqui duas escolas: a Universidade e a escola técnica. Os de fora tem mais acesso. O ensino: o nosso ensino é péssimo, os nossos professores muitas vezes são os estudantes que procuram bicos, que estão ali e eles não estão nem aí. Então os nossos filhos são mal formados porque nós não temos condições de pagar uma escola particular. Então quando eles vão competir com pessoal de fora, acabam sempre ficando para trás.”

Paulina, professora, concorda em parte com essa afirmação de falta de oportunidade, porém aponta para a falta de iniciativa da população e explica:

“As melhores casas são utilizadas para repúblicas, estudantes de fora, então tudo isso. E cria-se uma espécie de recalque, um... porque a discriminação começa pelo próprio discriminado que se discrimina, não se impõe. Porque se o povo se impusesse... mas acho que nem tem coragem”.

Contudo a metáfora não se aplica somente à exclusão dos moradores. Também é uma crítica quanto ao que é direito ou privilégio. Marconi, presidente do bloco Bandalheira, critica a questão das verbas reivindicadas pelas escolas de samba. Acha que muitos moradores querem que a prefeitura seja uma mãe para eles. Nesse sentido, ele concorda com Silvana, do IPHAN, que pensa que exigir que o Estado faça tudo pelos cidadãos é uma posição muito confortável.

Durante o Carnaval as repúblicas fazem um pacote turístico que engloba: cerveja à vontade, hospedagem, café da manhã e uma refeição, o caldinho. Concorrem com os hotéis e pousadas, ao mesmo tempo em que ampliam a oferta de vagas para o Carnaval. Devido a isso, os estudantes são responsabilizados pelo aumento do fluxo de turistas, os quais superlotam a cidade. Uma superlotação que ocasiona excesso de lixo, falta de água, bêbados descontrolados e assaltos que geram uma população incomodada e temerosa em relação à segurança pessoal e ao vandalismo.

A população local vê como outro fator de exclusão social o fato de as vagas da UFOP serem preenchidas em sua maior parte por estudantes de outras cidades. Além disto, critica as repúblicas ou residências dos estudantes que funcionam em casa que são propriedade da Universidade Federal de Ouro Preto localizadas no centro histórico e pelas quais os estudantes de fora quase nada pagam. Geralmente, apenas o consumo de energia elétrica e a alimentação.

Perguntado sobre os estudantes, um carnavalesco respondeu:

“Os alunos que vem de fora, além dos pais bancar, eles têm os melhores empregos, eles têm casa, comida praticamente de graça”.

Interpretando os roteiros turísticos sobre Ouro Preto

As questões aqui trabalhadas procuram verificar e analisar de que modo a propaganda turística oficial constrói a cidade com uma série de significados.

Ao espaço ouro-pretano são atribuídos vários símbolos e imagens, em torno dos quais se constroem vários discursos que procuram e pretendem caracterizar e classificar o chamado *acervo nacional*. O conjunto do patrimônio é formado por monumentos civis e

religiosos, museus, chafarizes, e bens móveis, sobretudo esculturas e ornamentos religiosos, os quais representam as encenações e os cenários de memórias e histórias que pretendem apresentar as raízes e as tradições brasileiras.

Soma-se a isso a inclusão oficial, pela UNESCO, de Ouro Preto (e desse modo, do Brasil) no rol de patrimônio da humanidade – parte integrante de um pretense acervo comum aos povos. Por intermédio das artes se compõe um repertório comum, considerando-se aí um quadro de totalidade que pode ser conhecido e compartilhado por meio do turismo.

Encaro essa atividade não apenas como lazer, mas como um meio privilegiado de colocar em contato diferentes pessoas com diferentes culturas; e de importância estratégica para a construção simbólica nacional e para a leitura dos conflitos. Como uma lente de aumento, não tão nítida quanto o ritual, a análise do turismo permite articular o que muitas vezes se torna opaco no que se refere à estrutura social e à invenção de tradições.

No caso de Ouro Preto, antiga capital de Minas Gerais, a mudança para Belo Horizonte significou uma perda de sua identidade como cidade. O fato de tornar-se patrimônio surgiu como uma nova identificação e o turismo como um mecanismo incentivador de sua divulgação e elevação de seu status. Antes, capital. Agora, patrimônio nacional. Com sua elevação, uma série de disputas emergiu. Os embates giraram em torno de quem possuía maior legitimidade para ficar responsável por sua conservação, pelo restauro e catalogação dos bens, envolvendo as disputas entre os sujeitos implicados – sobretudo as Instituições destacando-se as polêmicas trocadas na imprensa nacional entre o Instituto Histórico de Ouro Preto e o próprio SPHAN – e

também em relação aos critérios orientadores do tombamento. Pertencer ao patrimônio nacional propiciou também um meio de crescimento econômico para Ouro Preto, uma vez que a cidade foi imbuída de vocação turística.

A cidade de Ouro Preto foi integrada ao circuito turístico em outro momento da história política – o golpe militar de 1964. Intensificou-se então a teatralização do patrimônio, com a vinculação das chamadas cidades históricas à rota turística, sobretudo a partir de 1966 com a criação da Embratur¹²⁷.

Antes de analisar as construções feitas a respeito de Ouro Preto, vale a pena mencionar uma conversa informal com Anita, proprietária de uma agência de turismo (que também é guia de turismo credenciada pela Embratur) e revelou os detalhes da venda de seus pacotes turísticos para Ouro Preto. Anita iniciou a conversa apresentando as vantagens de se conhecer a cidade. A primeira delas: trata-se de uma cidade histórica, é parte de nossa história. Salientou que a preferência do público é dirigida para as praias, reclamando que *os brasileiros não querem saber de misturar lazer e cultura*. Protestou que *isso é uma falta de conscientização pela nossa história*. No decorrer da conversa, ela confidencia: *Mas sabe? Eu particularmente não gosto de Ouro Preto porque é muito museu, é muita coisa velha e não tem quase espaço aberto; o ar lá é muito pesado, muita igreja, muita ladeira, é um sobe e desce que não acaba*. Essa fala torna-se interessante na medida em que mostra que é possível relativizar o conceito generalizado de que todos

¹²⁷ O Decreto-lei nº 55 de novembro de 1966 criou organismos básicos à implementação do turismo no Brasil – como a Embratur e o Conselho Nacional de Turismo. Esse decreto definia claramente o papel do Governo “Normativo, disciplinador e coordenador das atividades turísticas no país, cabendo à iniciativa privada a função propriamente empresarial e executiva”. Além disso, o primeiro encontro regional de turismo do circuito histórico de Minas Gerais - realizado em Ouro Preto em 1969 -, por meio dos discursos proferidos deixou claro que o poder oficial pretendia vincular o turismo a uma pedagogia do que seria o nacional. O incentivo ao turismo nas cidades históricas era entendido como um ato patriótico, já que representava a divulgação da história nacional. Conferir arquivo IPHAN. Rio de Janeiro: série arquivo técnico administrativo do IPHAN pasta A – 19.

que visitam Ouro Preto gostam da cidade além de apontar para outros sentidos sobre ela: a “*Meca da Nacionalidade*” pretendida por Vargas.

Apesar do desabafo da guia, as propagandas turísticas revelam o que faz Ouro Preto histórica. Detenho-me sobre as conexões estabelecidas em torno da história de Ouro Preto e os seus personagens e momentos. Na análise dos roteiros e circuitos turísticos apresentados em suas várias formas: vídeos¹²⁸, passeios virtuais às páginas da Internet¹²⁹ entre outras, revelam-se os elos e encadeamentos a que estão submetidos os bens, os monumentos, os personagens e a história da cidade.

“Descobrir Ouro Preto é caminhar vagarosamente por suas ladeiras íngremes, subir aos pontos privilegiados das serras que abrem cenários mágicos ao espectador. É a certeza de que visitar a cidade é apenas o começo de uma nova história, uma história de amor entre você e uma obra de arte que pertence a cada ser humano, porque é um patrimônio de toda humanidade”¹³⁰.

A tônica da apresentação de Ouro Preto é aquela de uma cidade com uma paisagem tal qual uma obra artística, matizada pelas cores dos artistas plásticos; materializada em formas suntuosas e expressivas pelas mãos hábeis de escultores e arquitetos e narrada liricamente nos versos de poetas e literatos. São gerações de intelectuais empenhados na preservação dessa cidade, preocupados em oferecer às gerações futuras de toda a humanidade a chance de apreciar uma riqueza erudita que a cidade patrimônio comporta:

“Olhar do mirante: Ouro Preto revela-se como um quadro, guarda no tempo o lamento daqueles que deram uma identidade política à nação. Heróis da luta pela independência que tinham na liberdade uma das convicções mais fortes. Encravada nas

¹²⁸ A análise considerou os seguintes vídeos vendidos nas lojas de presentes e produtos típicos em Ouro Preto: “Ouro Preto turística”; “Ouro Preto uma viagem no tempo” e “Ouro Preto, 300 anos”.

¹²⁹ As homepages visitadas foram: sobre os museus da cidade, sites: EMBRATUR, Ministério da Fazenda, IPHAN, Universidade Federal de Ouro Preto.

¹³⁰ Narração do Vídeo “Ouro Preto uma viagem no tempo”. Para este trabalho privilegiei a análise das narrativas e não das imagens, que requereriam uma metodologia própria, mantenho apenas a narrativa entendendo-as como diferentes versões da história da cidade.

montanhas de Minas Gerais, fascina pelo inusitado, pela diferença, pela história que carrega. A geografia da cidade mostra um urbano ambíguo, ao mesmo tempo em que revela, oculta. Caminhar sobre as pedras de Ouro Preto é desvendar mistérios. Cada rua é uma ladeira que desce em direção ao passado, janelas que guardam segredos que o tempo não quer revelar. A cidade em si é uma obra de arte"¹³¹.

A história da cidade tem seu início atrelado às descobertas do ouro e à ação dos bandeirantes em sua busca por novas áreas de exploração: *"Vindos de Sabará ou de São Paulo a razão era a mesma: a procura do ouro. O herói brasileiro desvenda os mistérios do interior do Brasil. Entre eles um dos mais procurados era o do Itacolomi, a pedra mãe e o menino, sob o qual estaria um veio de ouro inesgotável"¹³².*

As imagens dos vídeos turísticos mostram uma serra com florestas e, sob as árvores, escondidos da visão do espectador os bandeirantes subindo e descendo os caminhos verdes à procura de riachos auríferos. Um destes aventureiros audazes, intrépidos e vitoriosos, é o bandeirante Antônio Dias que vem acompanhado de um padre. *"Todos estão acampados. E na manhã do dia 24 de junho de 1698, festa de São João, a bruma desaparece como por encanto, e lá está o marco, a baliza de pedra que anuncia o ouro preto. O Padre João Faria Fialho, integrante da bandeira, celebra a primeira missa sob o sinal da cruz. É aqui que nasce uma cidade que vai ser admirada pelo mundo inteiro"¹³³.* Assim reza a lenda do surgimento de Ouro Preto, sob o signo do ouro e das bênçãos divinas. A cidade já nasce sob a égide da igreja católica representada por Padre Faria e pela primeira missa rezada no arraial.

Com o passar dos anos, os arraiais mineradores irão se constituir em povoados e em focos de rebelião e cobiça. Afinal trata-se do mineral *"mais cobiçado por todo o*

¹³¹ Narração do Vídeo "Ouro Preto turística".

¹³² Narração do Vídeo "Ouro Preto 300 anos".

¹³³ Narração do Vídeo "Ouro Preto 300 anos".

*mundo*¹³⁴. Em meio ao descontentamento e à profusão de boatos, surgem as reclamações e as ameaças de levantes contra a cobrança de impostos. A Coroa toma providências:

“Para acabar com a revolta, as tropas acabam prendendo Felipe dos Santos na praça da matriz de cachoeira do Campo. Na praça principal de Vila Rica ele é arrastado por quatro cavalos para servir de exemplo para todos que se levantassem contra as ordens do rei.

*O governo de Portugal se preocupa com tanta efervescência. É preciso organizar a aventura, aplacar e impor a ordem colonial. O governador Antônio de Albuquerque cria a Vila Rica em 1711, reunindo todos os povoados de Ouro Preto, (...). Vila Rica ergue palácios para abrigar os governantes e seus ricos governados*¹³⁵.

E assim registra-se um episódio doloroso da história do Brasil, na cidade que se rebela contra as injustiças e onde os ideais de liberdade vão sendo aprimorados juntamente com tudo o mais na cidade: arte, erudição e religiosidade.

Mudando do guia turístico é possível um passeio virtual navegando pela internet.

Uma homepage sobre Ouro Preto apresenta como a religiosidade de um povo é descrita:

“O ouro parecia inesgotável, mas o fisco é abusivo. Por ordem do Rei, a sociedade se organizava em Irmandades religiosas que construíam suas igrejas. A Igreja Nossa Senhora do Carmo é construída para receber a nobreza de Vila Rica. O arquiteto que construiu a Igreja de São Francisco de Assis foi contratado pela Irmandade de São Francisco de Assis. Duas igrejas têm missão especial sobre as outras. São as Matrizes de Nossa Senhora do Pilar e a de Nossa Senhora da Conceição, em Antônio Dias”.

Mais que os significados da religiosidade e as relações sociais, as igrejas são parte do acervo arquitetônico e, portanto, artístico da cidade. Os textos enfatizam as obras de arte, a materialidade e não as relações entre pessoas que atribuem diferentes sentidos à sua experiência nos aspectos simbólicos dessa religiosidade.

¹³⁴ Narração do Vídeo "Ouro Preto 300 anos".

¹³⁵ Narração do Vídeo "Ouro Preto uma viagem no tempo".

Continuando a visita virtual neste tema, segue-se o elenco dos oratórios, Passos da Paixão, igrejas e capelas de Ouro Preto¹³⁶.

Os Passos da Paixão são "*pequenas capelas*" onde pára a procissão do Encontro no Domingo de Ramos, para cantos litúrgicos e orações. É o único dia do ano em que ficam abertas¹³⁷.

A "*religiosidade do povo de Ouro Preto*" é representada pelos cenários católicos do culto religioso. Não só as missas, mas também as celebrações das procissões da Semana Santa. Outro enfoque dos apresentadores turísticos, além da "*religiosidade do povo de Ouro Preto*" inscrita na arquitetura religiosa é o do acervo artístico dos grandes artistas de Ouro Preto, sobretudo Aleijadinho e Ataíde¹³⁸.

¹³⁶ Os oratórios públicos comuns na era colonial, quase sempre construídos em prédios particulares de esquina para exorcizarem fantasmas. Atualmente restam apenas dois: Bom Despacho, localizado na rua Bernardo Vasconcelos, e Santa Cruz, localizado na rua Barão de Ouro Branco.

¹³⁷ São eles: Passo do Pretório, Antônio Dias; Passo da Cruz às Costas; praça Tiradentes; Passo da Coroação de Espinhos, rua São José; Passo da Flagelação, rua Getúlio Vargas; Passo da Verônica, ponte seca. Quanto as capelinhas são: Capelinha do Bom Jesus da Pedra Fria, Cabeças; Capelinha de Santa Cruz, Alto da Cruz; Capelinha de Nossa Senhora das Necessidades, Padre Faria; Capelinha da Cruz, Morro de Sant'ana e Capelinha da Cruz das Almas, Rosário

¹³⁸ São elas: **"Igreja de São Francisco de Assis**, construção iniciada em 1766, pela Ordem Terceira de São Francisco de Assis, a primeira ordem criada em Ouro Preto. Obra-prima de Aleijadinho, que assina o projeto e o risco da portada. Pinturas de Manuel da Costa Ataíde; **Matriz de Nossa Senhora do Pilar**, erguida em torno da capela dos primeiros anos do século XVII, sob invocação de Nossa Senhora do Pilar. Inaugurada em 1733, apesar de não estar concluída. Planta atribuída ao arquiteto Pedro Gomes Chaves. Em sua construção são gastos 400kg de ouro para recobrir a talha dos altares. O mestre português Francisco Xavier de Brito inaugura o estilo Dom João V, no altar-mor. Um festival barroco, chamado "Triunfo Eucarístico", registra o entusiasmo de Vila Rica com a conclusão da nova matriz. Os portugueses se concentram ao lado do Pilar. Do outro lado da cidade, a capela do bandeirante Antônio Dias se transforma na imponente Matriz de Nossa Senhora da Conceição, arquitetada pelo mestre Manuel Francisco Lisboa, pai de Aleijadinho; **Igreja das Mercês e Perdões (Mercês de Baixo)**: construção concluída em 1772. Reconstruída em meados do séc. XIX. Risco da primitiva capela-mor de Aleijadinho; **Igreja de Santa Ifigênia (Nossa Senhora dos Pretos do Alto da Cruz)**: construção datada de 1720 a 1785. Diz a lenda que foi erigida por Chico Rei e sua tribo com o ouro tirado da mina da Encardideira. Talha de Francisco Lisboa; **Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias**: construção iniciada em 1727 e concluída em 1746, onde existia a capela de Nossa Senhora da Conceição construída por Antônio Dias, em 1699. Projeto e construção de Manuel Francisco Lisboa, pai do Aleijadinho, ambos ali sepultados; **Igreja do senhor Bom Jesus de Matozinhos (São Miguel e Almas)**: de livro aberto e rubricado por Tomaz Antônio Gonzaga em 1785, sabe-se que a capela era dedicada aos Santíssimos Corações de Jesus, Maria, José, Senhor dos Matosinhos e São Miguel e Almas. Portada de Aleijadinho e pinturas de Ataíde; **Igreja de Nossa Senhora do Rosário**: a igreja substituiu a antiga capela, datada de 1709, na qual, de 1731 a 1733, esteve guardado o Santíssimo Sacramento da Paróquia, quando na construção da Matriz de Nossa Senhora do Pilar. O traçado circular é ponto alto na arquitetura barroca mineira. Autoria da planta em ovais

Compondo a questão da *religiosidade*, cada igreja possui a sua própria Irmandade, responsável pela guarda, limpeza e festas religiosas. Eis a sua história narrada:

"O rei de Portugal manda que toda a sociedade se organize em Irmandades religiosas, brancos nascidos no reino, brancos nascidos na colônia, pardos, negros escravos e negros livres criam essas associações que devem construir suas Igrejas e cemitérios e compartimentar as vertentes sociais. Cada Irmandade quer mostrar o seu poder e o seu prestígio. A Irmandade de São Francisco de Assis chama em 1766 o jovem talento para projetar sua Igreja: é Antônio Francisco Lisboa, filho do arquiteto Manuel Francisco Lisboa, português, e de uma escrava. O gênio de Antônio Francisco vai ser reconhecido nos quatro cantos da capitania das Minas tal como está hoje consagrado em todo o mundo. Se o pai é o autor do Carmo, uma Igreja elegante e imponente que recebe a nobreza de Vila Rica, o filho vai criar uma obra ainda mais impressionante, a sua obra prima como arquiteto e escultor: São Francisco de Assis marca o estilo rococó que se desenvolve na segunda metade do séc. XVIII, mais que isso: consagra o estilo Aleijadinho, a expressão singular do maior artista brasileiro no período colonial"¹³⁹.

Se as igrejas revelam um dos cenários desse palco que é Ouro Preto, os museus revelam outra esfera: representam a história e seus personagens. Afinal, quem passeia *"por Ouro Preto leva a cidade na memória, neste lugar grandes capítulos da história brasileira foram encenados"¹⁴⁰*. A ligação do passado com o presente é assim atestada por moradores que carregam a herança de vigor e garra dos bandeirantes: *"Com o passar do tempo, a garra dos bandeirantes se perpetuou na força e na bravura de quem povoa as ruas de Ouro Preto"¹⁴¹*.

intersecantes desconhecida. Risco do frontispício e da empena atribuído a Manuel Francisco de Araújo; **Igreja de São Francisco de Paula**: construída de 1804 a 1898. Trata-se da construção mais recente de Ouro Preto, cujo projeto, de autoria do sargento-mor Francisco Machado da Cruz, manteve-se praticamente inalterado quando de sua conclusão. Vista panorâmica da cidade; Igreja de São José: começou a ser construída após 1752, só sendo concluída após 1811. Substitui a primitiva capela de 1730. O risco do retábulo da capela-mor e da torre são de Aleijadinho, que foi juiz da Irmandade; **Igreja de Nossa Senhora do Carmo**: construção de 1766. Projeto de Manuel Francisco Lisboa, posteriormente modificada por Antônio Francisco Lisboa. Antes de 1766, existia uma capelinha erigida pelos devotos de Santa Quitéria; **Igreja das Mercês e Misericórdia (Mercês de Cima)**: construção iniciada em 1733 em substituição à que existia no mesmo local. Quando concluída, teve a fachada modificada para dar lugar à torre central, de autoria do mestre Manuel Francisco de Araújo".

¹³⁹ Narração do Vídeo "Ouro Preto uma viagem no tempo".

¹⁴⁰ Narração do Vídeo "Ouro Preto turística".

¹⁴¹ Narração do Vídeo "Ouro Preto 300 anos".

Entre os museus e a religiosidade, um deles tem a mistura de ambas as características: o museu do Oratório. Localizado no antigo sobrado do Noviciado do Carmo, sua construção também acompanha o acervo, é parte da representação típica mineira, sua história:

"O prédio onde hoje funciona o Museu do Oratório é um dos mais significativos edifícios da Ouro Preto setecentista. Situado ao centro da antiga Vila Rica, destaca-se por sua implantação e arquitetura, compondo o significativo conjunto do Carmo. Situa-se ao lado da antiga Casa de Câmara e Cadeia, atual Museu da Inconfidência, destacando-se no sítio elevado, por sua própria imponência visual. A construção do sobrado, da casa térrea e do cemitério são contemporâneas à edificação da Igreja datando de meados do séc. XVIII. A decisão de se erguer uma casa que abrigasse as funções e servisse de guarda de móveis, objetos sacros e documentos da Irmandade do Carmo ocorre a 4 de novembro de 1753.

*Quase inexistente, a documentação sobre a edificação é restrita. Segundo Rodrigo Bretas, o primeiro biógrafo de Antônio Francisco Lisboa - o Aleijadinho, a antiga casa do Noviciado teria sido provisoriamente a residência do famoso escultor e arquiteto, enquanto este trabalhava em obras da Igreja do Carmo. A edificação é, assim, tradicionalmente chamada de Casa do Aleijadinho. (...)"*¹⁴²

São vários os tipos de oratórios que o museu guarda: Oratórios Populares Domésticos: de salão e alcova, sem decoração, de salão decorado; Oratórios Itinerantes ou de Viagem: de algibeira ou de viagem miniatura, bala; Oratórios Afro-Brasileiros; Oratórios Ermidas; Oratórios Conchas; Oratórios Lapinhas; Oratórios de Convento¹⁴³.

Além da guarda do passado, delimitando os fatos pertinentes que o atestam e o representam, eis a tarefa dos monumentos e dos museus. *"Os museus são as portas de*

¹⁴² Narração do Vídeo "Ouro Preto uma viagem no tempo". Os oratórios são, nas palavras de seus narradores: "pequenos retábulos de uso particular, os oratórios têm sua origem nos primórdios da Idade Média. De início, a capela concebida para o rei dotado de dons religiosos é o local adequado a reflexões e orações. Ao longo do tempo, essas capelas evoluem para o uso particular passando a ser freqüentadas por associações religiosas leigas.

¹⁴³ O endereço desse site é www.oratorio.com.br. A coleção foi doado por Ângela Gutierrez, e esse museu destaca-se dos demais de Ouro Preto por ser considerado pelos turistas como sendo de 1º mundo, isso porque possui um sistema de circuito fechado e explicações detalhadas ao lado da coleção exposta. Também fornece para a venda uma série de souvenirs e lembranças do museus, desde camisetas, bottons e outros objetos com a marca do museu. Esse site possui os créditos de seus organizadores, ficando a pesquisa histórica a cargo de Cristina Ávila.

*entrada para relembrar o fascínio de nossa história*¹⁴⁴. Dois se destacam: a Casa dos Contos e o museu da Inconfidência¹⁴⁵ cujas edificações também são apresentadas como um exemplar do típico mineiro: *"O barroco é uma miragem e o visitante testemunha"*¹⁴⁶.

O site do Ministério da Fazenda¹⁴⁷ possui uma *homepage* que apresenta um ícone sobre museus virtuais no qual figura a Casa dos Contos. Apresentada como um dos *"mais belos prédios pertencentes ao Ministério da Fazenda"*, cujo objetivo principal é *"preservar a memória fazendária de nosso País"*.

Ambos, o Museu da Inconfidência e a Casa dos Contos, possuem um acervo que pretende revelar a história representada pelos bens e pelo imóvel a serem visitados, com sua própria história. Tanto o prédio quanto o museu:

*"O Museu da inconfidência está instalado na antiga Câmara e Cadeia. O projeto inicial é de Luís da Cunha Menezes. Seu estilo neoclássico é sobreposto aos elementos do rococó que misturam colunas clássicas com pilares e ainda figuras representativas. No térreo as características do espírito barroco. As largas paredes de pedra reforçam a estrutura e guardam rico acervo histórico e artístico."*¹⁴⁸.

Entre o acervo destacam-se: *"a sentença proferida contra o cabeça da Inconfidência, o réu Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes"*¹⁴⁹. Neste museu uma sala é dedicada à memória e culto aos heróis inconfidentes e duas de suas mulheres que

¹⁴⁴ Narração do Vídeo "Ouro Preto uma viagem no tempo".

¹⁴⁵ O primeiro tem a seguinte história contada: "O edifício da Casa dos Contos é considerado um dos mais belos exemplares da arquitetura civil colonial brasileira. O prédio foi construído originalmente para servir de residência do administrador de impostos da capitania de Minas Gerais. Era em seu interior que o ouro encontrado nas minas era fundido e calculados os impostos a serem cobrados para a Coroa portuguesa. Depois que o movimento da Inconfidência Mineira foi descoberto, alguns aposentos foram transformados em prisão. Neste local, morreu o intelectual, advogado, poeta e inconfidente Cláudio Manoel da Costa. A casa abrigou na época, grande número de escravos negros. Do seu pátio interno pode-se ver a audácia do projeto arquitetônico. Totalmente restaurado, o edifício abriga hoje o Centro de Estudos do Ciclo do Ouro, sala de exposições e uma agência da receita federal brasileira.

¹⁴⁶ Narração do Vídeo "Ouro Preto turística".

¹⁴⁷ Endereço da homepage <http://www.esaf.fazenda.gov.br/>. Esta página também possui as versões inglês e francês. Oferece a história da Casa dos Contos, mapa e fotos da casa, horários de visitação e funcionamento das bibliotecas.

¹⁴⁸ Narração do Vídeo "Ouro Preto 300 anos".

¹⁴⁹ Narração do Vídeo "Ouro Preto 300 anos".

têm destaque nesta história, Marília e Bárbara Eliodora. Trata-se do "*solene panteão da Inconfidência feito em homenagem a Tiradentes, os restos mortais de seus companheiros estão depositadas aqui*"¹⁵⁰. Os inconfidentes são apresentados como companheiros nessa história contada aos turistas e também são elementos constitutivos da memória nacional oficial.

Esse museu também está virtualmente na rede para quem quiser conhecê-lo¹⁵¹. Esta *homepage* sugere um passeio e apresentação de Ouro Preto por meio de uma seleção de fotos não só de monumentos e chafarizes. Também destina um espaço aos personagens *ilustres* e suas obras, e referências a eventos consagrados: Aleijadinho, Mestre Ataíde, Inconfidência Mineira, Inconfidentes. Apresenta, ainda, serviços para o turista: hotéis e pousadas, agências bancárias, acesso a Ouro Preto.

O repatriamento dos restos mortais dos que morreram em solo africano, em 1936, objetivava a criação em Ouro Preto, atual nome de Vila Rica, o panteão dos heróis da independência. Desse projeto, nasceu o **Museu da Inconfidência**, com o objetivo de documentar, pesquisar e preservar a memória deste evento histórico, hoje convertido em símbolo de liberdade e de emancipação nacional¹⁵².

¹⁵⁰ Narração do Vídeo "Ouro Preto 300 anos".

¹⁵¹ Este site tem o endereço: www.em.ufop.br/op/. Essa página é de autoria do Laboratório de Computação Científica do DECIV e constitui uma *homepage* da Escola de Minas da UFOP. Também possui uma versão em inglês. Não são todas as páginas aqui analisadas que apresentam os seus produtores, sempre que for o caso será devidamente indicado.

¹⁵² Com sede na antiga Casa da Câmara e Cadeia de Vila Rica, uma das mais belas construções do período colonial, o Museu da Inconfidência constitui, além do mais, um vasto repositório de peças que testemunham a evolução social que tornou possível o movimento de 1789. São objetos relacionados com meio de transporte, sistemas de iluminação, processos de construção civil, equipamentos de casa, culto religioso, hábitos de higiene, decoração, mobiliário doméstico, sacro e de uso público, arte religioso, artesanato, armaria. O arquivo histórico, acervo de cerca de 4000 documentos, além de peças relacionadas com a Inconfidência Mineira e seus protagonistas, apresenta processos que tiveram curso na justiça de Ouro Preto, partituras musicais, recibos que comprovam a autoria de obras de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho - o mais ilustre arquiteto do período - atos da Câmara Municipal, arquivo pessoal de um senador do Império, etc. a biblioteca possui, entre inúmeras obras raras, um total de 17000 volumes.

Uma leitura dessa história apresentada no site merece ser esmiuçada: não só a *"independência brasileira surgiu em Vila Rica"* mas foi motivada pela *"situação de injustiça causada pela exploração de ouro na região"*. Os ideais de liberdade, igualdade, fraternidade, expressos na Revolução Francesa, uma das fontes da qual os inconfidentes beberam, foram por estes transplantados para a Colônia. A tão propagada liberdade frente à opressão decorrente do ouro, deve ser relativizada ao máximo. Tratava-se muito mais da opressão que os *"notáveis"* sofriam frente ao fisco do que de ideais de alcance universal.

Discorre, ainda, sobre o panteão dos inconfidentes como um reconhecimento da nação brasileira, representada pelo seu então presidente Getúlio Vargas, aos *"mentores do espírito nacional"*. Os notáveis, que eram os inconfidentes, tem o registro de seus feitos e de sua memória resguardados e representados no museu da Inconfidência através de documentos e dos seus *"restos mortais"*. Informa que o acervo do museu também pretende representar a história do Brasil através da cultura material: os móveis, utensílios que são mostras de uma pretensa *"evolução social que tornou possível o movimento de 1789"*. E apresenta a Inconfidência Mineira propiciando a Independência, dos Impérios até a República do Brasil.

As propagandas turísticas ressalta que, entre as ladeiras e os museus, o turista também observa os chafarizes pelo caminho que compõe outro traço típico das ruas de Ouro Preto e que faz parte do desenho de seu cenário colaborando na sua configuração.

"Dentre as peculiaridades que tornam Ouro Preto uma cidade sui generis, merecem menção especial os inúmeros chafarizes que se espalham ao longo de suas tortuosas ruas e praças, ainda intactos ou já em ruínas. São todos de cantaria, alguns exibindo curiosas carrancas ou expressivas inscrições em latim. Foram construídos desde os primórdios de Vila Rica até o final do século passado. Sua origem se deve às dificuldades de abastecimento de água na cidade. No passado, raras eram as casas

dotadas de água corrente. Os empregados domésticos de encarregavam de suprir as necessidades, transportando o precioso líquido em seus ancarotes ou em tinas. Em tais ocasiões, geralmente nas primeiras horas do dia, aproveitavam o ensejo para revelarem intimidades de seus patrões e de seus familiares!"¹⁵³

A arquitetura e seus vários ornamentos não se referem apenas à religiosidade, à história cultural e seus personagens guardados em museus, mas à própria natureza de Ouro Preto que tem seu espaço garantido no meio turístico. Os atrativos naturais completam o quadro turístico incluindo até mesmo o ecológico:

"além do Centro Histórico, hoje portador do título de Patrimônio Cultural da Humanidade, concedido pela UNESCO, Ouro Preto, envolvida por montanhas rochosas de beleza ímpar, encerra, em seus arredores e distritos, paisagens que deslumbram todos quantos têm o privilégio de fazer-lhes uma visita, ainda que breve! Façamos a seguir uma sucinta descrição de alguns desses locais.

Parque Municipal da Cachoeira das Andorinhas: *trata-se de uma área rica em formações rochosas de rara beleza, destacando-se, como curiosidade, a "cabeça do jacaré". O nome do local se deve ao fato de que, no verão, um grande número de andorinhões-de-coleira migram para a região. A água, límpida e cristalina, flui entre rochas lentamente erodidas ao longo do tempo, em uma formação que se assemelha a uma gruta. No entorno das sucessivas quedas, encontram-se pequenos remansos propícios a um banho para aqueles que se dispuserem à submissão a temperaturas geralmente baixas.*

Parque Estadual do Itacolomi: *situa-se na serra do Itacolomi, entre Ouro Preto e Mariana. Ampla vegetação, com predominância de candeias. No fundo dos vales, extensões da Mata Atlântica. O sistema hídrico constitui-se de inúmeros riachos que se somam e colaboram na formação caudal do Rio Doce. Situa-se no Parque a Represa do Custódio, com cerca de 3 km de extensão e 20m de profundidade. A fauna, mau grado os maus tratos, ainda abriga espécies raras(...). Topograficamente, o destaque fica reservado para o Pico do Itacolomi, que na língua Tupi significa a pedra e o menino.*

Estação Ecológica do Tripuí¹⁵⁴: *situa-se no vale do Ribeirão Tripuí, onde se encontraram as primeiras pepitas de ouro. A estação foi implantada em 1978 para preservação do Peripatus Acacioi, um invertebrado raro, considerado um verdadeiro fóssil vivo. A fauna e a flora são ricas e variadas. Na região se encontram vestígios da antiga Estrada Real.¹⁵⁵*

¹⁵³ www.em.ufop.br/op/chafariz.htm

¹⁵⁴ A estação do Tripuí também possui um link especial com o seu histórico mais detalhado.

¹⁵⁵ Ao lado de cada informação são mostradas fotos ilustrativas de autoria de: Eng^o Alberto V. M. Matos e do fotógrafo Mauro Zallio. <http://www.em.ufop.br/op/>

Outra face dos atrativos naturais, revelados nos museus de mineralogia, mantém a atualização de um passado de extração. O que antes se referia ao ouro hoje é representado pelos minerais e pedras semipreciosas.

Tem-se uma seqüência teleológica do tempo, recupera-se o passado através do presente. A extração do ouro cede espaço para as pedras preciosas e semipreciosas vendidas nas lojas ou expostas no museu de mineralogia, localizado no prédio onde funcionava a Escola de Minas. *"As pedras preciosas são um capítulo à parte do roteiro da velha Vila Rica"*¹⁵⁶. O Museu, por sua vez, também resgata a erudição dos inconfindentes que estudaram em Coimbra, Paris e Montpellier. Esta escola das ciências naturais também tem sua própria história:

*"Na centenária Escola de Minas, o museu de mineralogia nos mostra os mais surpreendentes segredos do reino mineral. A escola possui ainda outros museus de ciência e tecnologia dedicadas a metalurgia, a história natural, a eletrotécnica e a astronomia"*¹⁵⁷. O museu fica localizado no prédio que era o antigo palácio dos Governadores:

*"Em 1898, quando a capital foi transferida para Belo Horizonte, o prédio passou a pertencer a Escola de Minas. Hoje é o Museu da Ciência e da Técnica da Universidade Federal de Ouro Preto. Ai está instalado o museu de mineralogia com uma coleção mineralógica considerada uma das melhores do mundo. São cerca de 20.000 peças minerais e originárias do pequeno número de amostras colecionadas pelo cientista Claude Henri Gorceix, o fundador da escola"*¹⁵⁸.

O acervo é formado por pedras e minerais escolhidos pela raridade. A homepage descreve assim as pedras: *"Único no mundo, o topázio imperial é encontrado somente me*

¹⁵⁶ Narração do Vídeo "Ouro Preto uma viagem no tempo".

¹⁵⁷ Narração do Vídeo "Ouro Preto uma viagem no tempo".

¹⁵⁸ Narração do Vídeo "Ouro Preto 300 anos".

*Ouro Preto : as cores amarela, rosa e vinho são sedutoras. As turmalinas rosas, vermelhas, ou nos 50 tons de verde fascinam. O berilo das águas marinhas encantam*¹⁵⁹.

Essa mesma Escola de Minas, hoje UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, é responsável por uma moderna Ouro Preto, ou seja, o tempo atual também carrega toda a bagagem de erudição e de arte e dos seus antepassados. Evoca-se Aleijadinho, Ataíde, Cláudio Manoel da Costa, Tomaz Antônio Gonzaga, artistas e intelectuais do tempo de outrora.

*"Cidade onde a atmosfera de estudo e liberdade despertam os talentos na moderna Ouro Preto de hoje. Os jovens, como nos tempos dos inconfidentes, buscam a compreensão e o amadurecimento. É Ouro Preto: onde o cosmopolitismo se mescla com o provinciano numa evolução de 300 anos de história"*¹⁶⁰.

A homepage que traz toda a informação anterior foi realizada pela Escola de Minas e também possui a versão de sua história: A Escola de Minas de Ouro Preto foi inaugurada em 12 de outubro de 1876. *"em muito pequena extensão de terreno pode-se acompanhar a série quase completa das rochas metamórficas que constituem grande parte do território brasileiro e todos os arredores da cidade se prestam a excursões mineralógicas proveitosas e interessantes"*. Assim era descrita a cidade de Ouro Preto pelo ilustre fundador da Escola, o cientista Claude Henri Gorceix, em relatório enviado ao Imperador Dom Pedro II.

A Universidade Federal de Ouro Preto, é presença marcante na vocação de cultura de Ouro Preto que não se refere apenas aos minerais, mas também: *"Cidade universitária, Ouro Preto manifesta através da Universidade Federal sua vocação para os estudos nas*

¹⁵⁹ Narração do Vídeo "Ouro Preto 300 anos".

¹⁶⁰ Narração do Vídeo "Ouro Preto 300 anos".

*áreas mineral e cultural. A Escola de Farmácia fundada em 1839 é o mais antigo estabelecimento do gênero na América Latina. Aqui se encontra o museu de farmácia*¹⁶¹.

A teleologia traçada pelas narrativas sempre retomam a vocação de extrativismo e erudição de Ouro Preto. O que era ouro se desdobrou em pedras e minerais e as obras artísticas e arquitetônicas, por sua vez, foram transportada para a formação universitária. Através da UFOP e de seu acervo se resgata e se representa a mineração do ouro. Seus personagens, inseridos nesse contexto áureo, têm nas histórias anteriormente citadas a articulação de vários significados entrelaçados, devido às rendas que o ouro possibilitou e aos financiamentos para execução das obras de arte.

Neste palco falta adentrar um personagem, sobre o qual reflete esta projeção simbólica e que ilustra outros sentidos e esferas desta cidade onde se beira a linha entre o mito e a história. Trata-se de Aleijadinho, o grande artífice da cidade que construiu, esculpiu e ornamentou Ouro Preto. Em contrapartida, a cidade, pelo seu conjunto, garantiu-lhe uma moldura à altura de suas obras. Os museus representam-no: ali, suas obras estão expostas e assim sua lembrança está garantida, sobretudo o aspecto dramático de sua vida – da saúde à doença. Os sofrimentos e a angústia a ele atribuídos por seus biógrafos, são lembrados nos traços de suas esculturas: *o santo vestido, o Cristo crucificado, as peças do presépio*. Essas peças encontram-se em exposição no museu da Inconfidência. Outro local que abriga obras de Aleijadinho é a igreja de Nossa Senhora da Conceição, igreja que nasceu dos riscos de seu próprio punho e onde seu corpo está sepultado. A obra em lugar de seu autor permite a presença constante do artista no local

¹⁶¹ Narração do Vídeo "Ouro Preto uma viagem no tempo".

em que ela se encontra. Mas a igreja que o consagra e à própria cidade é a de São Francisco de Assis.

As histórias sobre Aleijadinho¹⁶² representam-no dramaticamente; sua vida é a história do seu drama. Sua doença é enaltecida como o pior desafio a ser enfrentado por ele. Aleijadinho é um misto de artista e herói: artista porque seu talento foi notável e sobressaiu sobre todos os outros; herói pela quantidade de obras que produziu, por ser filho de escrava e por ter tido, ainda assim, tanto reconhecimento e pela bravura com que enfrentou a doença misteriosa que o acometeu¹⁶³. Apesar dela, continuou seu trabalho de artista; para poder executá-las sem as mãos, amarrava os instrumentos nos braços. A duras penas ia esculpindo a pedra-sabão – *material que ele mesmo descobriu*, segundo alguns de seus biógrafos.

A ênfase dos biógrafos de Aleijadinho não recai tanto sobre o fato de ter sido ele o descobridor da pedra-sabão, mas sobre tudo que ele criou com esse material: o herói de talento inigualável lapida a pedra-sabão e esculpe figuras que assombram pela expressividade. Aleijadinho é escultor de figuras que só faltam andar e falar. Arquiteto que revoluciona as concepções barrocas, elabora todo um conjunto que, somado, acaba por significar que foi ele o grande criador dessa Ouro Preto a quem o *mundo rende homenagens*.

¹⁶² www.ufop.br/op; www.vidaslusofonas.pt/aleijadinho.htm. A biografia é de autoria de Cristina Vaz..

¹⁶³ Em relação à doença de Aleijadinho foi travada uma polêmica na imprensa e foram escritos livros por diferentes autores que se contestam, cada qual pretendendo dar o diagnóstico final. Cito o fato pois a figura de Aleijadinho é um chamariz para o turismo a tal ponto que sua doença representada nos livros, é comercializada em alguns dos pontos turísticos da cidade, como por exemplo a igreja de Nossa Senhora da Conceição e a de São Francisco de Assis. As igrejas possuem na entrada uma banca de venda de livros sobre a cidade, nestas encontram-se biografias romanceadas e também um trabalho que pretende discutir qual a verdadeira doença de Aleijadinho. São eles: Barbosa, W. de Almeida, O Aleijadinho de Vila Rica. São Paulo: Itatiaia/Universidade de São Paulo; 1984; Jardim, M. O Aleijadinho: uma síntese histórica. Belo Horizonte: Stellarum; 1995; Barroso de Carvalho, G. Doenças e Mistérios do Mestre Aleijadinho. Belo Horizonte: Local; 1998.

Relicário da história, A cidade como obra de arte, Local no qual grandes capítulos da história foram encenados são frases-chave¹⁶⁴ das propagandas turísticas, que constroem o sentido de Ouro Preto como um espaço no qual a identidade nacional é territorializada. É um marco para vários significados que são atribuídos a essa comunidade imaginada, no seu sentido dado por Anderson (1989) constituindo uma referência que possibilita aos brasileiros e brasileiras se identificarem e conhecerem a sua cultura.

Os atrativos naturais, conforme as indicações turísticas, revelam significados que não se referem à ecologia e à preservação. A natureza, e principalmente a própria cidade resistem à ação do tempo, desde os minérios até os monumentos, o que resulta em mais um processo natural do que de políticas culturais e ambientais para a preservação.

O que se tem nessa terra de *bravos e intrépidos* bandeirantes é que até o Pico do Itacolomi foi transformado em um desses *valores* locais. A cidade, enquanto patrimônio, não é concebida como resultante de um processo social. A natureza foi investida de erudição, pois é apresentada como a moldura digna dessa cidade *obra de arte*, como a coroa que lhe cabe. A natureza dos parques e cachoeiras é outra obra de arte, só que natural.

A história da cidade e a sua historicidade são apresentadas como sendo resultado de um esforço de gerações de artistas para a construção dessa Ouro Preto artística por excelência. E o reconhecimento da UNESCO só foi consequência lógica excelência. Não apenas o talento do homem, a natureza privilegiada, os parques e as cachoeiras contribuem para a valorização da beleza da antiga Vila Rica, também o subsolo da cidade exerce influência como fonte das suas eternas riquezas.

¹⁶⁴ As frases e palavras destacadas em itálico são veiculadas nos vídeos citados.

O surgimento de Vila Rica foi propiciado pela descoberta do ouro, e a sua conseqüente fundação aparece de forma mítica. Assim, a descoberta do ouro não significou apenas que os bandeirantes o estivessem procurando. Ela apresentou a própria descoberta de Ouro Preto, novamente a teleologia da história.

Os roteiros turísticos apresentam a fundação dessa vila como se fosse um fato predestinado; com isso a história da cidade é remetida a um plano em que a temporalidade interpenetra passado e presente. Ou seja, o ouro aparece em um primeiro momento como o mote para a descoberta dada a extrema riqueza e abundância mineral, presente nas lendas sobre o Eldorado, mas acaba por repercutir como metáfora para a fecundidade de um espaço que une todas as dimensões: da natureza à erudição, da extração de minérios até os aspectos e faces dessa rica e fértil veia artística como atestam as obras de arte. O ouro encontrado na região atesta o valor áureo da Ouro Preto patrimônio.

As histórias apresentadas sobre esta Ouro Preto encontrada mostram seu descobrimento como um fato previsto, natural e óbvio, dada a teleologia: o passado sempre caminhou para o seu presente de cidade patrimônio, ou melhor, o presente é a única explicação lógica para o passado ter-se desenvolvido nas ações e nos eventos em que os personagens atuaram para que Ouro Preto se transformasse em patrimônio histórico e artístico nacional e da humanidade.

O patrimônio, ao ser apropriado como símbolo da nação através das propagandas turísticas e dos órgãos oficiais, incute um sentido de posse coletiva nacional no acesso à cidadania. Então, enquanto símbolo, o patrimônio permite várias leituras de seu

significado: para o poder oficial representa a história e a memória da nação, e para os moradores, significa algo arquitetado com finalidade turística.

Novamente Lílian, com uma leve ironia, é quem aponta pistas sobre o sentimento de posse coletiva em relação às obras artísticas: *“Todos se sentem filhos de Aleijadinho e Mestre Ataíde, todos se julgam grandes artistas. Ai quando se pergunta o que eles fazem, eles respondem: nada”*.

Não apenas os moradores se sentem aptos naturalmente a fazer obras de arte como também há uma discussão sobre o que é típico artesanato ouro-pretano ou não para o comércio turístico. Longe de procurar caracterizar qual é a produção artesanal de Ouro Preto, objetivo revelar conflitos e agenciamentos que têm ligação direta com o turismo.

Em frente à igreja São Francisco de Assis, um dos cartões-postais de Ouro Preto, há uma feira permanente de *artesanato* em pedra-sabão. Essa denominação, já é motivo de críticas por parte dos moradores e de outros artesãos locais. Alegam que estas peças vendidas *“são produzidas em série em uma fábrica perto da cidade”*. Informação de Cássio, proprietário de uma loja de artesanato. Para ele, o comércio deveria tomar maior cuidado e aumentar a qualidade dos produtos vendidos já que o turismo é fonte de renda para muitos moradores. Tais peças são de péssima qualidade o que acaba por repercutir em toda a produção vendida nas demais lojas.

Por outro lado, há aqueles turistas que querem comprar muitas lembranças com o menor custo possível e não estão preocupados com a qualidade do artesanato.

Segundo Silvana, do IPHAN, Ouro Preto vende artistas, mas não arte. Para ela, o fato de não haver nenhuma galeria de arte na cidade aponta para isso.

Laura, artista plástica e professora de artes plásticas, ressalta o que considera típico:

“Olha o ferro. O ferro poderia entrar nisso muito bem. Porque o ferro? Por causa das grades, das sacadas das casas e hoje em dia há uma tendência muito forte em misturar ferro e madeira. Estou falando mais de objetos mesmo, então o ferro poderia ser. Não tem esse trabalho. Ouro Preto têm umas dobradiças, essas dobradiças de armário, puxadores, fechaduras de porta, e tudo isso poderia ser muito trabalhado sabe? Candelabro de ferro, acho que isso é muito presente aqui em Ouro Preto. A madeira também poderia ser muito trabalhada nesse sentido porque realmente é muito bonito o mobiliário do século XVII e o cipó. O cipó tem na região de monte, sabe? E é muito pouco utilizado. O cipó e a taquara também, e têm muitos materiais que poderiam ser trabalhados além da pedra-sabão, é claro”.

Para ela, além da revalorização da arte local, deve-se atentar para a educação em seus vários sentidos.

“Educação eu vejo como o face a face sabe? Que o turista, além dele ser uma pessoa, um ser humano, é uma fonte que é o futuro, porque o minério (alumínio) vai se esgotar um dia como o ouro se esgotou e o turismo, eles (os moradores) vão depender disso. Eu falo isso porque eu escuto reclamação do turista, muitas vezes, perdido. Então eu acho que qualquer cidade turística tem que saber receber. Em relação ao meio-ambiente também eu acho que falta muito, nossos rios aqui ao redor estão muito sujos, muito poluídos, muito mercúrio por causa da extração de pedra, de ouro. Então tem assim muita coisa para trabalhar, nesse sentido de meio-ambiente, mas esse é o processo, demora”.

Sua fala novamente ilustra as várias implicações em relação ao turismo. Não apenas a educação, o comportamento e o respeito aos que vêm de fora e destes para com os moradores, mas também que este é um longo processo: o do aprendizado, do significado e da importância da atividade turística para a cidade. Potencial mal aproveitado para a maioria dos meus entrevistados, já que, para eles, não se trata apenas de proporcionar infra-estrutura adequada aos turistas, mas também de gerar empregos para a população.

Além disso, vêem o turismo como agente excludente dos direitos públicos. A salvaguarda da memória fica comprometida por deficiências educacionais. A

revalorização da arte local proporcionaria o incremento da atividade turística em Ouro Preto, atendendo às necessidades da população de maneira mais satisfatória.

No entendimento de Souza, artista plástico, seus quadros são uma forma de homenagear e preservar o centro histórico de Ouro Preto e, porque para ele, é o que seus clientes querem. Assim explica:

“Eu sempre gostei de colocar Ouro Preto com aquela aparência de 300 anos antes e que vai continuar assim com aquela imagem pura e as pessoas passam naquele momento e não ficam naquela obra que eu estou fazendo. Então placa e pessoas eu não coloco no quadro, só o barroco puro, é a natureza, a paisagem”.

Perguntei se ele notou mudança nesses anos em que reside na cidade, sua resposta:

“Mudou muito, tanto é que eu gosto de ir à rua desenhar. Detalhes muitas vezes eu faço no meu atelier porque eu ainda tenho dentro de mim. (...) Lembranças que foram destruídas com o passar do tempo aqui em Ouro Preto”.

O cenário da cidade, as fachadas do século XVIII, propiciaram um meio de sobrevivência para Sílvia, psico-pedagoga e proprietária de um comércio de “Fotos de época”. Seus clientes são turistas que se vestem com roupas em estilo antigo, com cartola, bengala e chapéus, e tiram fotos em preto e branco, banhadas em sépia, o que dá um aspecto de fotos envelhecidas. Não só a cidade serve de cenário, mas também Sílvia procura objetos antigos para compor o arranjo da foto. Para ela a cidade permite unir o lúdico e o lazer. As igrejas e as fachadas remetem ao sonho de uma outra época, o turista não conhece só um pouco do cenário da história do país, mas também pode fantasiar estar em outro século. Conta sua experiência:

“Eu comecei com dois vestidos que eu mesma rabisquei no papel, procurei uma costureira para fazer para mim. Uma cartola de Carnaval, uma bengala, todos objetos de lojas de Carnaval tá?! E Ouro Preto é uma cidade muito interessante porque dependendo das épocas que você começa as coisas, você tende a desanimar. Se você começa alguma coisa em julho, no Carnaval, no 12 de outubro você se empolga porque o

fluxo de turistas é muito alto, então conseqüentemente seu lucro te espanta tá. Ai eu comecei no Carnaval e a procura foi muito grande, vi que ia dar certo. (...) E com esse lucro do Carnaval eu já pude adquirir mais objetos né. Eu trabalhava precariamente, na rua mesmo, colocava as coisas dentro de um carro, arrumava as pessoas na rua né.

Quando vi que o negócio precisava de um espaço próprio né, mesmo pequeno. As pessoas tem muito do sonho nesse tipo de trabalho, o sonho de vestido, de ser cinderela?! (...) E ao mesmo tempo contrapondo a esse sonho, a timidez. Que é na realidade muito interessante. Que eu leio muito sobre psicologia e eu fico analisando as pessoas, ao mesmo tempo em que elas sonham, elas não querem ser vistas nesse sonho. Então o fato de ser na rua complicava bastante. As pessoas loucas para vestir, mas não querendo ser vistas. E sendo aqui dentro eu tenho essa possibilidade né.(...) Eu vivo procurando alguns objetos que eu possa encaixar aqui porque o clima da cidade ajuda e o ambiente da loja também favorece até para a empolgação da pessoa: “ah eu quero tirar do lado desse ferro de passar roupa antigo, quero tirar do lado daquela panela antiga, quero tirar do lado do violoncelo” tá, e outra coisa que o clima da cidade é envolvente: as ladeiras, as igrejas. Então assim, na verdade: tem os tímidos e os totalmente desinibidos que embarcam pelo sonho e se propõe a muito mais tempo nele do que a gente espera: e desfilando e passeando e filmando. E você vê que encarna mesmo algum personagem, como se acontecesse isso né”.

Essas fotos de época também são souvenirs juntamente com os objetos e lembranças de viagem vendidos nas lojas.

O artesanato, além de configurar e desenhar Ouro Preto como uma cidade peculiar através de seus produtos e dos materiais utilizados para fazê-los, também possibilita novas oportunidades para os moradores..

Para os artistas plásticos, a cidade é uma fonte permanente de inspiração assim como um prolífico meio de divulgação de suas obras. Cito o caso de Vladimir, artista plástico que vendia seus quadros em Mariana e preferiu vir para Ouro Preto por ter mais possibilidade de ser visto. Esta outra cidade, apesar de ser também histórica, não possui o fluxo de turistas abundante de que dispõe Ouro Preto. Outro exemplo, é Abelardo, que possui o ofício de pintar faixas de propaganda e resolveu diversificar pintando gravuras e paisagens de Ouro Preto em pedra-sabão. As suas figuras são réplicas dos cartões postais da cidade.

Este capítulo procurou mostrar como a população de Ouro Preto sente-se excluída e não se identifica com o tombamento dos bens, móveis ou imóveis, é elucidativo, nesse caso, o projeto do Museu Escola que procura trabalhar com as crianças de forma lúdica inculcando-lhes o sentimento de auto estima social e que estas apreendam o seu pertencimento a cidade histórica. Mas é um projeto a longo prazo.

Já a análise das propagandas turísticas procurou revelar o modo pelo qual Ouro Preto é construída com significados e quais os eventos e personagens que a destacam e se destacam, deixando a população fora deste conteúdo.

A metáfora de *péssima mãe e ótima madrasta* permite que se possa interpretar claramente o marcante sentimento de exclusão das políticas em Ouro Preto voltadas à população, lembrando que não são todos os moradores que assim o percebem, não se trata de uma univocidade, mas, sim, de uma clara pista para a minha análise.

Considerações finais

As entrevistas e observações revelaram que há uma identificação e um reconhecimento desse patrimônio por parte da população, ao mesmo tempo em que os moradores consideram a prática de preservação como sendo uma estratégia turística. Ainda que os moradores se apresentem como pessoas privilegiadas, já que são anfitriões e zeladores, também demonstram claramente o quanto significa o ônus desse privilégio de morar em uma cidade reconhecida pela UNESCO como patrimônio da humanidade.

Quanto aos direitos enaltecidos pelas propagandas turísticas e pela bibliografia especializada, a população tem em mente a representação de uma tensão estrutural: a cidade patrimônio e a cidade comum. Diferentemente do que deve ser concebida e gerenciada pelas autoridades locais, essa tensão tem várias re-interpretações ao longo do seu processo do tombamento.

O que procurei em um primeiro momento em *Vozes do Tombamento* foi a busca das vozes locais perdidas na construção desse processo que é a condição de uma cidade patrimônio nacional. Não apenas a sua implementação veio de um ato exterior aos interesses da cidade, pela campanha dos modernistas paulistas e mineiros, como também teve uma intensa participação local através de Vicente Racioppi e Lima Júnior.

Com o novo status alcançado pela cidade, a imprensa escrita local erigiu uma vocação turística para Ouro Preto, sem considerar que ela não possuía uma infra-estrutura condizente com tal vocação.

Atualmente as propagandas turísticas são re-elaboradas pela população local para fomentar esta importante fonte de renda.

A leitura das festas ritualizadas, aqui analisadas, permitiu indagar sobre as características dessa Ouro Preto: para a Igreja, o Carnaval polui a cidade, conforme o exemplo de padre Renato, que deixa claro que a Semana Santa é um momento diferente, no qual há paz e união, limpeza da cidade e purificação das almas. Já para os organizadores e participantes das escolas de samba e blocos, é uma forma de reivindicação dos direitos: cultura, lazer, participação política em sentido ampliado.

O ritual da Semana Santa revelou publicamente parte do acervo tombado, o barroco sacralizado em uma festa religiosa de piedade e invocação dos fiéis. O patrimônio sai dos museus. Os bens móveis e as esculturas consagradas de Aleijadinho se tornam mais significativas para os moradores porque são as igrejas que tais fiéis frequentam, simbolizando os cenários e palco onde sua fé se materializa. O barroco visitado e exposto, em mostras internacionais, como uma das formas representativas da arte nacional, com toda sua pompa e glória, vai às ruas em forma de símbolos religiosos. São adereços e objetos sagrados para os participantes das Irmandades que os carregam, os enfeitam, os reverenciam em solenes procissões. Que disputam espaço com pessoas e carros estacionados ao longo do trajeto percorrido. Para os turistas é um ótimo momento para fotografarem o que lhes é vedado fotografar durante a visitação às igrejas.

O patrimônio tombado é identificado pela população na esfera religiosa católica do ritual paralitúrgico. São cerimônias que levam o povo à praça e aos adros das igrejas, que também são as mais consagradas pelo roteiro turístico.

Significados de fé e atração turística se entrecruzam. A disposição das Irmandades revela seus atores: são as populações humildes que estão ao lado das camadas

privilegiadas, mas mantendo as distâncias da hierarquia social. Hierarquia apontada como resultante da ordem de fundação das Irmandades.

Mas se há o sentido religioso, esse acaba por ser enquadrado sob a alcunha de típico local. É a parte turística que atrai com as encenações piedosas. A festa aparece como sinônimo de tradição, cujo sentido é o de garantia de uma vida peculiar onde as relações pessoais se dão por laços de amizade e fé, onde todos compartilham do mesmo afeto e sinceros votos de engrandecimento do espetáculo esplendoroso e radiante em um cenário que ainda mantém as procissões ditas de tempos imemoriais e já perdidas em outros lugares do Brasil. O povo ouro-pretano é configurado como guardião de um legado de manifestações históricas igualadas aos bens tombados que constituem o patrimônio nacional. Bens e comunidade se complementam no ritual da Semana Santa quando então emergem as disputas que no dia a dia estão opacas e fugidias ao pesquisador.

O termo tradição apareceu com vários significados, ora sinônimo de autenticidade, passadismo, e até mesmo sinônimo de conservação da memória ouro-pretana. Além disso, quanto atrelado ao setor turístico é a garantia da autenticidade de Ouro Preto, cidade digna de ser patrimônio nacional e da humanidade, assumindo o caráter de singularidade em festas, edificações e erudição.

Já o conceito de drama social me permitiu verificar como se dá a questão da interligação proposta inicialmente: vida social ritualizada, turismo e patrimônio. Eles se articulam e se imbricam gerando um forte sentimento de exclusão social que pode ser interpretado na metáfora da *péssima mãe, ótima madrasta*. Chegam a tal ponto que reconhecem que é um direito legal, porém com alguns itens éticos que devem ser

revidos. As verbas destinadas à conservação dos monumentos são, segundo eles, mal aproveitadas e deveriam ser destinadas às carências da população. Esta é representada como uma classe baixa, de desprezível poder aquisitivo material e simbólico. Só reconhecem o acervo quando este está atrelado ao seu significado religioso. E nesse ponto sentiram-se mais uma vez excluídos quando das pretendidas mudanças da Semana Santa.

No caso do Carnaval, há várias cenas acontecendo ao mesmo tempo. Elas são reveladoras de que, se na Semana Santa a tradição apareceu com forte apelo de passadismo, no Carnaval é esse passado quem garante a pertinência de dada manifestação, no caso os blocos do ponto de vista da oficialidade. Mesmo que haja um trânsito dos foliões entre blocos e escolas de samba, estas últimas são vistas, de maneira geral, como uma importação de uma manifestação do Rio de Janeiro. Contraditoriamente, aparecem como uma tradição do ouro-pretano, pois é a partir delas que há um maior índice de reconhecimento dos moradores com o Carnaval. Mas, neste caso, a tradição popular não pode ser tomada como uma referência, porque as escolas de samba de Ouro Preto não possuem o mesmo luxo e pompa que as do Rio de Janeiro, não sendo, portanto, o principal atrativo de turistas na cidade patrimônio no parecer das vozes oficiais.

Na Semana Santa, curiosamente o termo tradição apareceu como desabonador para as manifestações paralitúrgicas, muito significativas tanto para a população quanto para os turistas. Já em relação ao Carnaval, a cidade utilizou o termo *tradição* como um chamariz para se efetivar a alcunha de Ouro Preto como um grande salão de festa a céu aberto por possuir um carnaval de blocos e de rua.

Resgatei os diferentes sentidos do termo tradição para mostrar como os seus significados oficiais aparecem correlacionados ao turismo, mantendo assim a vocação turística da cidade.

Porém, a manutenção de seu status turístico detem-se na formação da tensão de Ouro Preto do dia a dia: a cidade comum e a que é patrimônio. A população de Ouro Preto não se considera com direito à memória social, o que pode ser comprovado com a metáfora de *péssima mãe, ótima madrasta*.

Fontes e Arquivos Pesquisados:

Arquivo Edgar Leuenroth - UNICAMP

Arquivo Público Mineiro

Arquivo Municipal de Ouro Preto

Arquivo IPHAN – Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Rio de Janeiro

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Biblioteca Pública Estadual Luís Bessa – Belo Horizonte

Biblioteca Pública Municipal de Ouro Preto

Casa dos Contos – Ouro Preto

BIBLIOGRAFIA

Abdanur, E. Franca, Os “ilustrados” e a política cultural em São Paulo: o Departamento de Cultura na gestão Mário de Andrade (1935-1938). Dissertação de mestrado; UNICAMP, 1992.

Amaral, Aracy, Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas. São Paulo: FAPESP/34, 1997

Anderson, Benedict, Nação e Consciência Nacional. São Paulo: Ática, 1989.

Arantes, A.A, “A guerra dos lugares”. *Revista Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n ° 23/1994.(pp. 190-203).

_____ (org.) Produzindo o passado – estratégias de construção do patrimônio cultural.

São Paulo: Brasiliense/Condephaat, 1984.

_____ “Documentos Históricos, documentos de cultura” *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* n °22, 1987: 48-55.

_____ Paisagens Paulistanas – transformações do espaço público. Campinas: Editora da UNICAMP/Imprensa, Oficial 2000

_____ (org.) O Espaço da Diferença. Campinas: Papyrus, 2000

Bandeira, Manuel, Guia de Ouro Preto. São Paulo: Ediouro.

Barbosa, Lauro Sérgio Versiani e Dornelas, Humberto, Memórias de Ouro Preto. Ouro Preto: UFOP, 1993.

Bomeny, Helena. Guardiães da Razão – modernistas mineiros. Rio de Janeiro: UFRJ/Tempo Brasileiro

Cunha, Maria Clementina Pereira (org.) O Direito à memória – Patrimônio Histórico e Cidadania. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1992.

_____ “A Tradução da Tradição”, IFCH/UNICAMP, 1997, mimeo.

_____, “Vários Zés, um sobrenome: as muitas faces do senhor Pereira no carnaval carioca da cidade de São Paulo” em *Carnavais e outras f(r)estas*. Campinas: Editora da UNICAMP/Cecult, 2002.

_____, Malandros e Heróis, Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____, Patrimônio em Processo. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1997.

_____, Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____, Estado Teatro no século XIX. Lisboa/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

- , O Saber Local – novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1998.
- Gomes, Ângela de Castro, História e Historiadores – a política cultural do Estado Novo. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- Gonçalves, J. R. Santos, A Retórica da Perda – os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ/MinC-IPHAN; 1996.
- Hobsbawn, Eric J. e Ranger, Terence (org.), A invenção das Tradições. (trad.) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- Lage e Milone (org). Turismo. São Paulo: Atlas, 2000.
- Motta, Lia. “A SPHAN em Ouro Preto – uma história de conceitos e critérios”. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional n°22, 1987.
- Nogueira, A.G. R. O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Dissertação de Mestrado: São Paulo: PUC. 1995.
- Pereira, Leonardo A. de Miranda. Por trás das Máscaras: Machado de Assis e os literatos cariocas no carnaval na virada do século. Monografia IFCH/UNICAMP. 1991.
- Pinho, Osmundo de Araújo. Descentrando o Pelô: narrativas, territórios e desigualdades raciais no centro histórico de Salvador. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1996.
- Rodrigues, Marly, Alegorias do Passado – A instituição do patrimônio em São Paulo 1969-1987. Dissertação de mestrado, UNICAMP, 1994.
- Rubino, Silvana, As Fachadas da história : os antecedentes, a criação e os trabalhos do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 1937-1968. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1994.
- SEBRAE, Ouro Preto – diagnóstico municipal. Sistema de Informações Mercadológicas Municipais. Belo Horizonte: /MG; 1996.
- Senna, Nelson de, Bi-Centenário de Ouro Preto – 1711-1911. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do estado de Minas Gerais.
- Souza, Marina de Mello e, Parati – a cidade e as festas. Rio de Janeiro: UFRJ/ Tempo Brasileiro; 1994.
- Thompson, E. P. Costumes em Comum – estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- Turner, V. Schism and Continuity in na African Society. Manchester: Manchester: University Press, 1957
- _____. O Processo Ritual – estrutura e anti – estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974
- _____. From Ritual to Theater. New York: PAJ Publications, 1982.

The Antropology of Performance. New York: PAJ Publications, 1987.

Urry, J. O Olhar do Turista – lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel/SESC. 1996.

Van Gennep, A. OS ritos de Passagem Petrópolis: Vozes. 1978.

Vargas, Getúlio A Nova Política do Brasil vol. V Rio de Janeiro: José Olímpio.

Yáziqi, E.; Carlos, A.F.A.; Cruz, C.A.da. (org.) Turismo – espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Hucitec. 1996.

